



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM
JORNALISMO**

VICTOR LUCCA CERQUEIRA FERREIRA

**A REPRESENTAÇÃO DOS PAÍSES SUBALTERNOS NO
NOTICIÁRIO INTERNACIONAL: BRASIL, ARGENTINA,
ÁFRICA DO SUL E ÍNDIA**

Salvador
2022

VICTOR LUCCA CERQUEIRA FERREIRA

**A REPRESENTAÇÃO DOS PAÍSES SUBALTERNOS NO
JORNALISMO INTERNACIONAL: BRASIL, ARGENTINA,
ÁFRICA DO SUL E ÍNDIA**

Monografia apresentada ao curso de graduação da
Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para
a obtenção do título de Bacharel em Comunicação com
Habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Ivanise Hilbig de Andrade

Salvador
2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a meus pais; minha mãe, Selma Cerqueira, e meu pai, Sérgio Ferreira, por terem me dado a capacidade de me desenvolver fisicamente, cognitivamente e socialmente. Além de sempre me apoiarem nas minhas necessidades e sonhos.

À minha irmã, Maria Clara Ferreira, por ter me inspirado a ter cuidado e responsabilidade. E também gostaria de dizer que vejo e sinto nela um grande potencial como ser humano.

À minha avó, Aurea Stella Cerqueira, e tia, Denise Cerqueira, por sempre me darem apoio e comemorarem minhas conquistas junto comigo ao longo da vida.

À Nicole, minha namorada, que desde que conheci viu em mim muito valor e admiração, algo que às vezes nem mesmo eu sentia.

Agradeço à UFBA, enquanto instituição, por ter me dado a oportunidade de experienciar esses quatro anos de muita dedicação, aprendizado e crescimento dentro da minha jornada pessoal e profissional.

À professora orientadora Ivanise Andrade, por me guiar durante esse trabalho. Sempre propondo os melhores caminhos, me motivando e analisando o texto junto comigo. Sua participação nesse capítulo final da minha caminhada no curso de graduação foi muito importante.

Ao professor Fernando Conceição, do qual fui monitor de disciplina duas vezes, e que apesar do seu jeito polêmico e crítico, serviu como impulsionador a fazer mais e querer mais, na universidade e fora dela.

Aos amigos que fiz, no espaço da UFBA: João Victor Silva, Luís Eduardo Conceição, Daniel Aloísio, Mayara Bonfim, Taírys Nery; por experienciarem situações semelhantes às minhas e ter me ajudado em momentos importantes da minha vida pessoal e profissional.

À minha equipe do trabalho na Oktene/Conterp: Alessandra Souza, Carol Queiroz, Ronaldo Conceição, Daniel Neumayer.

À Joana Maltez, por ter me dado a primeira oportunidade de estágio profissional e ter visto potencial em mim, mesmo sem experiência prévia. Minha vivência no INTS foi o ponta-pé para muita coisa.

Por fim, dedico este TCC aos amigos estrangeiros que fiz por meio do aplicativo de intercâmbio linguístico, Tandem. Sem eles, não teria tido o insight para o tema deste TCC.

RESUMO

O desequilíbrio sócio-econômico entre países dominantes e subalternos favorece uma representação midiática maior das nações colonizadoras em comparação às nações colonizadas. Sendo um dos instrumentos de construção da realidade mais importantes, o jornalismo também é responsável pela perpetuação desse cenário. Diante do contexto de desigualdade de narrativas, este trabalho tem como objetivo analisar a construção da representação dos países subalternos no noticiário internacional: Brasil, Argentina, África do Sul e Índia; através das notícias publicadas nos sites do G1 (Brasil), TN Online (Argentina), News24 (África do Sul) e NDTV (Índia) em julho de 2022. Por meio do aparato teórico-metodológico da Análise de Conteúdo, o estudo busca entender como 386 notícias online, distribuídas entre esses sites, constroem a imagem desses países para a sua respectiva população.

Palavras-chave: representação, jornalismo internacional, países subalternos, análise de conteúdo

ABSTRACT

The socio-economic imbalance between dominant and subaltern countries favors a more vast media representation of the colonizing nations in comparison to the colonized nations. Being one of the most important instruments of the construction of reality, journalism is also responsible for perpetuating this scenario. Given the unequal context of narratives, this paper aims to analyze the structure of the representation of subaltern countries in international news: Brazil, Argentina, South Africa, and India; through the news published on the websites of G1 (Brazil), TN Online (Argentina), News24 (South Africa) and NDTV (India) in July 2022. Through the theoretical and methodological apparatus of Content Analysis, the study seeks to understand how 386 online news articles, distributed among these sites, construct the image of these countries for their respective populations.

Keywords: representation, international journalism, subaltern countries, content analysis

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Overview</i> do <i>Digital News Report</i> da Reuters do Brasil, representando quais veículos são mais lidos pelo público brasileiro.....	58
Figura 2 - <i>Overview</i> do <i>Digital News Report</i> da Reuters da África do Sul, representando quais veículos são mais lidos pelo público sul-africano.....	59
Figura 3 - <i>Overview</i> do <i>Digital News Report</i> da Reuters da Argentina, representando quais veículos são mais lidos pelo público argentino.....	59
Figura 4 - <i>Overview</i> do <i>Digital News Report</i> da Reuters da Índia, representando quais veículos são mais lidos pelo público indiano.....	60
Figura 5 - Tags da notícia “Brasil tem primeira alta mensal de mortes por Covid desde fevereiro, mas com baixa letalidade, aponta Secretária de Saúde” do G1.....	76
Figura 6 - Início da notícia “Homem morre após ingerir garrafa inteira de licor em dois minutos” do G1.....	77
Figura 7 - Início da notícia “As diferenças entre avanço na América Latina e ‘onda rosa’ de duas décadas” do G1.....	81
Figura 8 - Clipe da matéria do Estúdio 1 “Argentina: Homenagens nos 70 anos de morte de Evita Perón do Globo News.....	83
Figura 9 - Início de matéria da RFI “População mundial deve chegar a 8 bilhões em novembro de 2022” publicada no G1.....	85
Figura 10 - Início de matéria da TN “Sangriento operativo policial en una favela de Río de Janeiro: hay 18 muertos” publicada na TN.....	90
Figura 11 - Matéria paga “High-flying ithuba couple seals the deal on luxury jet” publicada no News24.....	95
Figura 12 - Matéria de tecnologia “Brazil’s Lender Itau Eyes Offering Cryptos To Retail Clients” publicada na NDTV.....	97
Diagrama 1 - Cruzamento entre veículos de comunicação e países.....	63
Gráfico 1 - Total de notícias por veículo.....	63

Gráfico 2 - Divisão por temas das notícias com menção à África do Sul no G1.....	74
Gráfico 3 - Divisão por nível de importância das notícias com menção à África do Sul no G1.....	75
Gráfico 4 - Divisão por responsável por representação das notícias com menção à África do Sul no G1.....	77
Gráfico 5 - Divisão por temas das notícias com menção à Argentina no G1.....	79
Gráfico 6 - Divisão por níveis de importância das notícias com menção à Argentina no G1.....	81
Gráfico 7 - Divisão por responsável por representação das notícias com menção à Argentina no G1.....	82
Gráfico 8 - Divisão por temas das notícias com menção à Índia no G1.....	84
Gráfico 9 - Divisão por nível de importância das notícias com menção à Índia no G1.....	86
Gráfico 10 - Divisão por apuração de notícias com menção à Índia no G1.....	87
Gráfico 11 - Divisão por temas de notícias com menção ao Brasil no TN Online.....	88
Gráfico 12 - Divisão por nível de importância de notícias com menção ao Brasil no TN Online.....	91
Gráfico 13 - Divisão de responsável pela representação de notícias com menção ao Brasil no TN Online.....	92
Gráfico 14 - Divisão de temas de notícias com menção ao Brasil no News24.....	93
Gráfico 15 - Divisão por responsável por apuração de notícias com menção o Brasil no News24.....	95
Gráfico 16 - Divisão por apuração de notícias com menção ao Brasil na NDTV.....	97
Gráfico 17 - Divisão por nível de importância de notícias com menção ao Brasil na NDTV.....	98
Gráfico 18 - Divisão por responsável de reprodução de notícias com menção ao Brasil na NDTV.....	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Categorias temáticas: nomenclaturas e definições.....	66
Tabela 2 - Categorias de importância: nomenclaturas e definições.....	67
Tabela 3 - Categorias de apuração: nomenclaturas e definições.....	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. OS SUBALTERNOS E A SUBALTERNIDADE.....	14
1.1 A REPRESENTAÇÃO DO DOMINANTE.....	16
1.1.1 A PROPAGANDA COMO ARMA DE COLONIZAÇÃO.....	17
1.2 A REPRESENTAÇÃO SUBALTERNA.....	20
1.3 A IMPORTÂNCIA DE NARRATIVAS.....	23
1.3.1 DOMINANTES NO CONTROLE DA NARRATIVA.....	26
2. O JORNALISMO INTERNACIONAL.....	30
2.1 O CONSUMIDOR DE NOTÍCIA INTERNACIONAL.....	30
2.1.1 OS SUBALTERNOS NO NOTICIÁRIO INTERNACIONAL.....	31
2.2 O PODER DAS AGÊNCIAS INTERNACIONAIS.....	32
2.2.1 PARA ALÉM DA NOTÍCIA.....	36
2.3 A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA.....	40
2.3.1 OS VALORES-NOTÍCIA E NOTICIABILIDADE.....	41
2.4 A INTERNET NO NOTICIÁRIO INTERNACIONAL.....	47
2.4.1 A INTERNET A SERVIÇO DOS DOMINANTES.....	49
3. ANÁLISES.....	54
3.1 METODOLOGIA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	54
3.2 PRÉ-ANÁLISE: DEFINIÇÃO DOS CRITÉRIOS DE PESQUISA.....	55
3.3 EXPLORAÇÃO DO MATERIAL: PERÍODO E AMOSTRAGEM.....	61

3.3.1	EXPLORAÇÃO DO MATERIAL: CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	64
3.4	TRATAMENTO E INTERPRETAÇÃO: HISTÓRICO E LINHA EDITORIAL DOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO.....	69
3.4.1	TRATAMENTO E INTERPRETAÇÃO: HISTÓRICO E LINHA EDITORIAL DO G1.....	70
3.4.2	TRATAMENTO E INTERPRETAÇÃO: HISTÓRICO E LINHA EDITORIAL DO TN ONLINE.....	71
3.4.3	TRATAMENTO E INTERPRETAÇÃO: HISTÓRICO E LINHA EDITORIAL DO NEWS24.....	72
3.4.4	TRATAMENTO E INTERPRETAÇÃO: HISTÓRICO E LINHA EDITORIAL DO NDTV.....	72
3.4.5	TRATAMENTO E INTERPRETAÇÃO: ANÁLISES QUANTITATIVAS E QUALITATIVA.....	73
3.5	COBERTURA DO G1 SOBRE A ÁFRICA DO SUL.....	73
3.5.1	COBERTURA DO G1 SOBRE A ARGENTINA.....	79
3.5.2	COBERTURA DO G1 SOBRE A ÍNDIA.....	84
3.5.3	COBERTURA DO TN ONLINE (ARGENTINA) SOBRE O BRASIL.....	87
3.5.4	COBERTURA DO NEWS24 (ÁFRICA DO SUL) SOBRE O BRASIL.....	94
3.5.5	COBERTURA DO NDTV (ÍNDIA) SOBRE O BRASIL.....	96
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
	REFERENCIAS.....	102
	ANEXOS.....	107

INTRODUÇÃO

O que você sabe da política indiana? Que opinião teria sobre a condição de vida em Gana? Quais os problemas sociais da Nicarágua? Talvez algumas pessoas consigam responder essas perguntas de maneira precisa, mas é provável que a maioria tenha uma resposta genérica ou simplesmente digam que “não fazem a menor ideia”. Contudo, ao fazer as mesmas indagações sobre países como EUA, França ou Alemanha, é naturalmente muito mais fácil dizer algo sobre a realidade desses locais, mesmo que estereotipado.

A obra *Opinião Pública* (1932) do jornalista Walter Lippmann é um dos marcos fundacionais do estudo da comunicação e do jornalismo como construtor da realidade. Nela, Lippmann estabelece o jornalismo como um agente ativo naquilo que as pessoas sabem sobre o mundo, mesmo que nunca tenham saído da sua cidade natal. “O único sentimento que alguém pode ter sobre um evento que não experiênciava é o sentimento despertado por sua imagem mental daquele evento” (LIPPMANN, 1932, p. 11).

Dessa maneira, o que possibilita a formação de imagens mentais sobre um evento, sobre uma pessoa, lugar ou ideia são, entre outros, os produtos midiáticos, pois eles permitem uma conexão metafísica com o objeto que não está presente para ser analisado em primeira mão. Enquanto o cinema ou a música tem a liberdade de representar o mundo por um viés artístico, o jornalismo tem a grande responsabilidade de interpretar o mundo “tal qual ele é”.

Isso não é totalmente possível, visto que vários fatores históricos-culturais, econômicos e da própria sistematização do fazer jornalístico impossibilitam a existência de uma cobertura totalmente imparcial e igualitária de todas as regiões do planeta. Logo, existe um desequilíbrio estrutural, que favorece uns em detrimento de outros.

No artigo “Pode o Subalterno Falar?”, a pesquisadora indiana Gayatri Spivak (2010) afirma que a origem deste jogo de poder existente no mundo é fruto do conflito sistêmico entre o “Sujeito Ocidente” e o “Sujeito Terceiro Mundo”, ou subalterno e dominante. Spivak defende que, por meio das relações coloniais e pós-coloniais entre esses dois lados, é imposta uma condição em que o *status quo* impede o subalterno¹ de falar.

Algumas das críticas mais radicais produzidas pelo Ocidente hoje são resultado de um desejo interessado do Ocidente de manter o sujeito Ocidente ou o Ocidente como sujeito. (SPIVAK, 2010, p. 21)

¹ O termo faz alusão ao trabalho do italiano Antonio Gramsci (1891–1937), que usou essa nomenclatura para se referir aos trabalhadores que aderiram ao sistema industrial e capitalista na Itália. O uso de Spivak é mais amplo e envolve as camadas mais baixas da sociedade de países subdesenvolvidos. O “subalterno”, neste trabalho, é usado como Spivak propõe, mas também foi feita uma apropriação para uma lógica de Estados. Então, será comum ao longo do texto a ideia de “países subalternos”. Ou seja, países excluídos do protagonismo geopolítico do mundo.

Considerando o jornalismo como um espaço de poder e de discurso, pode-se refletir que o sujeito dominante é o principal detentor e privilegiado das narrativas midiáticas. Por outro lado, o sujeito subalterno seria relegado a uma posição de coadjuvante nesses espaços. Um exemplo concreto para essa disparidade, de que algumas nações e pessoas importam mais do que outras, vem de um exemplo do jornalista João Batista Natali (2004), em seu livro “Jornalismo Internacional”.

Ele cita que, no ano 2000, houve nove quedas de aviões civis. Dentre elas, um avião que caiu em Luanda, Angola, e um outro acidente com uma aeronave que caiu próximo à Paris, França. No primeiro, morreram 39 pessoas, em sua maioria angolanas. No segundo voo, morreram 113 pessoas, de maioria alemã. O Globo, Estadão e Folha, jornais analisados por ele, deram a notícia e suites do acidente francês em oito edições seguidas, contra uma edição do acidente angolano. No total, comparando a quantidade de palavras entre as matérias sobre cada assunto, a tragédia em Paris teve 7 vezes mais palavras escritas para cada morto do que a tragédia em Luanda².

Natali considera que mesmo havendo mais mortes no acidente francês comparado ao acidente angolano, a diferença de repercussão não deveria ser tamanha. Ele argumenta que o jornalismo constrói alguns acontecimentos como socialmente mais importantes que outros.

Queda de avião pobre em país pobre é menos notícia que a queda de avião rico em país rico. O que é infelizmente verdade. Mas não é toda a verdade e não explica toda a discriminação presente no noticiário.”
(NATALI, 2004, p.8)

Diante do contexto exposto, o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem o seguinte questionamento: Como a imprensa tradicional de países subalternos cobre as notícias de outros países subalternos? Essa pergunta é, na verdade, uma extrapolação da premissa de que jornalismo é fruto da visão de mundo dominante. Estudos anteriores mostram que o jornalismo tende a dar mais holofotes aos países desenvolvidos/dominantes. Assim, entender a forma com que os países subalternos/subdesenvolvidos noticiam uns aos outros é crucial para entender as dinâmicas de representação no mundo e como essa visão interfere diretamente na atividade jornalística de países subalternos.

Além disso, outra preocupação da monografia é entender que tipo de conhecimentos sobre o mundo é veiculado nos meios de comunicação tradicionais, observando como a digitalização amplia a quantidade e o acesso a narrativas de/sobre países subalternos. Primeiramente, para chegar a possíveis respostas para essa questão, foi feito um esforço teórico para perceber como a subalternidade e o jornalismo internacional se relacionam.

²O acidente em Paris foi noticiado durante oito edições consecutivas pelos grandes jornais do mundo inteiro. Com relação aos três jornais brasileiros, a Folha, para cada morto, publicou 39 palavras. No Globo, foram 27 palavras, e no Estadão, 25.

Depois do entendimento teórico do problema, foi feita uma análise de conteúdo com quatro veículos de comunicação³ de países subalternos com o objetivo de verificar a confirmação das hipóteses levantadas e encontrar outras conclusões de como os países subalternos noticiam outros países subalternos. Sendo assim, a monografia está dividida em três capítulos: o primeiro capítulo aborda os conceitos de subalterno e de subalternidade, o segundo faz uma reflexão sobre a prática do jornalismo internacional e o último traz as discussões dos resultados da análise de conteúdo.

Vale considerar que termos como Terceiro Mundo e subdesenvolvido foram tratados na maior parte da monografia como sinônimos a subalterno⁴, porém o pensamento teórico da crítica indiana Gayatri Spivak prevalece em toda a análise teórica e prática da monografia.

O pensamento de Spivak foi a principal referência para a interpretação da noção de subalternidade, mas outros autores decoloniais, que tratam de temas parecidos, foram usados de suporte interpretativo, como Aníbal Quijano (2005) e Achille Mbembe (2017) no primeiro capítulo. Dentro desse mesmo assunto, era necessário destrinchar como funciona a narrativa discursiva dos países dominantes sobre os países subdesenvolvidos. Para isso, as técnicas de propaganda exemplificadas no livro “*Propaganda Technique in the World War*” de Harold Laswell (1927) foram usadas como paralelos para o domínio de mentalidade existente dos colonizadores sobre os colonizados.

No segundo capítulo, sobre o jornalismo internacional, foram utilizadas referências que explicassem o que é o jornalismo enquanto estrutura⁵ e o que relaciona de maneira mais ampla a profissão com a dicotomia subalterno e dominante. Para entender como o fazer jornalístico funciona foi usado o trabalho de Nelson Traquina (2005) com base nos valores-notícia propostos por ele e o favorecimento dos países dominantes na representação jornalística. Além disso, o livro “*Jornalismo Internacional*” de João Batista Natali (2004) foi fundamental para fazer um diagnóstico histórico do jornalismo internacional e seus elementos.

Em seguida, a última parte do capítulo dois aborda o papel da internet como o mais novo modelo de mídia na disseminação da informação. Para essa discussão, foi analisada a “cultura da internet” de acordo com que pensa o sociólogo espanhol Manuel Castells (2001)

³ G1 (Brasil), TN Online (Argentina), News24 (África do Sul), NDTV (Índia).

⁴ A nomenclatura Terceiro Mundo foi cunhada por Alfred Sauvy (1952). O termo subdesenvolvido usado na Divisão Norte-Sul do chanceler alemão Willy Brandt (1980). A denominação subalterno é utilizada por Gayatri Spivak em seus trabalhos (2010). Já os Estudos Subalternos (*Subaltern Studies*), que deram origem a denominação “subalterno”, provém de uma iniciativa do historiador indiano Renajit Guha (1982) para repensar a história indiana por meio de uma perspectiva nativa e pós-colonial. Com o tempo, essa coletânea de textos ganhou respaldo na África e na América Latina por meio de outros pensadores.

⁵ Outro ponto relevante para a estrutura do jornalismo, é a consideração de que quem produz o produto notícia são empresas de muito poder e que podem, sim, escolher pautas e assuntos que as favoreçam ou favoreçam os seus parceiros. Essas dinâmicas de poder são mais abordadas em Estudos de Economia Política da Comunicação (EPC).

aliada às perspectivas de outros estudiosos como Suzana Barbosa (2013) e Jose Van Dijck (2018).

O terceiro capítulo é inteiramente dedicado à pesquisa empírica do tema com o objetivo de responder à pergunta estabelecida por essa monografia. Por meio da metodologia da análise de conteúdo, foram coletadas 386 notícias de quatro meios de comunicação tradicionais no jornalismo digital (G1, TN Online, News24 e NDTV) de quatro países (Brasil, Argentina, África do Sul e Índia). Essas notícias foram observadas a partir de três categorias de análise: tema, importância, responsável por produção. Além disso, é importante pontuar que a escolha desses portais e países se deu por conta de terem um grande alcance de audiência em seus respectivos países, de acordo com o *Digital News Report* de 2022 da Reuters⁶. Em relação ao modelo de manipulação dos dados, foi muito inspirado na pesquisa da pesquisadora Maria Baldessar (2014), que também desenvolveu uma investigação sobre a cobertura internacional online com diferentes veículos de comunicação.

Por fim, a motivação para desenvolver um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) provém de um interesse individual por diversas culturas e idiomas, e inclusive a interação com pessoas de outros países, seja via mensagem ou videochamada. Fui observando que nas conversas pessoas de países subdesenvolvidos, normalmente havia um baixo conhecimento da realidade daquela nação se comparado quando conversava com pessoas de países desenvolvidos. Da mesma forma, tinha o mesmo sentimento quando percebia que a maioria dos estrangeiros não possuía muito conhecimento sobre o Brasil. Essa experiência pessoal me fez buscar no jornalismo possíveis respostas para esse questionamento.

⁶ Tenha acesso completo ao relatório por meio do link:
<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022>

1. OS SUBALTERNOS E A SUBALTERNIDADE

Para definir o conceito de subalterno e subalternidade é necessário entender as consequências sociais da colonização europeia no mundo e como ela influencia as relações de poder entre as diversas nações. Para o sociólogo peruano Aníbal Quijano (2019)⁷, a experiência colonial construiu sobre o colonizado dois eixos de poder.

O primeiro, e talvez mais importante, é a raça: uma espécie de divisão biológica entre os seres humanos, que colocava o branco europeu em uma posição natural de superioridade perante a qualquer outra população não-europeia.

O segundo eixo de poder está ancorado no capital e no mercado, de maneira que todas as possíveis formas de recursos e produção de riqueza foram raptadas para a comercialização na metrópole. A colonização estabelece, segundo Aníbal Quijano, um novo padrão de poder mundial, tanto econômico quanto político e cultural. Cria-se um novo “sistema-mundo”⁸.

Esta nova organização de sociedade estabelece duas classes de indivíduos: o subalterno e o dominante⁹. No prefácio do livro “Pode o subalterno falar?”, da filósofa indiana Gayatri Spivak (2010, p 12), o subalterno é definido como a pessoa que pertence “às camadas mais baixas da sociedade construída pelos modos específicos de exclusão de mercado, da representação política e legal e da possibilidade de se tornar membros plenos no estrato social dominante.”

Do outro lado, o dominante possui o controle sobre o que a realidade deve ser, em termos culturais, políticos, econômicos e sociais. Segundo o filósofo francês Louis Althusser, citado por Spivak (2010), a classe dominante estabelece uma reprodução do seu modo de vida, que deve ser perpetuado pela classe subalterna.

A reprodução da força de trabalho requer não apenas uma reprodução de suas habilidades, mas também e, ao mesmo tempo, uma reprodução de sua submissão à ideologia dominante por parte dos trabalhadores, e uma reprodução da habilidade de manipular a ideologia dominante corretamente por parte dos agentes de exploração e repressão, de modo que eles também venham a prover a preponderância da classe dominante “nas e por meio das palavras” [*par la parole*]. (ALTHUSSER, 1938, p. 132 – 133 *apud* SPIVAK, 2010, p.26)

Diante disso, essas duas entidades e divisões de mundo se perpetuam até a contemporaneidade. Talvez, o primeiro estudioso a colocar classificar esses países/pessoas

⁷ QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. Espacio Abierto, v. 28, n. 1, p. 255-301, 2019.

⁸ WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico e Civilização capitalista**; tradução Renato Aguiar, revisão de tradução César Benjamin e Immanuel Wallerstein.- Rio de Janeiro:Contraponto, 2001.

⁹ Essa nomenclatura não é utilizada por Quijano, mas a sua perspectiva de análise se relaciona com o conceito de subalterno e dominante de Spivak

para o resto do mundo foi o economista francês Alfred Sauvy (1986) em seu artigo *Une planète, trois mondes*¹⁰.

Falamos voluntariamente de dois mundos atualmente, a guerra possível, a coexistência deles etc, e esquecendo muito constantemente que existe um terceiro mundo, o mais importante e que, em suma, é o primeiro na cronologia. O conjunto daqueles que chamamos, ao estilo Nações Unidas, de países subdesenvolvidos (SAUVY, 1986, p.1, tradução nossa¹¹)

À época, Sauvy classificou o planeta em três. Primeiro mundo, composto por Estados Unidos e outras colônias de povoamento, como Austrália e Nova Zelândia, Europa Ocidental e Japão. Segundo Mundo, formado pelos membros da URSS e o Terceiro Mundo, constituído pela América Latina, África, Oriente Médio e Sudoeste asiático.

Posteriormente, essa nomenclatura entraria em desuso com a nova divisão proposta pelo chanceler alemão Willy Brandt (1980)¹² com o *Brandt Report*, uma comissão independente de questões de desenvolvimento internacionais. Nesse relatório, os países foram divididos entre Norte e Sul, sendo o primeiro grupo composto pelos países desenvolvidos e o segundo, pelos subdesenvolvidos e emergentes.

Entretanto, como visto anteriormente, essa condição de mundo não se construiu na Guerra Fria, muito pelo contrário, ela é muito mais profunda e fundacional. O sujeito subalterno é, de forma simplista, o colonizado e/ou o produto direto do projeto colonialista/imperialista europeu que se deu nas Américas, no início do século XV e nos continentes africano e asiático no século XIX¹³.

Dada a importância desse evento para o mundo globalizado como ele é, devemos perceber quais são as representações construídas em torno do dominante e do subalterno antes de qualquer análise sobre jornalismo internacional; pois a divisão dominante e subalterno possui uma relevância enorme na percepção de mundo da sociedade, mas também do próprio jornalismo.

1.1 A REPRESENTAÇÃO DO DOMINANTE

Segundo o sociólogo Aníbal Quijano, esse indivíduo provém de “uma região historicamente nova e constituía-se como uma nova id-entidade geocultural: Europa, mais

¹⁰ SAUVY, Alfred. Document: Trois mondes, une planète. *Vingtième siècle. Revue d'histoire*, p. 81-83, 1986. Primeira edição em 1952.

¹¹ Original: *Nous parlons volontairement de deux mondes en présence, de leur guerre possible, de leur coexistence, etc., oubliant trop souvent qu'il en existe un troisième, en somme, le plus important et le premier dans la chronologie. C'est l'ensemble de ceux que l'on appelle, en style Nations Unies, les pays sous-développés*

¹² STEWART, Frances. The Brandt Report. *The IDS Bulletin*, v. 12, n. 2, p. 36-38, 1981.

¹³ O estudo feito neste TCC privilegia o uso da palavra subalterno, em relação aos outros termos semelhantes, pois nele está incluído a perspectiva de colonização que é importante para analisar a relevância do Brasil, Argentina, África do Sul e Índia.

especificamente Europa Ocidental. Essa nova id-entidade geocultural emergia como a sede central do controle do mercado mundial” (QUIJANO, 2019, p.117)

Foi o branco europeu que mais conseguiu se colocar como influência cultural, política e econômica para o resto do mundo, principalmente graças à colonização. Embora, as armas, exércitos e superioridade tecnológica tenham sido importantes para o sucesso do projeto português, espanhol ou francês; nada é tão determinante para colonizar um povo do que a “narrativa”.

Para subjugar um povo a esse nível, é necessário evocar no seu grupo, na sua irmandade o sentimento, a crença de superioridade perante o outro. Qualquer grupo humano que esteja disposto a dominar outro grupo precisa acreditar que está do lado certo da história e que suas ações são totalmente justificáveis e lógicas.

Por isso, o crítico literário palestino-estadunidense, Edward Said (2011)¹⁴, afirma que o que está sempre em jogo na criação de impérios e da colonização é a disputa sobre o tempo/espaço, ou seja, a capacidade de utilizar a própria história para interpretar o presente e definir os caminhos para o futuro. O colonizador recupera suas glórias do passado como motivador de transformação do presente para criar um futuro que se deseja.

A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos, não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas. Esse problema alimenta discussões de toda espécie — acerca de influências, responsabilidades e julgamentos, sobre realidades presentes e prioridades futuras. (SAID, 2011, p.21)

O passado é um fenômeno construído e levado ao presente a todo momento e que obviamente sustenta pretensões e prioridades futuras. Então, quando uma esquadra de milhares de espanhóis do século XV parte em direção ao desconhecido do outro lado do mundo para colonizar esse território, não é uma ação isolada. Tal fato pode ser interpretado como uma continuidade de uma história anterior como Estado-Nação, unificado em 1469, após expulsar os mouros da Península Ibérica, ou como enviados de Deus para catequizar os pecadores¹⁵. Os espanhóis que chegaram às Américas sabiam dessa missão e transformaram o passado em uma nova perspectiva de presente para eles e para os nativos.

Ao falar do futuro, Said destaca esse período no tempo é a consequência direta das pretensões e desejos desses impérios; que anteriormente foram somente pretensões ou ideias. A execução concreta daquilo que se pensa formou o mundo que conhecemos hoje. Said é bem claro ao destacar as digitais de grandes impérios como o inglês, francês ou até mesmo português na construção dos valores materiais e imateriais do mundo contemporâneo.

¹⁴ SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Companhia de Bolso, 2011. Primeira edição: 1993

¹⁵ TURCI, Erica. **Reino de Espanha - O primeiro império global da era moderna**, Educação UOL. Disponível em <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/reino-de-espanha-o-primeiro-imperio-global-da-era-moderna.htm>> Acesso em 30 de Out de 2022.

Esse tipo de domínio ou possessão lançou as bases para o que, agora, é de fato um mundo inteiramente global. As comunicações eletrônicas, o alcance mundial do comércio, da disponibilidade dos recursos, das viagens, das informações sobre os padrões climáticos e as mudanças ecológicas unificaram até mesmo os locais mais remotos do mundo. Esse conjunto de padrões foi, a meu ver, possibilitado e inaugurado pelos impérios modernos (SAID, 2011, p.23)

Logo, essa onipresença imperial sobre vários territórios do globo produziu padrões de alimentação, vestuário, linguístico, literário, turístico que fortaleceram a visão de mundo desses impérios e criam nas sociedades que não pertencem a esse padrão um sentimento de incompletude, de incapacidade de realização, de derrotismo. Pois, de fato, o colonizador é o indivíduo que conseguiu criar uma narrativa (passado, presente e futuro) de vitória

1.1.1 A PROPAGANDA COMO ARMA DE COLONIZAÇÃO

Apesar de estar no contexto da Primeira Guerra Mundial, o livro “*Propaganda Technique in the War World*” do sociólogo americano Harold Lasswell (1965) é importantíssimo como ferramenta de análise da comunicação política e dessa construção de narrativa de “nós contra eles” que pode ser transportado para qualquer disputa política e territorial, como o processo de colonização¹⁶.

Uma das grandes estratégias para criar uma mentalidade colonizadora em uma determinada nação e no seu cidadão é a propaganda. Não a propaganda no sentido técnico ou de publicidade, mas em um sentido mais primitivo, de “propagar” uma ideia. Porém, essa ideia não surge do nada, não é um sentimento de paixão puramente, mas uma paixão com racionalidade, que cria uma ilusão da realidade tal qual como ela é.

A propaganda é um reflexo da imensidão, da racionalidade e da voluntariedade do mundo moderno. É a nova dinâmica da sociedade, pois o poder é subdividido e difundido, e mais pode ser ganho pela ilusão do que pela coerção. Tem todo o prestígio do novo e provoca toda a animosidade do desconcertado. Iluminar os mecanismos da propaganda é revelar as fontes secretas da ação social, e expor à crítica mais incisiva os nossos dogmas de soberania, de democracia, de honestidade, e da santidade da opinião individual. (LASSWELL, 1965, p 222, tradução nossa¹⁷)

Mesmo que a propaganda do século XX fosse muito mais avançada e difundida por diferentes meios de comunicação, inexistentes no início da aventura colonialista de muitas nações, o fenômeno da propaganda existia no período colonial e com princípios bastante parecidos.

¹⁶ O livro “*Propaganda Technique in the War World*” é um resultado de uma série de análises de propagandas da Primeira Guerra Mundial feitas pelo sociólogo Harold Laswell. Primeira edição: 1927

¹⁷ Original: *Propaganda is; a reflex; to the immensity, the rationality and wilfulness of the modern world. It is; the new dynamic of society, for power is; subdivided and diffused, and more can be won by illusion than by coercion. It has all the prestige of the new and provokes all the animosity of the baffled. To illuminate the mechanisms of propaganda is to reveal the secret springs of social action, and to expose to the most searching criticism our prevailing dogmas of sovereignty, of democracy, of honesty;, and of the sanctity of individual opinion.*

Um exemplo utilizado por Edward Said (2011) são os romances, que à época funcionavam como um dos grandes veículos de propaganda interna e que justificava toda a incursão por territórios, recursos e poder como o caminho natural da história de muitas nações.

Falar, como o faz O'Brien, da "propaganda de um império em expansão [que] criava, entre os que investem além de suas fronteiras, ilusões de segurança e falsas expectativas que aumentavam com os altos lucros" é, na verdade, falar de um clima gerado tanto pelo império quanto pelos romances, pela teoria racial e pela especulação geográfica, pelo conceito de identidade nacional e pela rotina urbana (ou rural). (SAID, 2011, p.24)

Então no fim, são várias concepções e mentalidades que se misturam para formar um sentimento coeso de paixão e razão sobre as suas próprias atitudes. Outro ponto importante é que a propaganda lida com o fator mental. O primeiro objetivo da propaganda é despertar o indivíduo para a animosidade da guerra, engajamento no ódio e culpar o inimigo, pois "nenhum governo terá sucesso sem o controle sobre a mente dos seus povos" (LASSWELL, 1965, p.10).

Para executar um plano de propaganda política bem-sucedido, Harold Lasswell defende quatro ações essenciais: *identificação do inimigo*, *satanização do inimigo*, *ilusão da vitória* e *desmoralização do inimigo*. Todas essas estratégias foram usadas pelas nações colonizadoras de uma forma ou de outra. Como explica Lasswell (1965) em seu livro, o primeiro passo é definir um inimigo. Com isto feito, a propaganda precisa investir caracterizar esse inimigo da forma mais mórbida, cruel e maléfica possível. O adversário é o mal completo.

Isso pode ser criado com coisas mais concretas como "ele nos atacou", mas também a partir de pequenas coisas, que provém da cultura e que podem reforçar um mal inerente. Um exemplo disso é a justificativa messiânica de cristianizar outros povos através da percepção de divindade europeia. Ou seja, o próprio fato de indígenas brasileiros não terem a mesma religião que os portugueses era tido como uma heresia, um pecado, um mal que precisava ser combatido a qualquer custo¹⁸.

No livro "O Povo Brasileiro" de Darcy Ribeiro (2015), há uma passagem muito interessante que demonstra como, do outro lado da narrativa, a chegada do cristianismo provocava uma traumatização e mais dor, ao invés de "acabar com os pecados".

Sobre esses índios assombrados o que lhes sucedia é que caiu sobre eles a pregação missionária, como um flagelo. Com ela, os índios souberam que era por culpa sua, de sua iniquidade, de seus pecados, que o bom deus dos céus caíra sobre eles, como um cão selvagem ameaçando lançá-los para sempre no inferno. O bem e o mal, a virtude e

¹⁸ Paráfrase de conteúdo contido no livro "O Povo Brasileiro" do antropólogo Darcy Ribeiro (2015). Primeira edição: 1995

o pecado, o valor e a covardia, tudo se confundia, transtrocando o belo com o feio e o ruim com o bom. (RIBEIRO, 2015, p.47)

Para Lasswell (1965), essas narrativas devem ser empilhadas e repetidas para treinar a mente para um único pensamento. Quando o inimigo é detectado, então a nação descarrega as suas energias sobre o inimigo e tende a ser intensificado mais e mais.

Ainda de acordo com Laswell, o segundo passo é estabelecer os objetivos que servem para despertar a ambição da vitória. O inimigo é o obstáculo para os nossos objetivos. É necessário eliminar as opiniões passivas e hesitantes, estabelecer um padrão punitivo, criar justificativas para matar com consciência limpa e produzir instituições jurídico-políticas que perpetuam esse comportamento.

O que implica na vitória de uma civilização sobre outra está não só na força, mas também na imposição cultural de um sistema que mine a existência e a possibilidade de existência do outro. O filósofo camaronês Achille Mbembe chama essa capacidade de imposição de soberania em seu artigo “Necropolítica” (2017)¹⁹.

A expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder. (MBEMBE, 2017, p.122)

Segundo Mbembe, o soberano justifica para si e para o oprimido a sua superioridade enquanto existência, de maneira que todos os valores culturais do soberano são inerentemente superiores ao do oprimido, inclusive, a vida do soberano vale mais que a vida do oprimido.

A terceira atitude mental a ser tomada é satanizar o inimigo. É preciso demonizar o inimigo, mesmo que seja por invenção, distorção ou exagero. O inimigo tem que ser algo tão monstruoso, para que a guerra seja justificada. Além disso, preceitos morais são importantes, pois a satanização vem daquilo que as pessoas têm medo. Jean-Paul Sartre, ao escrever o prefácio de “Os condenados da terra” de Frantz Fanon (2022)²⁰ sintetiza muito bem esse aspecto de satanização do outro como estratégia para se manter como moralmente correto. “Não há nada mais coerente do que um humanismo racista, visto que o europeu só foi capaz de se tornar homem gerando escravos e monstros” (SARTRE, 2022, pag. 17).

A quarta estratégia defendida por Laswell é a ilusão da vitória. O espírito de certeza pela vitória precisa ser feito, onde a moral é forte. Quem é bom vence, quem é justo necessita vencer. Ou seja, o lado vencedor é o certo. Essa ilusão é criada usando artifícios para deixar o seu lado maior e o outro menor, levando em conta que quem acha que vai vencer,

¹⁹ MBEMBE, A. (2017). Necropolítica. *Arte & Ensaios*, 2(32). 122-151.

²⁰ FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Editora Civilização Brasileira, 1968, 2022. Primeira edição: 1961

normalmente vence. Um exemplo concreto dessa mentalidade aplicada na prática foi o Destino Manifesto nos EUA do século XIX²¹.

À época, os americanos tinham uma crença convicta que eram destinados por Deus a conquistar e expandir todo o território americano, não importasse o povo que estava no caminho da nação. Com isso, boa parte dos indígenas norte-americanos foram dizimados.

Além disso, a última ação que deve ser feita para conseguir a vitória em uma disputa política é desmoralizar o inimigo. Ou seja, reduzir as partes de dentro do inimigo, desmantelá-lo. Um caso disso foi a união momentânea entre portugueses e tupis para expulsar os franceses do Rio Janeiro²², após se instalarem em uma ilha próxima à costa brasileira em 1555. Não havia o interesse em proteger os indígenas, mas somente impedir a apropriação da região por outro colonizador europeu.

Todas essas táticas de propaganda ocorrem simultaneamente dos dois lados, porém ao longo do decorrer da colonização os “perdedores” percebem que lutar pelos seus valores é inválido. A partir do momento que acontece essa mudança de chave, o dominante se transforma de fato em um dominante, pois ele conseguiu transportar o seu sentimento de superioridade para o subalterno. Não só o dominante considera o subalterno como tal, mas o próprio subalterno se vê como inferior e não se reconhece mais na sua identidade e costumes passados. A sua narrativa foi derrotada.

1.2 A REPRESENTAÇÃO SUBALTERNA

Se de um lado, a parte dominante faz uma imposição forte e máxima do seu modo de vida/cultura; do outro, a parte subalterna, segue na tentativa de resistência e de aceitação de uma cultura que não é a dela, mas que é parte da sua identidade. Frantz Fanon (2022) acredita que esse processo é árduo e na maioria dos casos sem uma resposta concreta.

A consciência nacional, em vez de ser a cristalização coordenada das aspirações mais íntimas da totalidade de um povo, em vez de ser o produto imediato mais palpável de mobilização popular, não será em todo caso senão uma forma sem conteúdo, frágil e grosseira. (FANON, 2022, pag. 123)

Diante disso, segundo o autor, existe uma dicotomia identitária muito grande na forma como o subalterno vê a si próprio e o mundo. Primeiro, está na tentativa de recuperação daquilo que ele já foi, antes de ser colonizado, e o segundo ponto está na perspectiva de que o que ele nunca será tão bom ou reluzente quanto a cultura dominante.

²¹ Destino Manifesto foi a crença dos americanos de que deveriam expandir o território das Treze Colônias para o oeste com o intuito de levar a civilização para outras regiões.

²² A Confederação dos Tamoios ou Guerra dos Tamoios foi uma revolta indígena ocorrida entre 1554 e 1567, da nação Tupinambá e os franceses, contra os colonizadores portugueses.

De acordo com Fanon, isso acontece não somente porque esse indivíduo foi mutilado pela cultura colonial, mas também por uma burguesia nacional subserviente aos interesses dos dominantes e de um espírito altamente cosmopolita e desinteressado no próprio país. Para compreender a formação dessa ideia de subalternidade é preciso entender dois fenômenos diferentes: a resistência e a aceitação dessa nova identidade.

No livro “O Povo Brasileiro”, Darcy Ribeiro retrata um pouco como era o Brasil antes da vinda dos portugueses. A costa atlântica era repleta de inúmeros povos indígenas que disputavam por território, alimento e estavam em constante mudança de alojamento. Entretanto, todo esse cenário mudou com a chegada dos europeus. Com alguns milhares de indivíduos vindos do além-mar, quase como extraterrestres, várias batalhas no plano biológico, ecológico, étnico, linguístico fizeram com que o rumo dessa terra, que viria a ser o Brasil, mudasse para sempre. “Era o brasileiro que surgia, construído com os tijolos dessas matrizes que iam sendo desfeitas” (RIBEIRO, 2015, pág.30)

Em seu artigo “*Otros fines del Mundo*”, o antropólogo mexicano Carlos Mondragón (2017) considera esse evento, seja nas Américas, Ásia ou África, como um acontecimento quase que apocalíptico para os povos originários.

Para grande parte da sociedade global, esses cenários de fim de mundo constituem horizontes futuros imaginados, portanto, antecipatórios. No entanto, para inúmeros povos cujas cosmologias e histórias são estranhas às neuroses apocalípticas da modernidade global – sociedades que chamamos de pequena escala, não-estatais, que distinguimos com a categoria genérica de “indígenas”, ou mesmo com o termo mais pejorativo de “tribais”-, esses tipos de cenários não são nem futuristas, nem fantasiosos. Para muitas dessas sociedades, o fim do mundo já aconteceu. (MONDRAGÓN, 2017, p. 61, tradução nossa²³)

Se considerarmos “mundo” como um conjunto de realidade, é possível dizer que durante a história vários mundos já foram destruídos, dando origem a outros. Entretanto, a colonização faz com que exista um ambiente turvo, entre o mundo que já existiu e o mundo que se quer ser. O Brasil, como vários outros países subalternos, são frutos desse meio.

A colonização causa esse distúrbio nos *status quo* vigente de qualquer sociedade, pois o que existia é perdido, dando lugar não ao outro, mas algo no meio. O que acontece com os povos que antes viviam aqui é a desfiguração completa da sua identidade. Frutos de uma sociedade de subgrupos submissos a relações de poder (subalternos). Uma política racista, que cria uma política de morte.

²³ Original: *Para buena parte de la sociedad global estos escenarios del fin del mundo constituyen horizontes de futuro imaginarios, y por lo tanto anticipatorios. Sin embargo, para incontables pueblos cuyas cosmologías e historias son ajenas a las neurosis apocalípticas de la modernidad global —sociedades a las que denominamos de pequeña escala, no-estatales, que distinguimos con la categoría genérica de “indígenas”, o incluso con el término más peyorativo de “tribales”—, este tipo de escenarios no son ni futuristas ni fantasiosos. Para muchas de esas sociedades, el fin del mundo ya sucedió.*

Segundo Mbembe, essa morte não só a morte biológica, mas uma morte política e midiática. Essa tripla morte equivale à dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social (expulsão da humanidade de modo geral). O subalterno máximo²⁴.

Para sobreviver a isso, o subalterno recorre a formas de resistência a partir de qualquer representação possível. Se tomarmos como exemplo o africano que veio ao Brasil, como ferramenta e instrumento de produção, o escravo conseguiu extrair de quase qualquer objeto, instrumento, linguagem ou gesto uma representação, e ainda lapidá-la²⁵.

Então, são os símbolos culturais que resistem à colonização, que representam em última instância esse sentimento de resistência e identidade. Para Mbembe, a existência de elementos culturais diferentes dos povos dominantes desafia a soberania e a forma de vida imposta por eles.

Desafiam a ideia de que, necessariamente, a racionalidade da vida passe pela morte do outro; ou que a soberania consista na vontade e capacidade de matar para possibilitar viver. (MBEMBE, 2017, p.129)

Ao longo do seu artigo, Carlos Mondragón reforça justamente essa capacidade de reinvenção de povos indígenas, por exemplo, a esse contexto apocalíptico. “São enormemente resistentes e persistentes; pois estão em coexistência mútua com o mundo material em que se encontram; com o mundo material sobre o qual se desenvolveram.” (MONDRAGÓN, 2017, p.68, tradução nossa²⁶)

Contudo, como já mostrado anteriormente, os valores da cultura subalterna sobreviventes não têm o mesmo status e prestígio que a cultura dominante. Essa crença está enraizada tanto na mentalidade dominante, como na mentalidade subalterna, de maneira que ela é progressivamente aceita como algo inato.

A mentalidade dominante é o ponto de ignição para que o projeto colonial tenha êxito, mas a sua perpetuação se deve ao fato do outro lado, o lado “derrotado”, progressivamente aceitar a dominação como algo natural e inerente ao mundo tal qual ele é.

Para o sociólogo peruano Aníbal Quijano (2019), o empenho europeu em se tornar o símbolo de modernidade, racionalidade e avanço no mundo produziu sobre as outras sociedades não-europeias, uma crença de que só há um único padrão de desenvolvimento possível: o europeu. Além de ser uma pretensão etnocentrista e provinciana, ela provoca um sentimento de que ser “europeu” significa mais do que ser “indiano”, “brasileiro” ou “sul-africano”. Tudo que simbolicamente coloque a pessoa a um passo mais próximo do padrão de vida estabelecido pelas metrópoles europeias, é visto como o mais “correto” ou “melhor”.

²⁴ Interpretação nossa das ideias de Mbembe.

²⁵ Símbolos culturais de resistência como o candomblé e a capoeira são exemplos disso.

²⁶ Original: *son enormemente resistentes y persistentes; no pueden ser de otra manera, pues están en coexistencia mutua con el mundo material sobre el que se han desarrollado.*

Não se trata, em consequência, de uma categoria que implica toda a história cognoscitiva em toda a Europa, nem na Europa Ocidental em particular. Em outras palavras, não se refere a todos os modos de conhecer de todos os europeus e em todas as épocas, mas a uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica, colonizando e sobrepondo-se a todas as demais, prévias ou diferentes, e a seus respectivos saberes concretos, tanto na Europa como no resto do mundo. (QUIJANO, 2019, p. 126)

Dessa maneira, o que sobra para o subalterno é lidar com essa nova condição, da maneira que lhe foi imposta. O sistema que o colocou ali não viabiliza possibilidades de que ele, enquanto indivíduo, seja e se perceba integralmente como participante da cultura subalterna. A partir do que foi exposto, conclui-se que o subalterno precisa aceitar esses novos valores para continuar existindo socialmente.

1.3 A IMPORTÂNCIA DE NARRATIVAS

Para que todo esse sistema complexo se perpetue não basta somente a execução dos processos coloniais de forma física. Eles precisam ser de alguma forma transportados no tempo-espaço por meio da mídia, por meio de representações e narrativas.

O prefácio escrito por Jean-Paul Sartre no livro “Os condenados da terra”, de Frantz Fanon (2022), é categórico ao definir quem é o sujeito subalterno enquanto indivíduo, quais as características que o tornam, ao olhar do dominador, inferior enquanto ser humano.

Não faz muito tempo que a terra tinha dois bilhões de habitantes, isto é, quinhentos milhões de homens e um bilhão e quinhentos milhões de indígenas. Os primeiros dispunham do Verbo, os outros pediam emprestado. Entre aqueles a estes, régulos vendidos, feudatários e uma falsa burguesia pré-fabricada serviam de intermediários. Às colônias a verdade: se mostrava nua; as “metrópoles” queriam-na vestida; era preciso que o indígena as amasse. Como às mães, por assim dizer. A elite europeia tentou engendrar um indigenato de elite; selecionava adolescentes, gravava-lhes na testa, com ferro em brasa, os princípios da cultura ocidental, metia-lhes na boca mordaças sonoras, expressões bombásticas e pastosas que grudam nos dentes; depois de breve estada na metrópole recambiava-os adulterados (FANON, 2022, p.3)

O que esse trecho revela basicamente é o processo de acultramento e distanciamento do sentido de existência original de um povo frente aos desejos e as intenções políticas, culturais, sociais, históricas e qualquer outro tipo de narrativa possível que eleve o colonizador. Isso não só teve influências no indivíduo, mas em toda uma forma de pensar/ver o mundo.

O sociólogo peruano Aníbal Quijano (2019) afirma que para as regiões não europeias foram estabelecidas novas identidades e uma nova história foi constituída. A Europa concentrou seus esforços em suprimir e substituir qualquer forma de produção de conhecimento e cultura que não a sua.

No processo que levou a esse resultado, os colonizadores exerceram diversas operações que dão conta das condições que levaram à configuração de um novo universo de relações intersubjetivas de dominação entre a Europa e o europeu e as demais regiões e populações do mundo, às quais estavam sendo atribuídas, no mesmo processo, novas identidades geoculturais. (QUIJANO, 2019, p.129)

Neste ponto mora a grande crítica de Spivak, pois quem “fala” pelo subalterno tende a ser o dominante. Existe um esforço para que as informações e narrativas sejam reprodutoras do sistema de opressão já existente, abdicando dos outros lados. Como ela mesmo pontua, “o espaço vazio do agente com o sol histórico da teoria - o Sujeito Europa”. (SPIVAK, 2010, p.29)

Conforme Spivak, o estrato dominante instituiu não só um novo modelo econômico de mundo (capitalista), uma nova representação política (colonialismo), mas recolocou em si um protagonismo não só sobre a própria narrativa, mas também sobre a narrativa subalterna. Ter o controle das representações a ponto de dizer o que é certo e o que é errado.

Spivak usa o conceito de representação em alemão, provenientes de duas palavras complementares para explicar esse fenômeno de controle de narrativas. A primeira é *Vertretung*, que significa assumir o lugar do outro em uma aceitação política. Ou seja, substituir uma identidade por outra.

O próprio uso oficial e obrigatório da língua da metrópole em suas colônias é uma prova desse processo. A partir do momento que o idioma originário perde o seu *status* de funcionalidade primária e gradualmente passa por um processo de transição de bilinguismo, ele já não é mais a fortaleza cultural de outrora. Depois, sofre uma pressão social e cultural tão forte, que os laços com a identidade inicial se perdem completamente com o tempo e a língua e a sua cultura morrem.

A segunda forma de representação é o *Darstellung*, que se relaciona mais com o que chamamos de performance, a visão estética que prefigura o ato de encenação. A essa característica, os objetos culturais como livros, filmes, notícias, peças são as mais elucidativas formas de representação.

À medida que não temos muito acesso ao mundo tal qual como ele é, grande parte do que é construído de pensamento sobre os outros e sobre nós mesmos provém dessas narrativas. Sejam verdadeiras ou ficcionais, a forma como se representa um grupo social para os outros e para o próprio grupo é determinante na configuração do que determinado povo é, positivamente ou negativamente.

Para Spivak, existe uma sofisticada engrenagem cultural e de “violência epistêmica” contra aquilo que o subalterno representa e é, esse indivíduo tende a não se reconhecer como

tal ou vê sua própria narrativa como algo de segunda classe. As ligações histórico-culturais antigas são apagadas e dão lugar ao dominante e à visão do dominante, perpetuada pela mídia.

Spivak classifica o indivíduo subalterno como um “sujeito-desejante” ou “efeito”. Ele é aquele que vislumbra a posição das instâncias específicas de desejo e da máquina do desejo. O subalterno anseia em se tornar o dominante e proteger os interesses da cultura dominante.

Apesar de se encontrar na base da estrutura social, os subalternos têm a elite (grupos dominantes estrangeiros, grupos dominantes nativos e grupos dominantes nativos regionais) como guia daquilo que é bom, valoroso e rico em termos culturais. Além disso, os próprios grupos dominantes nativos percebem no dominante estrangeiro uma superioridade.

Um exemplo que ilustra bem o sentimento de desejo e apreço pelo dominante estrangeiro pode ser percebido no relatório da Organização Mundial do Turismo de 2020 (UNWTO Tourism Recovery Tracker²⁷), que apresenta os países mais visitados no mundo naquele ano. Dos 10 países mais visitados no mundo (França, Espanha, Estados Unidos, China, Itália, México, Reino Unido, Turquia, Alemanha e Tailândia), mais da metade são países considerados como dominantes (França, Espanha, Itália, Reino Unido, EUA e Alemanha).

Tal resultado não tem a ver somente com o bom nível socioeconômico desses países, mas com o efeito cultural de desejo por aquilo que é “superior”. Há um sentimento latente em conhecer esses locais, pois eles são construídos por uma grande quantidade de narrativas midiáticas, que interferem no imaginário das pessoas sobre o que eles são culturalmente.

No artigo “Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã”, o antropólogo francês Marc Augé (2006)²⁸ explica muito bem como essas “histórias” interferem na nossa percepção de um espaço, seja ele um país ou um bairro.

Sabemos que os jovens dos subúrbios “se precipitam” por Paris sábado à noite, e mais precisamente em certos bairros: Bastilles, Forum des Halles, Champs-Élysées, que, sem dúvida, lhes parecem condensar a quinta-essência do “espetáculo” urbano. (AUGÉ, 2006, p.111)

Em resumo, existem locais (bairros, cidades, países), que possuem um *status* cultural e importância perante aos outros. Essa sensação foi criada principalmente em torno da Europa. Edward Said (2011), crítico literário palestino, destaca também um caminho inverso, o rebaixamento dos outros povos. De acordo com os seus estudos, a cultura oitocentista imperial está repleta de palavras e conceitos como “raças servis” ou “inferiores”, “povos subordinados” (SAID, 2011, pág. 27).

²⁷ Tenha acesso completo ao relatório no link: <https://www.unwto.org/unwto-tourism-recovery-tracker>

²⁸ AUGÉ, Marc. Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, p. 99-117, 2006.

Ver a Europa, e suas manifestações culturais, como superior e os “outros” como subalternos não é uma escolha, mas o caminho natural de interpretação do mundo, fruto do projeto imperialista europeu. Quijano (2019) aponta que o fato de se imaginar como predestinados a uma trajetória civilizatória, levou os brancos europeus de um estado de natureza a uma condição de “mais moderno e avançado” da espécie.

Entretanto para Quijano, essa mentalidade eurocêntrica não se prova verdadeira se considerarmos a modernidade como um conjunto de ideias que favorece a novidade, o avançado, o racional científico, laico e secular. Esses fatores são características encontradas e possíveis em todas as culturas e períodos históricos. Prova dessa perspectiva pode ser vista nas chamadas altas culturas pré-colonização: China, Índia, Egito, Grécia e Maia-Asteca, anteriores ao atual sistema-mundo, já demonstram características de um pensamento científico, secularizado e instrumentalizado.

Houve uma pretensão eurocêntrica de ser a única protagonista da modernidade e propor uma modernização de todas as populações não-europeias, com a premissa de "civilização". Esse empreendimento foi extremamente bem-sucedido. Said (2011) destaca muito bem essa dominância territorial e conseqüentemente cultural do mundo.

Considere-se que, em 1800, as potências ocidentais reivindicavam 55%, mas, na verdade, detinham 35% da superfície do globo, e em 1878 essa proporção chegou a 67% (...). Em 1914, a Europa tinha um total aproximado de 85% do mundo, na forma de colônias, protetorados, domínios e *commonwealths*. (SAID, 2011, p.25).

Em resumo, como ele mesmo afirma, atualmente não existe nenhum norte-americano, africano, europeu, latino-americano, indiano, caribenho, etc. que não tenha sido dominado culturalmente por esses impérios do passado. De maneira que, toda forma de racionalidade e perspectiva de conhecimento gerada a partir do europeu dominante se tornou hegemônica, colonizando e sobrepondo as demais tanto na Europa quanto no resto do mundo.

1.3.1 DOMINANTES NO CONTROLE DA NARRATIVA

O desnível de quantidade e qualidade de narrativas entre países dominantes e subalternos produz uma visão de mundo torpe e perigosa. Em 2009, a escritora nigeriana Chimamanda Adichie fez uma reflexão importante sobre esse tema. Durante uma apresentação através da plataforma de conferências TED, ela falou sobre um conceito do qual chamou de “*The danger of a single story*” (o perigo de uma única história).

Ela acredita que quando menos se sabe sobre algo, seja um país ou uma pessoa, maior é a tendência de se estereotipar ou diminuir aquilo a uma única história ou nenhuma. Muito disso vem de uma evidente relação de poder que define quem fala (dominante) e quem não pode falar (subalterno). Adichie comenta que:

É impossível falar sobre uma única história sem falar de poder. Há uma palavra em Igbo, que toda vez que penso sobre estruturas de poder no mundo, eu penso na palavra “nkali”. Esse substantivo pode ser livremente traduzido como “ser maior que outro”. No nosso mundo econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do nkali: Como elas são contadas, quem as conta, onde elas são contadas e quantas vezes elas são contadas, depende realmente do poder que se tem. Poder não é somente a habilidade de contar a história do outro, mas torná-la a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreveu que se você quiser minimizar um povo, o jeito mais simples de fazer isso é contar a história deles e começar com “em segundo lugar”. Comece a história com as flechas dos nativos americanos e não com a chegada dos britânicos e você terá uma história completamente diferente. (ADICHIE, 2009, tradução nossa²⁹)

O que vem sendo construído ao longo desse mergulho teórico é a concepção de que existem lacunas narrativas do mundo. Lacunas essas que são geradas pela relação de poder existente entre dominantes e subalternos. É preciso tensionar a imutabilidade de alguns valores para diversificar a forma e gerar mais pluralidade de representações. Para o filósofo jamaicano Stuart Hall (2016)³⁰, a representação é essencial na transmissão de uma cultura e na produção de significados.

Essa transmissão é cíclica e se retroalimenta. Então, quando o objeto real (identidade) é representado em alguma mídia, não podemos considerá-lo como algo separado da mídia. Muito pelo contrário, a representação é responsável por dar sentido àquele objeto. O significado não está no objeto, na pessoa, ou na coisa e muito menos na palavra. Somos nós que fixamos tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural.

Essa representação, se estimulada, cria uma noção de “identidade” tão forte quanto o objeto real, fazendo parte de uma coisa só. No vídeo *Representation & Media* (1997)³¹, Stuart Hall, explica que as representações construídas pelos meios de comunicação de massa contribuem para a cristalização de “verdades” em nossas mentes.

O verdadeiro significado de algo depende de qual interpretação as pessoas tiram daquilo. E as interpretações que as pessoas tiram daquilo depende de como é representado. Então, um evento na Irlanda do Norte, por exemplo, não existe até que ele seja representado. E isso é um processo totalmente diferente, pois nós não estamos falando de uma representação depois do evento, mas que o verdadeiro significado vem da representação. Essas representações tendem a ser muito diversas à medida que, vem de pessoas, grupos, partes da sociedade e períodos históricos diferentes, com isso o significado também será diferente (HALL, 1997, tradução nossa)

²⁹ Original: *It is impossible to talk about the single story without talking about power. There is a word, an Igbo word, that I think about whenever I think about the power structures of the world, and it is “nkali.” It’s a noun that loosely translates to “to be greater than another.” Like our economic and political worlds, stories too are defined by the principle of nkali: How they are told, who tells them, when they’re told, how many stories are told, are really dependent on power. Power is the ability not just to tell the story of another person, but to make it the definitive story of that person. The Palestinian poet Mourid Barghouti writes that if you want to dispossess a people, the simplest way to do it is to tell their story and to start with, “secondly.” Start the story with the arrows of the Native Americans, and not with the arrival of the British, and you have an entirely different story.*

³⁰ Paráfrase dos conceitos desenvolvidos em HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC, 2016. Primeira edição: 1997

³¹ Lila2727. **Representation and Media Stuart Hall 1997 (Definition of Representation)**. YouTube, 28 de jul. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HXdqV6cjHqs&t=1s>>. Acesso em: 25 de jul. 2022.

Logo, se, no exterior, grande parte das notícias (representações) que envolvem o Brasil é de um país pobre, que sofre com desmatamentos e é instável politicamente, essa será a principal história do Brasil, que algumas populações do mundo terão acesso.

Isso não tem só repercussão no “imaginário” global sobre determinado país, mas tem consequências práticas em torno de conflitos sociais relevantes, como xenofobia, racismo e outros tipos de preconceito, bem como sobre a descrença em torno do jornalismo por aqueles que são mal representados. Chimamanda Adichie conclui que:

Sempre achei que é impossível se envolver adequadamente com um lugar ou pessoa sem me envolver com todas as histórias desse lugar e dessa pessoa. A consequência da história única é a seguinte: rouba a dignidade das pessoas. Isso dificulta o nosso reconhecimento de nossa humanidade igualitária. Enfatiza como somos diferentes, em vez de como somos semelhantes. (ADICHIE, 2009, tradução nossa³²).

Obviamente, o que deve ficar claro a partir de uma análise como essa, é que uma narrativa única ou repetitiva não é necessariamente falsa (ela pode ser verdadeira muitas vezes), porém, enquanto artifício de criação de um cenário sobre determinado lugar ou pessoa, ela se torna incompleta.

Um fator preponderante para definir a veracidade daquilo que se conta está condicionado a quem é o interlocutor: quem conta a “história”. Se tomarmos como referência a narrativa de cisão entre colonizadores e colonizados, a superioridade do primeiro em relação ao segundo é uma premissa “verdadeira”. Porém, isso só vira “realidade”, quando é construído com símbolos e status de superioridade ao longo do tempo, de maneira que o objeto “narrado” corrobora com essa narrativa.

Por exemplo, se compararmos Espanha (colonizador) e Argentina (colonizado), é possível ver uma enorme distinção na situação socio-econômica dos dois países atualmente. Esse contexto atual foi construído por meio de eventos históricos e demonstrações de superioridade dos espanhóis perante a terra, a população e as riquezas da Argentina. No livro “Por que as Nações Fracassam” dos autores Damon Acemoglu e James Robinson (2012)³³, é relevado um pouco das intenções dos europeus no território argentino.

No começo de 1516, o navegador espanhol Juan Díaz de Solís deparou-se com um largo estuário no litoral leste da América do Sul. Desembarcando, Solís reclamou a terra para a Espanha, batizando o rio de Río de la Plata, já que os habitantes locais possuíam prata. Os indígenas dos dois lados do estuário – os charruas, no atual Uruguai, e os querandís, nas planícies que ficariam conhecidas como pampas da moderna Argentina – viram os recém-chegados com hostilidade. (ACEMOGLU E ROBINSON, 2012, pág 9.)

³² Original: *I've always felt that it is impossible to engage properly with a place or a person without engaging with all of the stories of that place and that person. The consequence of the single story is this: It robs people of dignity. It makes our recognition of our equal humanity difficult. It emphasizes how we are different rather than how we are similar.*

³³ Este livro é um estudo histórico e econômico sobre o porque alguns países prosperam e outros não.

Em uma análise geral, não importa muito de que modo aconteceu o processo da colonização, mas que o lado colonizador saiu fortalecido, culturalmente e economicamente. A narrativa de que a Espanha é um país desbravador e a Argentina, um território de exploração prevaleceu e se tornou realidade.

Enquanto a Espanha tem a 17^a maior economia do mundo atualmente, o país sul-americano é subdesenvolvido e ainda sofre com grande instabilidade econômica³⁴. Esse fato é uma verdade quase que absoluta até o momento, e o jornalismo vai tentar enquadrar as duas nações nos quadros de representação que lhe cabem. Muito menos do que uma questão de certo ou errado, é uma maneira de organizar o mundo.

A partir dos questionamentos apresentados durante esse capítulo, o jornalismo é uma das principais fontes de representação da realidade e bebe fortemente dessa visão de mundo estabelecida. Isso pode ser comprovado tanto pela estrutura de funcionamento da profissão, mas também pelo produto concreto dela, as notícias. O capítulo seguinte tem como objetivo explicar historicamente, socialmente e politicamente o jornalismo internacional e as suas contradições.

³⁴ *World Economic Outlook Report October 2022, International Monetary Fund*. Disponível em <<https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2022/10/11/world-economic-outlook-october-2022>> . Acessado em: 01 de nov de 2022.

2. O JORNALISMO INTERNACIONAL

De acordo com o livro “Jornalismo Internacional”, do jornalista João Batista Natali (2004), o jornalismo internacional nasce no século XVI com uma forte influência dos interesses financeiros e políticos europeus. De acordo com Natali (2004), o “inventor” do jornalismo internacional é o banqueiro Jacob Függer von der Lelie. Esse indivíduo foi quem financiou a campanha de Carlos V para tornar-se o imperador do chamado Império Cristão do Ocidente. Seu poder se estendia, em território, da Espanha à parte da Alemanha, Áustria e Países Baixos.

Com o objetivo de ter informações mais precisas sobre o que acontecia fora da Alemanha, ele encomendava regularmente notícias que tivessem alguma utilidade para os seus negócios. Por exemplo, o valor de determinadas mercadorias, saber sobre conflitos regionais e a forma com que esses conflitos afetavam o tráfego pelas estradas, as cotações dos pedágios e outros tipos de interesses.

Essas notícias e análises eram consolidadas e redistribuídas na própria rede de agentes da casa bancária. Mesmo sem querer, cria-se aí um embrião daquilo que seria o jornalismo e o jornalismo internacional, propriamente dito. Já no século XVIII, se consolidou na Europa um novo tipo de mercado: o de informações.

Informações são valiosas e estratégicas, vendo esse potencial quem possuía grandes negócios, cavalos e boas estradas criou um serviço chamado correio. A criação dos correios não só facilitou a troca de informações cotidianas, mas foi importante para o fortalecimento do jornalismo. Natali destaca que, em 1680, já havia um serviço postal em Londres que permitia a entrega de envelopes e publicações no mesmo dia em que eram postados.

Isso representa uma grande mudança em termos de distribuição de jornais e revistas, que agora poderiam ser feitas em larga escala. Por exemplo, entre 1610 e 1645, jornais baseados em informações econômicas e políticas já circulavam na Suíça, Áustria, Hungria, Inglaterra e França.

2.1 O CONSUMIDOR DO NOTICIÁRIO INTERNACIONAL

Natali (2004) ressalta que nos séculos seguintes os avanços tecnológicos possibilitaram um alcance maior e mais rápido de informações, mas que em relação ao tipo de conteúdo não houve mudanças fundamentais. A notícia era um produto de consumo de um mercado elitista que tinha interesses econômicos e políticos em diversos assuntos.

A pauta internacional é um desses assuntos: na época servia para diferenciar o burguês do operário ou do camponês iletrado. Para esse indivíduo, a notícia não era algo trivial e de entretenimento, mas uma ferramenta de inserção econômica.

Diante disso, o jornalismo internacional nasceu como um produto elitista, que visava atender as necessidades por informação, principalmente, do burguês europeu ou americano sobre o resto do mundo e sobre si próprio.

Por que é que não saiu do Equador ou da Hungria um modelo internacional de jornalismo? Mesmo com tais exemplos fictícios, a resposta seria simples. Na história do jornalismo, a ascensão da bandeira de determinada agência esteve estreitamente atrelada à bandeira do país em que ela instalou sua sede e no qual fincou seus interesses. A França, o Reino Unido e os Estados Unidos foram países em ascensão no momento em que a industrialização os projetava por suas ambições expansionistas e por seu poderio industrial e mercantil. E, também, pelo poderio de sua imprensa. Em outras palavras, a história do jornalismo internacional é de algum modo a história dos vencedores. Os perdedores têm uma imagem bastante brumosa do passado de seu próprio jornalismo. (NATALI, 2004, p.19).

É interessante pensar que a influência desses países (EUA, França e Reino Unido) no noticiário internacional ainda é bastante significativa em todo o mundo. Por exemplo, as quatro maiores agências de notícias do mundo pertencem a essas três nações: Reuters (Reino Unido), Associated Press (EUA), United Press International (EUA) e Agence France-Presse (França)³⁵.

O monopólio da produção de informações por essas potências condicionou não só as narrativas sobre si próprias (normalmente de protagonismo), mas também sobre o mundo exterior (coadjuvantes). Há uma enorme correlação entre o colonialismo, o imperialismo e essa relação dominante e dominado com a maneira pela qual o jornalismo internacional é praticado no mundo.

2.1.1 OS SUBALTERNOS NO NOTICIÁRIO INTERNACIONAL

Os ditos subalternos, historicamente, tendem a não ser o objeto principal noticiado, nem com a mesma frequência ou importância. Pelo contrário, ele normalmente só vira pauta quando o acontecimento interfere no cenário de um dominante. Até mesmo nos países subalternos como o Brasil, historicamente, é construída uma pauta internacional mais voltada para os países dominantes do que para outros países subalternos.

Ao falar sobre a situação do Brasil no início do século XIX, Natali conta que maioria da cobertura brasileira se concentrava nas questões internas, o que é compreensível, pois ainda existia uma grande dificuldade técnica em ir para outros países ou receber informações de outros locais. Contudo, mesmo os temas internos estavam muito ligados aos assuntos de interesse norte-americano ou europeu, que era considerado um polo de ideias e conflitos.

³⁵ Reuters possui 4,4 milhões de seguidores no Instagram; AFP possui 750 mil seguidores no Instagram; Associated Press tem mais de 265 mil seguidores no LinkedIn; UPI tem mais de 14 mil seguidores no Instagram.

O país começa a ter um acesso maior às notícias vindas de outros países quando em 1874 um cabo estendido no leito do Atlântico conectava por telégrafo o Brasil à Europa. De maneira que não era mais preciso esperar por demorados 28 dias para que um barco a vapor chegasse ao Rio de Janeiro com notícias da Europa.

Outra questão interessante trazida por Natali em seu livro é que o plano de imigração proposto pelo governo brasileiro no século XIX, que visava substituir a mão de obra escrava nas plantações de café e "embranquecer" o país com imigrantes europeus, impulsionou a demanda por notícias vindas da Europa e até alguns jornais estrangeiros passaram a circular no Brasil.

Dessa forma, é possível observar que o olhar noticioso, historicamente, é voltado para o chamado "primeiro mundo" se pensarmos na divisão proposta por Alfred Sauvy (1952) e relega o "terceiro mundo" a uma posição de coadjuvante. Já no século XX, isso foi comprovado mais uma vez pelo estudo do sociólogo americano Herbert Gans (1979)³⁶.

Em meio a Guerra Fria, ele analisou os jornais das TVs americanas, *CBS Evening News* e *NBC Nightly News*. O que ele percebeu é que a cobertura norte-americana do mundo era dividida em três categorias de países: Estados Unidos e seus aliados, União Soviética e seus aliados e o restante do mundo. Enquanto os dois primeiros tinham destaque e monopolizavam o noticiário, muitas vezes o último só era apresentado em situações de grande dramaticidade e tragédia.

2.2 O PODER DAS AGÊNCIAS INTERNACIONAIS

Essa forma de ver o mundo deve muito ao poder das agências internacionais, sendo importantíssima para se entender como a engrenagem do noticiário internacional funciona. Juan Somavía (1976), no artigo "*La Estructura Transnacional de Poder y la Información Internacional. Elementos para la definición de políticas frente a las agencias, transnacionales de noticias*", analisa o que ele chama de "poder transnacional" e, mais especificamente, o papel das agências de notícia.

Somavía acredita que existe um sistema internacional cuja racionalidade opera em favor dos países desenvolvidos na tentativa de perpetuar as relações coloniais e dependência que existiram e existem entre centro e periferia.

Essa estrutura transnacional de poder tem como objetivo expandir e consolidar ainda mais a sua influência no mundo e para isso, o domínio da informação é crucial. Para isso, algumas pautas são bastante importantes de se emplacar em termos de princípios. Algumas delas são estabilidade política, eficiência, ciência econômica, criatividade tecnológica, a "lógica" do mercado, os benefícios do consumismo, defesa da liberdade, etc.

³⁶ GANS, Herbert J. **Deciding what's news: A study of CBS evening news, NBC nightly news, Newsweek, and Time**. Northwestern University Press, 2004.

Por trás dessa defesa de princípios, ele percebe uma motivação para fazer imutável o *status quo* do mundo e ainda perpetuar as diferenças entre desenvolvidos e subdesenvolvidos. Ele explica:

Em nome da estabilidade política, defende o status quo e os regimes mais conservadores que garantam a falta de profundas mudanças estruturais nas sociedades subdesenvolvidas chamadas; em nome da eficiência, promove a expansão das corporações transnacionais, que se originam nele, como uma solução "tecnicamente" ideal para problemas de crescimento e desenvolvimento econômico; em nome da criatividade tecnológica, concentra enormes recursos em esforços de pesquisa e desenvolvimento ligados ao seu aparato industrial/militar e aos interesses que têm pouco a ver com as reais necessidades dos subnacionais desenvolvidos; em nome da "lógica" do mercado, defende que os governos abdicarem de sua responsabilidade fundamental, definir e orientar a natureza desenvolvimento nacional, promovendo formas de organização social que nas mãos de grandes empresas privadas a decisão sobre o quê, quanto, como e para quem produzir; em nome da bondade do consumismo, orienta a produção apenas para aqueles que efetivamente têm capacidade de renda para consumir. Consolidando assim estilos de desenvolvimento ligados aos setores mais favorecidos da sociedade e marginalizando as maiorias nacionais do processo econômico e social do mundo subdesenvolvido; enfim, em nome da liberdade, bloqueia, intervém e desestabiliza as experiências renovadoras de governos progressistas que apoiam apoiar e apoiar regimes baseados na violação sistemática dos direitos humanos. (SOMAVÍA, 1976, p.50, tradução nossa³⁷)

Ele acredita que para conseguir esses objetivos são necessários instrumentos influentes que conseguem dar conta de expressar as diversas dimensões do poder transnacional. O primeiro deles é a dimensão militar por meio dos exércitos, os serviços de inteligência e as alianças como a OTAN e SEATO.

Outro ponto importante é a dimensão econômica. Nela estão configuradas estruturas como promoção de negócios transnacional, reforço de princípios e acordos favoráveis ao sistema (FMI, Banco Mundial), enfraquecimento de instrumentos que questionam aspectos do sistema (UNCTAD, associações de produtores, controle de organizações nacionais, regionais), incentivo à implementação de modelos de privatização.

³⁷ Original: *En nombre de la estabilidad política, defiende el Statu quo y los regímenes más conservadores que aseguren la falta de cambios estructurales profundos en las sociedades subdesarrolladas; en nombre de la eficiencia, promueve la expansión de las empresas transnacionales, que se originan en su seno, como solución "técnicamente" ideal para los problemas del crecimiento y desarrollo económico; en nombre de la creatividad tecnológica, concentra enormes recursos en esfuerzos de investigación y desarrollo vinculados a su aparato industrial/militar y a los intereses de sus empresas transnacionales, que poco tienen que ver con las necesidades reales de los pueblos subdesarrollados; en nombre de la "lógica" del mercado, propugna que los gobiernos abdicuen de su responsabilidad fundamental cual es definir y orientar la naturaleza del desarrollo nacional, promoviendo formas de organización social que dejen en manos de las grandes empresas privadas la decisión de qué, cuánto, cómo y para quién producir; en nombre de la bondad del consumismo, orienta la producción sólo hacia quienes efectivamente tienen capacidad de ingreso para consumir, consolidando así, estilos de desarrollo vinculados a los sectores más favorecidos de la sociedad y marginando del proceso económico y social a las mayorías nacionales del mundo subdesarrollado; finalmente, en nombre de la libertad, bloquea, interviene y desestabiliza las experiencias renovadoras de gobiernos progresistas apoyando y respaldando regímenes basados en la violación sistemática de los derechos humanos.*

Por fim, ele destaca uma dimensão que, à época, estava começando a se tornar mais forte e robusta que é a comunicação. Tudo isso por meio de agências de notícias, publicidade, filmes, quadrinhos e todo tipo de mídia.

Ele considera que seus diversos componentes, tendo sua origem majoritária em países desenvolvidos, reforçam-se mutuamente, estimulando aspirações a formas de organização social e estilos de desenvolvimento imitativos dos países capitalistas desenvolvidos. Porém, esse modelo só é consumido e vislumbrado em países do terceiro mundo por uma alta classe com uma grande concentração de renda, conivente com a desigualdade social.

Outro ponto importante é que existe uma pressão da informação absurda e sufocante sobre os países subdesenvolvidos que os impossibilitam de ver além do mundo desenvolvido. Nesse argumento, é que se encontra o papel crucial das agências de notícia na construção de uma narrativa dominante.

Em termos estruturais, as maiores agências de notícias, como Reuters e Agence France Presse, estão 100% nas mãos de seus países de origem desenvolvidos. Muitas vezes ligadas ao governo, mas também com um discurso de “liberdade de imprensa e de informação”. Somavia percebe nessa justificativa uma forma de legitimar seu direito de agir exclusivamente de acordo com seus interesses, sua visão particular dos fatos e os determinantes políticos e econômicos do sistema transnacional do qual fazem parte.

A pesquisadora equatoriana Raquel Salinas (1984) vê também como problemática essa interferência que as agências possuem em pautar o que deve ser considerado importante no mundo, inclusive, aquilo que um país subalterno deve ver como mais relevante. Em seu livro “*Agencias transnacionales de información y el Tercer Mundo*”, ela cita a Comissão Macbride³⁸. Essa comissão foi responsável por produzir um relatório patrocinado pela UNESCO publicado em 1980. Neste documento, foi evidenciado que “80% das notícias que circulam ao redor do mundo são de somente quatro agências”.

Em seu livro, ela cita o diretor-executivo da Freedom House³⁹ naquela época, Leonard Sussman, que fez uma análise mais profunda do que, na prática, isso significaria.

Os quatro serviços de notícias mundiais escrevem cerca de 3,5 milhões de palavras por dia. As agências mundiais respondem juntas por 50 por cento - não 80 por cento - do total não-notícias escritas diariamente no mundo, mas isso corresponde a 95 por cento do fluxo real de notícias. Uma história de 500 palavras pode aparecer em dez transmissões diferentes, tendo originado no Cairo, pode ir a Londres, ser transmitido

³⁸ O Relatório MacBride, também conhecido como "Um Mundo e Muitas Vozes", foi um documento da UNESCO publicado em 1980 e redigido por uma comissão presidida pelo irlandês Seán MacBride, vencedor do prêmio Nobel da Paz. Seu objetivo era analisar problemas da comunicação no mundo em sociedades modernas, particularmente em relação à comunicação de massa e à imprensa internacional, e então sugerir uma nova ordem comunicacional para resolver estes problemas e promover a paz e o desenvolvimento humano.

³⁹ Freedom House é organização sem fins lucrativos fundada em 1941 em Washington. A fundação tem como objetivo defender os direitos humanos, democracia, estados de direito e a liberdade de imprensa.

à África, podem ser enviados separadamente para outras partes da Europa, passe para Nova York para cada um dos serviços do norte, traduzidos para o espanhol para a América Latina e para o português para Brasil, abreviado para rádio e reescrito para serviços econômicos Assim, a história original de 500 palavras pode aparecer em contas de computador e podem totalizar 5.000 repetições, 10 vezes a história original (SUSSMAN, 1977, pág.11 apud SALINAS, 1984, pág.83, tradução nossa⁴⁰).

Outra coisa importantíssima nessa equação não é somente o fator tradição e poder informal, mas econômico. Muitos países subdesenvolvidos possuem agências próprias para o mercado interno, porém sem a mesma infraestrutura, pessoal e correspondentes para fazer uma cobertura bem diversificada, inclusive do cenário interno.

Dessa forma, muitas dessas agências são meras reproduzoras do discurso oficial, dependendo muito do aporte informacional do Estado e conseqüentemente a cobertura de agências internacionais sobre as notícias do estrangeiro.

Segundo o relatório Macbride, documento da UNESCO citado anteriormente, a AFP (Agence France Presse) possuía, à época⁴¹, contratos de venda e troca com 54 agências nacionais e vendia seus serviços, sem troca, para outras 15 agências. Sem contar que muitas vezes as agências de notícias do terceiro mundo são braços de alguma das quatro grandes⁴².

Um bom exemplo que materializa esse poderio das agências internacionais é a Nigéria. Em 1979, foi criada a agência nacional do país por meio de uma forte influência da AP (Associated Press). Inclusive, muitas vezes, o conteúdo passado era integral da AP, mesmo sem essa obrigatoriedade⁴³.

Os altos custos que existem na “tradução” daquela história para a realidade do país e a precariedade do mercado interno explica essa tendência. Outro fenômeno recorrente e muito utilizado é a distribuição indireta. Isso significa que os meios locais não recebem o total catálogo de notícias disponíveis pela agência, mas uma quantidade reduzida e direcionada sobre a pauta do mundo naquele dia.

No seu livro escrito em 1984, Raquel Salinas, acreditava que a solução para essa questão poderia estar mais na própria mentalidade do sistema, ao invés do meio técnico em si.

⁴⁰ Original: *Los cuatro servicios mundiales de noticias escriben alrededor de 3,5 millones de palabras al día. Las agencias mundiales responden en conjunto por el 50 por ciento —no el 80 por ciento— del total de las noticias escritas a diario en el mundo, pero esto corresponde al 95 por ciento del flujo real de noticias. Una historia de 500 palabras puede aparecer en diez transmisiones diferentes. Habiendo se originado en El Cairo, puede ir a Londres para ser transmitida al África, puede ser enviada separadamente a otros lugares de Europa, pasar a Nueva York para cada uno de los servicios norteamericanos, traducida al español para América Latina y al portugués para Brasil, acortada para la radio y reescrita para los servicios económicos. Así, la historia original de 500 palabras puede aparecer en las cuentas del computador con un total de 5.000, 10 veces su longitud original.*

⁴¹ O relatório foi publicado em 1980.

⁴² SALINAS, 1984, pág. 87

⁴³ SALINAS, 1984, pág. 88

Entretanto, as agências internacionais poderiam ter um papel fundamental em alguns desequilíbrios de conteúdo que caracterizam esse tipo de serviço, mas não o fazem.

Outra questão é que, algumas vezes, os próprios veículos de comunicação noticiosos locais e nacionais são responsáveis por esse desequilíbrio na produção de discurso midiático sobre si e sobre outros países. Tais veículos, em tese, possuem uma autonomia e um controle sobre a cobertura da realidade do próprio país que não é de fato explorada.

O que se vê, na verdade, nas palavras dela: “sua seleção de conteúdos reproduz até em níveis assombrosos a linha fixada pelas fontes transnacionais” (SALINAS, 1984, p.89, tradução nossa⁴⁴). Óbvio que nem todos os meios de comunicação tem exatamente as mesmas pautas em uma escala individual, mas existe uma similaridade imensa quando se enxerga por assuntos e abordagem comunicativa.

Tendo em vista esse cenário, a pesquisadora argentina Délia Druetta em seu artigo “*Informe MacBride: 40 años de utopias postergadas*” (2021)⁴⁵, apresentou uma nova releitura do relatório Macbride e uma tentativa de análise da comunicação atual. Entre as discussões do texto, ela identifica que a última década do século XX e o próprio século XXI se caracteriza por uma expansão do acesso, uso e apropriação dos novos dispositivos e plataformas, mas que com esses benefícios vêm uma armadilha: uma nova tecnologia não muda as pessoas.

O cavalo de Troia, anunciado antecipadamente no relatório Macbride, cavalga no contexto atual da digitalização: as tecnologias importam também o modo de vida, a estrutura comercial, política e social do país que as produz e vende (DRUETTA, p.28, 2021, tradução nossa⁴⁶)

Dessa forma, alguns *modus operandi* da década de 80 ainda fazem parte da nossa realidade atual, mas agora com novos atores e problemáticas, como as fakes news, as formas de trabalho precarizadas e a falta de financiamento para agências de comunicação. A verdade é que, como dito anteriormente, existem questões éticas e deontológicas que vão além do fazer jornalístico e que estão impregnadas no seu exercício cotidiano e resultantes em inviabilizar histórias que saiam do padrão global estabelecido do que é notícia.

2.2.1 PARA ALÉM DA NOTÍCIA

No artigo “*La Estructura Transnacional de Poder y la Información Internacional. Elementos para la definición de políticas frente a las agencias, transnacionales de noticias*”,

⁴⁴ Original: *Su selección de contenidos reproduce hasta niveles asombrosos las líneas fijadas por las fuentes transnacionales.*

⁴⁵ Druetta, Delia. “*Informe MacBride: 40 años de utopias postergadas*” Um mundo e muitas vozes: da utopia à distopia? pág.19-32. 2021.

⁴⁶ Original: *el caballo de Troia anunciado tempranamente en el Macbride, cabalga en el contexto actual de la digitalización: las tecnologías se importan junto con el modo de vida, la estructura comercial, política y social de país que las produce y vende.*

o diplomata chileno Juan Somavía (1976) destaca que a forma de pensar e essa dicotomia entre países subdesenvolvidos e desenvolvidos definem toda a lógica do noticiário internacional em sua macroescala. Ele diz:

Os critérios de seleção de notícias são determinados, consciente ou mecanicamente, pelos interesses políticos e econômicos do sistema transnacional e dos países onde esse sistema tem suas raízes. Assim, tornaram-se um elemento central nos mecanismos nacionais e internacionais tendentes a manter o status quo e impedir mudanças reais. Politicamente, eles potencializam a informação tendendo a demonstrar que o sistema “funciona” adequadamente e minimizam o que implica em denunciar o estado de coisas. (SOMAVÍA, 1976, p.52, tradução nossa⁴⁷)

Para ele, um exemplo concreto disso é como o noticiário internacional trata a OPEP (Organização dos Produtores e Exportadores de Petróleo). O controle do petróleo nas mãos de poucos países tem obviamente um impacto elevado na condição de vida de todo o mundo, considerando que esse combustível fóssil é, ainda hoje, a principal fonte energética do planeta.

Somavía acredita que alguns desses impactos podem ser a inflação em diversos insumos básicos, como a gasolina, barganha de preços e esfacelamento da economia mundial de tempos em tempos. Porém, para ele, essas análises ficam muito no campo superficial e pouco revelam das implicações históricas e econômicas das decisões da OPEP a longo prazo; pois existe uma preocupação financeira e de lucro sobre esse tipo de notícia que deixa eclipsado qualquer outro tipo de abordagem.

O mesmo pode ser dito com o tipo de informação vinculada sobre o terceiro mundo, muito focada nos fracassos e contradições desses países na tentativa de aprofundar ainda mais uma visão de disparidade e caos. Algo que ele diz estimular concepções de “quarto e quinto mundo” (SOMAVÍA, 1976).

Além dessa perspectiva sobre assuntos específicos, o personagem da notícia sofre uma adjetivação diferente de acordo com a sua origem. Um paralelo interessante, que é feito pelo diplomata chileno, é entre os presidentes Salvador Allende (Chile) e Gerald Ford (EUA).

Fala-se do presidente "marxista" Salvador Allende, sem que nenhuma agência se permita falar do presidente "capitalista" Gerald Ford. Líderes políticos progressistas são apresentados como "extremistas" ou "rebeldes", sem falar em políticos conservadores e retrógrados em relação àqueles que são. (SOMAVÍA, 1976, p.54, tradução nossa⁴⁸)

⁴⁷Original: *Los criterios de selección de la noticia están determinados, consciente o mecánicamente por los intereses políticos y económicos del sistema transnacional y de los países donde dicho sistema tiene sus raíces. Así, se han constituido en un elemento central dentro de los dispositivos nacionales e internacionales tendientes a mantener el statu quo e impedir cambios reales. Politicamente realzan la información tendiente a demostrar que el sistema "funciona" adecuadamente y minimizan aquella que implica denunciar el estado de cosas.*

⁴⁸Original: *Se habla del presidente "marxista" Salvador Allende, sin que ninguna agencia se permita hablar del presidente "capitalista" Gerald Ford. Los líderes políticos progresistas son presentados como "extremistas" o "rebeldes", sin que se hable de políticos conservadores o retrógrados respecto de aquellos que lo son.*

Esse tipo de linguagem causa uma impressão implícita de naturalidade/normalidade sobre a postura dos países dominantes perante ao mundo. Um senso de ordem que, quando ameaçada, deve acusar e rechaçar essa anormalidade. Ele classifica em seu artigo cinco pontos que causam esse sentimento de distorção no conteúdo noticioso⁴⁹.

O primeiro aspecto importante é a superdimensionar fatos sem uma transcendência real. O anedótico, folclórico e trivial dos países de centro se transforma muitas vezes em um acontecimento super importante no país subdesenvolvido. Um exemplo interessante desse tipo de dinâmica é a cobertura realizada sobre a família real britânica, principalmente nos casamentos dos seus membros⁵⁰.

Em segundo lugar, ele aponta para os fatos isolados que apresentam o todo. Muitas vezes, realidades parciais e específicas foram juntadas para compor um “todo”, que de fato não existe. O noticiário internacional feito sobre a Colômbia é um bom exemplo dessa dinâmica. Muito do que se vê e se viu neste país latino-americano para o mundo provinha da influência que tinha Pablo Escobar e os cartéis de droga⁵¹. Além de suítes mais atuais, como a situação das FARC⁵². De fato, esse é um problema grande na sociedade colombiana, mas será mesmo que a Colômbia, enquanto estado-nação, se resume somente à exportação de drogas? O que é representado pela mídia internacional vira a imagem completa, apesar de apresentar lacunas de realidade.

O terceiro ponto é a distorção da "implicação", que consiste em apresentar fatos de tal forma que suas consequências implícitas sejam favoráveis ao interesse do sistema transnacional. Ou seja, destacar aspectos negativos dos acontecimentos em países progressistas ou minimizar suas realizações, bem como focar em benefícios de instrumentos centrais do sistema, como as empresas transnacionais.

Já o quarto ponto é a condição de que alguns eventos que têm uma dimensão específica são apresentados de tal forma que criam medos ou preocupações infundadas, condicionando as ações futuras de pessoas, empresas, grupos sociais ou governos. Para esse argumento, Somavía traz uma notícia da UPI, que diz:

⁴⁹ Não que devemos considerar que os fatos são falsos, mas a forma que eles são apresentados semanticamente modifica a percepção da narrativa pelo público.

⁵⁰ **Mais de 29 milhões de espectadores assistem ao Casamento Real do Príncipe Harry e Meghan Markle**, Nielsen. Disponível em <<https://www.nielsen.com/pt/insights/2018/over-29-million-viewers-watch-prince-harry-and-meghan-markles-wedding/#:~:text=Mais%20de%2029%20milh%C3%B5es%20de,Pr%C3%ADncipe%20Harry%20e%20Meghan%20Markle>> Acesso em 31 de out de 2022.

⁵¹ FRAZÃO, Dilva, **Pablo Escobar, Narcotraficante colombiano**, E-Biografia. Disponível em <https://www.ebiografia.com/pablo_escobar/#:~:text=Pablo%20Escobar%20foi%20um%20narcotraficante,criminoso%20mais%20procurado%20do%20mundo.> Acesso em 31 de out de 2022.

⁵² COSOY, Natalio. **Como a guerra entre o governo da Colômbia e as Farc começou e por que ela durou mais de 50 anos**, BBC Mundo. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37181620>> Acesso em 31 de out de 2022.

“Nova York, 27 de fevereiro (UPI) - Há uma preocupação compreensível em Washington sobre uma reunião de vários dos principais países produtores de bauxita, originalmente agendada para 5 de março em Conacri, Guiné. Alguns especialistas acreditam que a conferência pode ser o início da criação de uma série de cartéis internacionais que controlariam matérias-primas essenciais para as nações industrializadas, **o que poderia atrasar a economia dos EUA em mais de 40 anos.**” (SOMAVÍA, 1976, p.54, negrito do autor, tradução nossa)

Em termos práticos, essa ação dos principais produtores de bauxita não causou retração de mais de 40 anos na economia americana. Apesar do erro de cálculo à época, o mais revelador desse tipo de informação é como a interferência de um país subalterno na agenda de um dominante pode causar um alvoroço maior do que o que é de fato.

A quinta e última constatação dele tem a ver com o silêncio de situações que deixaram de interessar aos países desenvolvidos. Ele cita o caso do Vietnã como bem emblemático. O país deixa de ser notícia quando os Estados Unidos são derrotados, em circunstâncias onde o processo de reunificação e esforços de desenvolvimento, depois de uma guerra dessa magnitude, teria inegavelmente uma importância internacional.

Todo esse arcabouço histórico e de análises do cenário do jornalismo internacional, principalmente no século XX, não é algo isolado ou circunscrito à dinâmica da guerra fria. Maria José Baldessar (2014) também tentou criar um cenário das pautas internacionais, mas agora no contexto do século XXI.

O seu artigo “Noticiário Internacional: Um mapa de contradições e influências ideológicas”⁵³ apresenta uma pesquisa extensa com várias notícias de alguns jornais e agências em suas versões online a fim de mapear o jornalismo internacional veiculado em sites noticiosos no Brasil.

O que ela percebe em sua pesquisa é que a aparente liberdade da internet não se transforma em variabilidade de assuntos e narrativas com países diversificados. Os países com maior volume de notícias são os de maior IDH, como EUA, Inglaterra e França⁵⁴. Enquanto isso, os países de menor IDH se encontram de maneira restrita no noticiário internacional e de forma bem similar em todos os veículos.

Além disso, países como Iraque, Palestina e Israel tiveram uma grande quantidade de notícias na amostragem feita por Baldessar, pois estavam envolvidos diretamente com os EUA ou com um conflito de interesse do mundo desenvolvido. O que ela conclui é que, apesar de um contexto de multipolaridade do mundo, a dominância de certos atores continua intacta, na prática.

⁵³ Baldessar, Maria José. “Noticiário internacional: um mapa de contradições e influências ideológicas e econômicas”. Geografias da Comunicação: espaço de observação, pág.129-142. 2014.

⁵⁴ *Human Development Index (HDI)*, United Nations. Disponível em <<https://hdr.undp.org/data-center/human-development-index#/indicies/HDI>>

Hoje o que verificamos é uma forte presença dos assuntos de interesse americanos na mídia internacional, desde a economia ao combate ao terrorismo e, em alguma medida, as questões de interesse da União Européia, enquanto bloco, embora em menor escala. A presença de praticamente todos os continentes na mídia internacional, sob forma de notícias, é derivada da expansão do capitalismo e do recrudescimento da política exterior americana. Assim, por exemplo, o combate aos maoístas no Nepal, os cortes de ajuda financeira aos estados palestinos, as sanções econômicas contra Cuba, Coréia do Norte e Irã, a intervenção no Iraque e Afeganistão, as disputas com os nacionalistas latino-americanos da Venezuela, Peru, Bolívia e mesmo Brasil, estão intrinsecamente ligados a esses dois fatores. (BALDESSAR, 2014, p. 140).

Passado a apresentação da estrutura histórico-social do jornalismo internacional, e principalmente, as diretrizes dessa relação mais íntima entre as notícias do exterior e a subalternidade, é necessário entender o que possibilita um fato ou acontecimento se tornar notícia. Quais os valores praticados por jornalistas e estudantes de jornalismo na hora de produzir notícia e por que elas são como são? Perceber como determinados valores-notícias interferem no julgamento do mundo por meio de uma óptica dominante é importantíssimo para visualizar as consequências disso na visão de mundo de quem acompanha o noticiário internacional.

2.3 A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA

“O mundo lá fora e as imagens nas nossas mentes”⁵⁵. Este é o título do primeiro capítulo do livro “Opinião Pública” (1922) do jornalista Walter Lippmann, que em uma frase resume o que é a atividade jornalística e o efeito que ela gera nas pessoas. Mesmo com as mudanças mercadológicas e as redes sociais, o jornalismo ainda é a principal ligação entre o mundo e o que as pessoas sabem do mundo.

Entretanto, um lugar com pessoas, pensamentos e ações diferentes é extremamente complexo para ser sintetizado em uma foto, vídeo ou texto. Por isso, o jornalismo não consegue representar a realidade tal qual ela é, mas somente recortes e enquadramentos que unidos podem dar a sensação de conhecimento sobre determinado objeto.

Lippmann afirma que, diante das notícias e dos fatos, o público sempre cria em torno opiniões ou pré-conceitos sobre aquele determinado assunto. Essas apropriações são parciais e não necessariamente falsas, mas narrativas diversas. O autor chama isso de “pseudo ambientes” ou um mundo modelo. Para conseguir fazer esse “pseudo ambiente” usamos os estereótipos que detemos por meio dos nossos familiares, amigos e principalmente a mídia.

⁵⁵ Original: *The analysis then turns from these more or less external limitations to the question of how this trickle of messages from the outside is affected by the stored up images, the preconceptions, and prejudices which interpret, fill them out, and in their turn powerfully direct the play of our attention, and our vision itself. From this it proceeds to examine how in the individual person the limited messages from outside, formed into a pattern of stereotypes, are identified with his own interests as he feels and conceives them.*

A análise então se volta a partir dessas limitações mais ou menos externas para a questão de como é este gotejamento de mensagens do exterior afetados pelas imagens armazenadas, pelos preconceitos e pelos preconceitos que os interpretam, os preenchem e, no que lhe concerne, são poderosos e diretos. o jogo de nossa atenção, e nossa própria visão. A partir daí continua a examinar como, em cada pessoa, as mensagens limitadas de fora, formados em um padrão de estereótipos, são identificados com seus próprios interesses, como ele os sente e os concebe. (LIPPMANN, 1965, p. 22, tradução nossa)

O autor afirma que os “pseudo ambientes”⁵⁶ são embasados por três pilares: cena de ação, quadro humano e a resposta humana. A primeira é o mundo de fato, a segunda é a representação midiática do mundo e a última se apresenta como a reação aos dois fatores anteriores. Seguindo essa lógica, quando alguém lê várias notícias sobre os Estados Unidos, o que está sendo criado na mente do leitor são concepções acerca do que é aquele país, em vários âmbitos da sociedade. Dessa maneira, quanto mais narrativas são adicionadas sobre um determinado objeto, mais sustentação existe entre o ambiente e o pseudo-ambiente.

Assim como o contrário também é verdadeiro, quanto menos narrativas sobre um objeto, mais rasa tende a ser a correlação entre ambiente e pseudo-ambiente. Em resumo, o que o jornalismo ajuda a criar na mente das pessoas são opiniões, que podem ser bem embasadas de fontes diversas ou que podem ser genéricas e sem profundidade. Tudo depende de como algo será (ou não) entregue ao público.

Obviamente, o jornalismo, enquanto instituição, não consegue dar conta de todos os acontecimentos do mundo real. Isso é muito difícil (talvez impossível) de ser feito, mesmo com toda a mão de obra humana e maquinário tecnológico que temos atualmente. É preciso criar hierarquizações, escolhas e parâmetros que sustentem valores. Esses "valores-notícias" definem quem ou o que é mais importante.

2.3.1 OS VALORES-NOTÍCIAS E NOTICIABILIDADE

Para definir o que vai ser coberto e mostrado ao público, o jornalismo criou valores, que transformam um evento do mundo real em uma notícia ou “estória”, como afirma Nelson Traquina (2005). Ou seja, algo que é construído por meio de uma narrativa através de critérios de cognição, interpretação, apresentação, seleção, ênfase e exclusão⁵⁷.

No jornalismo internacional, essa qualidade de selecionador deve ser ainda mais exigente e criteriosa devido ao volume absurdo de notícias produzidas pelos correspondentes, às agências internacionais e dos eventos esperados e inesperados diariamente em todo mundo.

⁵⁶ Um lugar com pessoas diferentes, pensamentos diferentes, ações diferentes é muito complexo para ser sintetizado em uma foto, vídeo ou texto. Essas apropriações são parciais e não necessariamente falsas, mas narrativas diversas. Lippmann chama isso de “pseudo ambientes” ou um mundo modelo

⁵⁷GATLIN, 1980, pág.07 apud TRAQUINAS, 2005, pág.16

No entanto, de acordo com o jornalista Natali em seu livro “Jornalismo Internacional” (2004), essa seleção não segue um preceito lógico ou científico, mas um entendimento social do sistema-mundo em que vivemos. O autor é bem claro em relação a esse caráter da noticiabilidade.

Não existe nenhuma teoria que possa definir o que venha a ser notícia, uma teoria que forneça uma resposta consensual, aceita pela comunidade mundial de jornalistas. E isso pela simples razão de que jornalismo não é uma ciência baseada em pressupostos e princípios que se articulem em um rígido corpo de doutrina. (NATALI, 2004, p.7)

Apesar de não ser estruturado como uma ciência, o jornalismo possui padrões e normas de seleção e interpretação (valores-notícia) que norteiam a profissão. De acordo com Traquina, “as notícias apresentam um padrão geral bastante estável e previsível” (2008, p. 63).

Esse padrão é tão estável, que se acredita que o interesse por notícias seja algo inato à natureza humana e possuidora de três características primordiais: o extraordinário, o atual, o proeminente⁵⁸. O primeiro parece ser o aspecto mais óbvio: para ser notícia é necessário ser algo fora do normal, como a famosa anedota das escolas de jornalismo, em que se um homem é mordido por um cão, não é notícia. Mas, se um homem morde um cachorro, temos uma notícia.

O segundo ponto é a atualidade. A notícia, até mesmo em termos morfológicos, implora pelo novo, pela novidade. Um fato desconhecido gera uma curiosidade para conhecê-lo de maneira que técnicas jornalísticas, como a pirâmide invertida, destacam que tudo que é mais recente deve vir no topo das informações.

Por fim, o termo proeminente parece ser pouco específico em seu significado, porém ele se relaciona com algo muito subjetivo no jornalismo, saber o que rasga a linha do tecido social em que vivemos, aquilo que se destaca dentre os outros.

Por exemplo, no século XVII um valor-notícia muito importante era o ator principal do acontecimento. Os atos e as palavras de pessoas importantes, as crônicas e as proezas das personalidades de “elite”, como Rei e Rainha eram “notícia”. Algo não muito diferente se pensarmos como celebridades e políticos são noticiados no século XXI⁵⁹.

No entanto, a análise acadêmica aprofundada e estruturada do que são valores-notícia só veio muito tempo depois com o trabalho pioneiro de Galtung e Ruge (1965). Eles estabeleceram ao todo 12 características que devem ser analisadas para saber se determinado acontecimento é mais notícia que outro e vice-versa. Os valores são: frequência, amplitude,

⁵⁸ STEPHENS, 1980, apud TRAQUINAS, 2005, pág.63

⁵⁹ Paráfrase de Traquinas (2005), pág. 65

significância, clareza, significância, inesperado, continuidade, composição, referência às nações de elite, referência às pessoas de elite, personalização e negatividade⁶⁰.

Três valores específicos chamam atenção se pensarmos na relação entre dominante e subalterno: significância, nações de elite e pessoas de elite. Em relação à significância, existem duas hipóteses que fazem algo ser considerado mais significativo ou não. A primeira diz que quanto mais relevante para o público do veículo, mais notícia. Ao passo que a proximidade cultural aumenta o nível de identificação com a notícia.

Entretanto, o que se nota quando se analisa notícias da Argentina, África do Sul e Índia em um veículo brasileiro, é que essas têm uma frequência mais baixa e menos diversificada do que notícias do Reino Unido⁶¹, por exemplo.

Pensando de maneira lógica, é possível dizer que a Argentina possui uma proximidade cultural e geográfica maior com o Brasil do que o Reino Unido, mas isso não se reflete em mais informações sobre o país vizinho. Outro pressuposto que pode ser feito é que África do Sul e Índia, possuem uma paridade econômica maior para com Brasil, porém a quantidade de notícias sobre eles é escassa.

Muito disso se deve ao poder das agências de notícias frente à pauta internacional, como afirmado anteriormente. Mas também existe um consenso social de que países como Argentina, África do Sul e Índia são menores em termos de noticiabilidade se comparado ao Reino Unido. Algo que, infelizmente, empobrece a visão de mundo do consumidor de notícias e causa “distorções geográficas”.

A distância geográfica é distorcida pelos mecanismos de recolha de informação. Por exemplo, Golding e Elliot⁶² escrevem que a distribuição da recolha de informações não é casual, e em termos jornalísticos, Lagos, por exemplo, está mais perto de Londres do que de Accra. (TRAQUINA, 2004, p.80)

Outros valores que escancaram essa diferença de forças entre dominantes e subalternos são os chamados “nações-de-elite” e “pessoas-de-elite”. O jornalismo, enquanto interpretador social da realidade, considera que a diferença socioeconômica deve ser normalmente um fator preponderante para favorecer as nações dominantes como mais noticiável.

No artigo “Noticiário Internacional: um mapa de contradições e influências econômicas e ideológicas” (2014) de Maria José Baldessar revela haver, de fato, um aparecimento maior de países desenvolvidos, como EUA, França e Espanha, em comparação com Iraque, México e Camarões nos jornais brasileiros.

⁶⁰ GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. **The structure of foreign news: The presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers.** Journal of peace research, v. 2, n. 1, p. 64-90, 1965.

⁶¹ No mês de outubro foram publicadas 155 notícias que faziam referência ao Reino Unido no G1

⁶² Referência de Nelson Traquinas a GOLDDING, P. ELLIOT, P. (1978). **Making the News.** London: Longman

Os últimos, em geral, só são apresentados quando é de interesse ou se relacionam com um país dominante, de maneira que o valor-notícia vem muitas vezes da interferência da nação de elite. Em uma lógica parecida temos o valor “pessoas de elite”.

As ações da elite, na perspectiva de curto prazo, pelo menos, são mais importantes do que as atividades dos outros. Isso de fato tem um pensamento lógico e de certa maneira correto, pois obviamente que a fala de um presidente de uma nação tem muito mais impacto, do que um cidadão comum.

Além disso, tem um caráter de personalização que a própria notícia demanda um sujeito ou um grupo de sujeitos que faz uma ação, segundo Galtung e Ruge (1965). Porém, considerando a dominância cultural que os países desenvolvidos têm sobre o resto do mundo, isso gera um fenômeno de celebridades mundiais.

Sejam astros do cinema, da música, esportistas, políticos e etc, há uma atenção excessiva em cima de ações dessas pessoas, até em coisas banais. Natali (2004) fala que a celebridade não é um fenômeno exclusivo do jornalismo internacional, mas muitas vezes compete por espaço e vence em cima de outros temas, que em uma condição geral deveriam ser mais importantes.

A celebridade não é exclusiva do jornalismo internacional. Mas ela é um de seus estados patológicos, uma espécie de aberração constante. Podemos ignorá-las, é claro. Mas sempre de algum lugar virá alguma forma de demanda ou de cobrança. "Por que é que vocês não deram nada do casamento da cantora x?" Bem, poderíamos responder, foi porque a senhorita em questão é notícia apenas na medida em que canta, e porque suas atividades alheias ao calendário de shows ou à indústria fonográfica são meras fofocas para uso de colunas mundanas. Tal resposta será considerada pedante. Raramente a aceitariam em uma redação de jornal. (NATALI, 2004, p. 36)

Não se deve fazer um julgamento sobre o interesse das pessoas, mas é um fato que as nações e pessoas de elite atraem quase que naturalmente um holofote, mesmo sem algo muito relevante dentro dos outros critérios de valor-notícia.

Traquina também aponta outro estudo interessante, feito em 1987. Essa análise foi uma outra abordagem dos valores-notícia proposta pelos pesquisadores canadenses Ericson, Baranek e Chan⁶³. Esse novo estudo simplifica a avaliação de Galtung e Ruge de 12 valores-notícia para oito⁶⁴. Alguns são mantidos, como consonância e inesperado, porém outros são reinterpretados como nações-de-elite.

⁶³ Referência de Nelson Traquina a ERICSON, Richard, V. BAREK, Patricia M., e CHAN, Janet B. L. (1987). **Visualizing Deviance: A Study of News of Organizations**. Toronto University: University of Toronto Press

⁶⁴ (1) simplificação, (2) dramatização, (3) inesperado, (4) infração, (5) continuidade, (6) personalização, (7) consonância, (8) policiamento da sociedade

O que é interessante destacar nesse novo modelo é um valor-notícia chamado "dramatização". Esse fator apela para um aspecto da teatralidade no jornalismo, dando uma outra carga de significado ao valor "negatividade".

Morte, tragédias, acidentes naturais, histórias comoventes ou omissão do estado são frequentemente pautas da imprensa internacional nos países subdesenvolvidos. Normalmente, esse tipo de história é cobrado de forma pontual e com uma certa exotividade ao depender do assunto. Passada a tragédia, normalmente o assunto é esquecido e outras pautas consideradas mais importantes tomam o lugar.

A última análise sobre a estrutura dos valores-notícia vem do próprio Nelson Traquina (2004). Contudo, diferentemente dos trabalhos anteriores, ele expande o escopo de observação e separa os valores-notícia em dois grupos: valores de seleção e valores de construção.

Ele ainda faz uma subdivisão na categoria de valores de seleção em critérios substantivos e critérios contextuais⁶⁵. Os valores substantivos seguem a lógica de pensamento de Galtung e Ruge (1965), enquanto os critérios contextuais apresentam algo novo e relevante para entender como o noticiário internacional funciona.

Os três fatores que merecem atenção são "disponibilidade", "visualidade" e "dia noticioso". Esses critérios, como o próprio nome já insinua, se ancoram em aspectos circunstanciais, porém não se deve esquecer que mesmo esse tipo de situação é provocado por um modo de fazer do jornalismo.

A disponibilidade se refere ao tempo hábil em que é possível ter alguém ou algo que possa cobrir um acontecimento. Como é impossível para um jornal ter um profissional ou uma equipe em todos os lugares, escolhas de cobertura devem ser feitas.

Normalmente, os locais preferidos de jornais globais e agências de notícias são metrópoles globais na América do Norte ou Europa como Nova York, Paris e Londres. Todavia, a disponibilidade prévia de uma grande quantidade de profissionais nesses centros noticiosos deixa grande parte do mundo sem cobertura noticiosa internacional.

De maneira que a visibilidade de uma notícia de uma apuração mais aprofundada ou de uma atenção especial em certos locais do mundo fica prejudicada e turva se comparado ao "prato" diário de notícias dos EUA, por exemplo.

O último critério contextual, que se conecta com a diferença de poder noticioso entre dominantes e subalternos, é o "dia noticioso". Como pontuado anteriormente, a editoria de

⁶⁵ Valores de Seleção - Critérios substantivos: (1) morte, (2) notoriedade, (3) proximidade, (4) relevância, (5) novidade, (6) tempo, (7) notabilidade, (8) conflito, (9), infração, (10) escândalo; Critérios contextuais: (1) disponibilidade, (2) equilíbrio, (3) visualidade, (4) concorrentes, (5) dia noticioso; Valores de Construção: (1) simplificação, (2) amplificação, (3) relevância, (4) personalização, (5) dramatização, (6) consonância

notícias internacionais talvez seja, dentre todas, a mais pressionada em conseguir selecionar boas notícias para serem divulgadas em um veículo de comunicação.

O jornalismo é um produto cotidiano refém de acontecimentos produzidos, espontâneos e inesperados sobre o mundo e, em alguns dias, haverá muitos assuntos. Nesse momento, todos os valores-notícias são colocados à prova e obviamente, países desenvolvidos levarão a dianteira frente aos outros.

Por fim, vale destacar que esses valores podem ser bem transparentes enquanto definição, mas sempre passíveis de mutabilidade histórico-social. Por exemplo, a China atualmente tem uma relevância geopolítica importante, e que conseqüentemente elevou seu patamar de noticiabilidade se comparado a 20 anos atrás. Nelson Traquina destaca muito bem esse entendimento social que o jornalismo precisa ter frente a realidade, a fim de criar contexto.

Os valores notícia não são imutáveis, com mudanças de uma época histórica para outra, com sensibilidades diversas de uma localidade para outra, com destaques diversos de uma empresa jornalística para outra, tendo em conta as políticas editoriais. As definições do que é noticioso estão inseridas historicamente e a definição de noticiabilidade de um acontecimento ou de assunto implica um esboço de compreensão contemporânea dos significados de acontecimentos como regra institucional. (TRAQUINA, 2004, p.95)

Outro aspecto que é de extrema importância ter bem claro quando se lida com esse tipo de análise discursiva é que não se deve vilanizar o conteúdo necessariamente. Muitas dessas práticas são realizadas de maneira inconsciente e automáticas por jornalistas mundo afora, pois muitos desses valores-notícias e o que eles destacam estão há séculos enraizados na atividade dos produtores e dos consumidores de notícias, como visto no capítulo anterior. É quase como algo dado pela própria realidade.

Além disso, a abordagem de hierarquização, seleção e contextualização do jornalismo não é um mero delírio coletivo e automatização de processos. Apesar de não ser um método científico, existe nos critérios de noticiabilidade um caráter lógico ligado ao ambiente social que determina produção jornalística e está inserida e isso deve ser considerado.

O que é possível concluir que o problema é a falta de equilíbrio de narrativas existentes entre territórios, países e nações. Em que algumas são extremamente bem retratadas e que aproximam o ambiente real do pseudo-ambiente, enquanto outras são narrativas parciais e unilaterais, ou pior, inexistentes. Outra consequência é um círculo vicioso entre o jornalismo e a audiência. A constância em pautar determinados assuntos e a raridade em outros condiciona o próprio público a querer ver notícias somente dos países dominantes, mesmo se você vive em um país subalterno.

Isso gera uma demanda quase que natural por esse tipo de notícia e o jornalismo internacional se aproveita disso, pois sabe que terá mais retorno financeiro e de atenção ao cobrir temas de interesse dos países desenvolvidos. Logo, podemos resumir que as consequências da colonização/imperialismo criaram no mundo uma divisão entre dominantes e subalternos, que favorece os primeiros. De maneira que essa visão é categoricamente reproduzida desde a origem do jornalismo, como a forma “correta” de se noticiar o mundo.

Com as limitações técnicas da imprensa escrita, rádio e TV, é até possível dizer que essa forma de noticiar o mundo provém dos valores-notícia circunstanciais como a “disponibilidade”, “visualidade” e “dia noticioso”. Ou seja, não ter jornalistas em todo lugar, não ter imagens do acontecimento ou saber que nem tudo cabe no papel ou programa. Porém, a internet é disruptiva nesse sentido. Nela é possível achar informação sobre praticamente qualquer coisa, imagens e vídeos. E o mais importante: possui um conteúdo virtualmente infinito.

A última questão a ser analisada sobre o jornalismo internacional vem de perceber como ele opera no que tende a ser o futuro da comunicação: a internet e as redes sociais. Entender como os meios de comunicação noticiosos colaboram (ou não) com a pluralidade de narrativas é essencial para descobrir como queremos ver o mundo.

2.4 A INTERNET NO NOTICIÁRIO INTERNACIONAL

A internet é sem dúvida um fator importantíssimo no entendimento do mercado de informações atualmente e do próprio jornalismo, pois ela de maneira revolucionária renovou conceitos e criou situações comunicativas muito únicas. Se comparado aos meios de comunicação anteriores como o impresso, o rádio e a TV, o digital é produto do seu tempo e certamente representa o futuro do consumo das notícias de certa forma.

Para o sociólogo espanhol Manuel Castells em seu livro, *Galáxia da Internet* (2001), existem quatro camadas, que articuladas, criaram a chamada “cultura da internet”. Diante do que é o jornalismo do século XXI, é possível estabelecer conexões entre todas as camadas da cultura da internet e o tipo de cobertura jornalística proveniente dela.

No topo da pirâmide que moldou a internet está a cultura tecnomeritocrática, da excelência acadêmica e *big science*. Essa categoria, afirma Castells é aquela sendo inscrita com a missão, a dominação do mundo (ou contradominação) pelo conhecimento técnico da internet, a criação das suas redes e sistemas. Essa esfera é atualmente muito bem representada pelas chamadas “*Big 5*”⁶⁶, Google, Apple, Microsoft, Metaverso (Facebook) e Amazon, que controlam basicamente todas as plataformas de comunicação de grande relevância no espaço digital. Fazendo a correlação com o jornalismo, a automatização algorítmica desses espaços

⁶⁶ O termo tornou-se popularizado e rotulado como “Big Tech” por volta de 2017, na sequência da investigação de uma possível interferência russa nas eleições de 2016 nos Estados Unidos.

virou um fator muito importante no condicionamento das informações das plataformas do que é relevante ou não, condicionando tanto a audiência quanto os produtores de conteúdo.

Em segundo lugar, Castells afirma que há a cultura dos hackers, que diferentemente do que se pensa, não são ativistas que querem roubar informação de governos ou instituições privadas, mas profissionais que trabalham para o desenvolvimento do espaço digital na totalidade. Profissionais TI, desenvolvedores, programadores que se especializam em desenvolver cada vez mais sistemas e mais sistemas para essa grande rede de comunicação. Se pensarmos no jornalismo, esse tipo de atividade é fundamental para o fenômeno de convergência⁶⁷ que divulga as informações para apps, newsletters, websites e redes sociais.

A terceira camada apontada por Castells é composta pelas comunidades online, como Instagram, WhatsApp ou Facebook, que reinventaram de fato a forma de comunicação individual e entre instituições. O mundo é muito mais capilarizado, segmentado e organizado em nichos. A todo momento, gostos e desgostos monopolizam a atenção das pessoas. Isso é muito interessante em termos jornalísticos, pois essa competição por atenção que já existia na imprensa, rádio e TV é elevada à enésima potência, pois agora todo mundo é emissor e receptor. O conteúdo jornalístico compete hoje com vídeos no YouTube sobre culinária até *stories* do Instagram de um melhor amigo.

Os critérios de noticiabilidade precisam ser muito assertivos para conseguir o efeito de atenção e retorno de audiência que se necessita, favorecendo ainda mais “aquilo que dá mais views” em contraponto aquilo que não “rende”. Por fim, nós temos a questão financeira. A monopolização do e-commerce, das visualizações, das propagandas em *pop-up*. O jornalismo nesse cenário amplia a suas formas de receita e consegue faturar com o conteúdo que produz, ao invés de somente possuir a propaganda como a única forma de modelo de negócio, o que de certa forma dá mais liberdade ao produtor.

Diante desses fatores apresentados, fica a impressão de que essa terra aparentemente “sem-lei” amplia a pluralidade de informações e acesso ao que se passa no mundo, tendo agora o jornalismo como mais um ponto da equação, ao invés de um comunicador central e único de tudo que acontece. Castells conclui que:

A cultura da Internet é uma cultura feita de uma crença tecnocrática no progresso dos seres humanos através da tecnologia, levado a cabo por comunidades de hackers que prosperam na criatividade tecnológica livre e aberta, incrustada em redes virtuais que pretendem reinventar a sociedade, e materializada por empresários movidos a dinheiro nas engrenagens da nova economia (CASTELLS, 2001, pág. 53)

Essa pluralidade de informações e esse sentimento de *noosfera* coletiva em que todos têm acesso mudou completamente o jogo da comunicação, mas manteve a forma de pensar/ver o mundo.

⁶⁷ A convergência midiática é a conexão da mídia de massa com a tecnologia digital e está em constante evolução atualmente.

2.4.1 A INTERNET A SERVIÇO DOS DOMINANTES

O grande responsável por esse fenômeno de onipresença e onisciência que o jornalismo apresenta hoje em dia é a convergência. Enquanto no século XX você precisava esperar que a notícia chegasse a sua porta para estar de fato informado, hoje ela chega até você em segundos por meio de vários emissores.

Vale destacar que a cultura do século XX já é uma cultura da convergência, seja na economia, tecnologia, moda ou qualquer outro campo. É preciso estar conectado às outras áreas do conhecimento para poder sobreviver e prosperar. No jornalismo não poderia ser diferente. Suzana Barbosa (2013)⁶⁸, pesquisadora de jornalismo nas redes digitais, acredita que a convergência é o entendimento que não existem fronteiras entre os meios de comunicação, pois no fim todos estão a serviço da notícia.

Desta maneira, nessa lógica de atuação conjunta, integrada, tem-se a horizontalidade perpassando os luxos de produção, edição, distribuição, circulação, e recirculação dos conteúdos. O que se traduz, então, na noção de um continuum multimídia de cariz dinâmico. (BARBOSA, 2013, p.45)

Isso é muito bom enquanto processo e evolução da profissão, principalmente no âmbito da internet que surge como ponta do iceberg da noção de *continuum multimídia*⁶⁹. Porém, essa profusão de informações não chega de maneira igual no mundo e isso se deve a dois fatores: o emissor e o receptor.

Primeiro, precisamos estabelecer que com o advento da internet e das redes sociais, a posição de emissor e receptor é extremamente variável, podendo mudar constantemente de acordo com a sua interação com um conteúdo. A variabilidade de dispositivos técnicos e principalmente a ascensão dos *smartphones* permitiu que fosse possível produzir qualquer tipo de conteúdo de maneira muito rápida e prática por qualquer pessoa. A internet e as redes sociais também são importantíssimas à medida que disponibilizam muito material para a promoção de qualquer discurso.

Diante do exposto até aqui, é possível concluir que essa característica estimula três cenários diferentes de circulação da informação nas redes. O primeiro, e já característico do jornalismo, é o de *agenda setting*⁷⁰ em que o veículo traz uma informação que não é de acesso ao público e motiva uma discussão em torno daquele assunto.

⁶⁸ BARBOSA, Suzana. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. **Notícias e Mobilidade. O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis, Covilhã, PT, Livros LabCOM**, p. 33-54, 2013.

⁶⁹ Continuidade das tecnologias nas gerações digitais.

⁷⁰ Essa hipótese propõe a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos veiculados com maior destaque na cobertura jornalística.

Isso, foi cultivado e mantido com o tempo por meio de uma hierarquia de controle sobre a informação. Essa característica ainda é válida, pois é o jornalismo que tem acesso ao Kremlin, a Casa Branca, a Guerra na Síria, etc. Os grandes eventos ainda precisam da chancela do jornalismo para existir, então por mais que algum momento, a instituição jornalística tenha perdido a sua relevância e se veja ultrapassada pelos fenômenos da internet/influencers, por exemplo, ela ainda tem um poder de legitimação muito forte.

O segundo ponto é a situação contrária, ou seja, quando o público pauta o jornalismo. Isso sempre ocorreu, pois o discurso jornalístico provém de uma interpretação dos acontecimentos do mundo de acordo com critérios de noticiabilidade pré-estabelecidos, porém atualmente de uma forma muito mais intensa e rápida. Percebe-se nesses dois movimentos uma retroalimentação, que ainda favorece as grandes empresas de comunicação. A agenda do mundo é determinada pelo jornalismo que reproduz discursos padrão sobre a realidade e educa a audiência a identificar esses discursos e também reproduzi-los.

Dessa forma, cria-se uma percepção de que há mais notícias circulando, muitos meios de comunicação e que as pessoas estariam “mais informadas” em vários ângulos. Contudo, as informações de mídias sofrem de um processo de globalização que beneficia poucos agentes de comunicação mundiais. Quando se analisa as notícias de países subalternos e países desenvolvidos, por exemplo, a forma de abordagem continua regularmente a mesma nos grandes websites jornalísticos, que são aqueles que alcançam a maior quantidade de pessoas.

Maria José Baldessar (2014) destaca em um trecho do seu artigo a diferença de abordagem e quantidade que ocorre entre notícias de países desenvolvidos e subdesenvolvidos em websites brasileiros.

Enquanto os países do chamado primeiro mundo têm lugar de destaque, outros em desenvolvimento e subdesenvolvidos são relegados ao plano dos acontecimentos trágicos e do inusitado, com raras exceções. (...) dos 10 primeiros mais noticiado, à exceção do Irã, todos integram o chamado primeiro mundo, quando não integrantes do G7. Mas o que explica essa agenda? A geopolítica ou a polaridade exercida na vida mundial pelos Estados Unidos a partir da queda do muro de Berlim e da abertura soviética? Verificamos que no cruzamento entre assuntos e países a agenda está de acordo com a agenda política e econômica americana, ou seja, o combate ao terror, os interesses da política exterior americana, no caso das eleições em diversas partes do planeta – Peru, Bolívia, Itália, Israel e Palestina – e, no caso da economia, a abertura de novos mercados. (BALDESSAR, 2014, p.137)

Logo, o que se pode concluir é que em termos de agenda internacional, o jornalismo mudou muito pouco no seu *modus operandi*, tanto no pensamento do que é notícia, quanto em quem publica essa notícia. No livro “Por uma Outra Globalização”, o geógrafo Milton Santos (2006) exemplifica essa relação de dependência mútua que existe entre os dois polos, mas que estabelece um percurso comunicacional definido.

Dessa forma, a maior parte das informações sobre acontecendo não vem da interação entre as pessoas, mas do que é veiculado pela mídia, com uma interpretação interessada dos fatos. Nessas condições atuais da vida econômica e social, a informação constitui um dado essencial e indispensável (SANTOS, 2006, p. 39).

Assim, o domínio dos círculos de informação por poucos agentes é muito relevante para mostrar o processo de alienação de conhecimento que existe entre os lugares. Por outro lado, é possível dizer que existem veículos/fontes menores de países subalternos que fazem esse contraponto, mesmo que não na mesma escala. Algo que seria muito mais difícil, quando os meios de comunicação eram mais centralizados.

O terceiro aspecto da discussão está ancorado na lógica algorítmica da comunicação atual. Para pensar o algoritmo jornalisticamente, é necessário refletir sobre para quem se divulga algo na internet ou em qualquer outro meio: audiência. Essa audiência hoje é regida por um sistema de processamento de dados que identifica aquilo que é mais relevante para o indivíduo, considerando aquilo que já foi consumido antes por aquela pessoa e cerceando a possibilidade do novo.

Considerando que o número de visualizações é a grande meta do jornalismo na *web*, o jornalista procura produzir um conteúdo que seja mais “relevante” de acordo com os critérios de noticiabilidade já reconhecidos pela audiência, a fim de alcançar o maior público possível e ter maior retorno financeiro.

O livro “*The Platform Society: Public Values in a Connective World*” (2018) de José Van Djick, Thomas Poell e Martijn de Waal, traz esse dilema entre a monetização do conteúdo e a relevância da informação, tanto na distribuição de informações verídicas ou falsas.

Uma grande variedade de produtores de notícias online - desde a mídia legalizada a produtores de desinformação - miram plataformas online para distribuir e monetizar o seu conteúdo. Para atingir o potencial máximo das redes, eles tendem a se apoiar continuamente na infraestrutura de serviço das Big 5 (...) Isso significa que a produção de notícias se transforma progressivamente alinhada para obedecer aos mecanismos e princípios organizacionais do ecossistema das plataformas (DIJCK, POWELL, WAAL 2018, p. 50, tradução nossa⁷¹)

Ou seja, antes o que era um caminho discursivo já estabelecido é agora respaldado pelos algoritmos. Por exemplo, uma notícia sobre os EUA tende a ter mais engajamento por haver uma narrativa que estabelece essa importância e também terá mais resultado, pois o público naturalmente procura mais por esse país, em comparação com a mesma notícia na Índia, por exemplo. Outra consequência dos algoritmos é a “bolha”. O algoritmo de uma rede

⁷¹ Original: *On the other hand, a wide variety of online news content producers - from legacy media organizations to producers of disinformation- target online platforms to distribute and monetize their content. To achieve maximum network effects, they tend to rely increasingly on the infrastructure of the Big 5 platforms. (...) this means that the production of news become progressively tailored to obey the mechanisms and organizing principles driving the platform ecosystems.*

social proporciona a um usuário um espaço completamente livre de assuntos dissidentes daquilo que é o comportamento natural daquele indivíduo.

Isso não é só preocupante se pensarmos no âmbito das *fakes news*, mas também uma recusa de acesso a espaços que determinados temas e notícias jamais chegarão, não importa o esforço de apuração e técnicas de SEO aplicadas pelo jornalista, pois o usuário de forma quase automática não tem acesso a esse conhecimento.

Dessa maneira, as informações que circulam em rede favorecem cada vez mais visões fechadas de mundo, de pouco diálogo e uso da ferramenta como confirmação de um pensamento já existente. Para van Djick, essa nova configuração coloca em xeque valores centrais do jornalismo, assim como sua própria independência.

O ponto-chave é como esse desenvolvimento remodela o interesse público das notícias - valor que tem historicamente guiado a profissão sendo considerado vital para o papel do jornalismo em um mundo democrático. Independência jornalística é a questão decisiva para manter políticos, organizações e governos sob vigilância (...) O valor de *precisão e abrangência* foi promovido para garantir que grandes desenvolvimentos sociais e acontecimentos, assim como as opiniões e perspectivas de uma ampla gama de atores e grupos, receba aquilo que é de interesse público. A realização desses valores está sob pressão de um ecossistema de plataforma que gira em torno da personalização, potencialmente isolando usuários em filtros culturais e ideológicos das suas próprias bolhas. (DIJCK, POWELL, WAAL 2018, p. 51, tradução nossa⁷²)

Isso é muito ruim se pensarmos na perspectiva internacional, pois além do crivo natural feito sobre determinados assuntos, existe o algoritmo atuando para que esse conteúdo chegue às pessoas “certas”. Algo que necessariamente não equilibra o que é interesse público e o que é interesse do público. Como resultado, existe um favorecimento ainda maior dos discursos dominantes frente aos subalternos: eles tendem a gerar mais engajamento e viram uma tendência de pesquisa para vários usuários, que terão repetidamente coisas parecidas passando na *timeline* ou no buscador.

Por fim, ainda devemos lidar com aqueles que estão fora desse espectro da rede e que, por isso, sofrem as consequências de uma visão terceirizada, muitas vezes sobre a própria realidade. Atualmente, um jornalista pode ir até um local isolado, sem acesso à internet, como uma comunidade indígena e fazer uma reportagem sobre a forma de viver daquelas pessoas.

⁷²Original: *The key point is how this development reshapes the public interest of news - a value that has historically guided the profession and is considered vital to the role of journalism in a democratic world. Journalistic independence is the decisive issue in keeping politicians, organizations, and governments under surveillance (...) The value of accuracy and comprehensiveness has been promoted to ensure that major social developments and events, as well as the opinions and perspectives of a wide range of actors and groups, receive what is in the public interest. The realization of these values is under pressure from a platform ecosystem that revolves around personalization, potentially isolating users in cultural and ideological filters of their own bubbles.*

Contudo, o tipo de linguagem e abordagem provavelmente não será inclusiva para essa comunidade, mas será voltada a um consumidor com acesso a dispositivos apropriados. A importância, a relevância e o olhar estão sempre voltados para aqueles que detêm o domínio da técnica. Cria-se, com esse cenário, mais uma questão mundial, que Manuel Castells (2001) chama de “divisão digital”.

A divisão digital é outra forma de desigualdade que se relaciona mais uma vez com a estrutura histórico-social de dominantes e subalternos no mundo. Tendo cada vez mais paralelos de atividades humanas no espaço da internet, é muito fácil perceber que as pautas, não só do jornalismo internacional, mas no geral, vem muito desse ambiente e são cada vez mais pensadas para as pessoas que utilizam a internet.

Isso é um problema, pois quem não tem acesso a esse meio de comunicação ou quem está conectado, mas não é um protagonista cultural desse ambiente, fica cada vez mais refém do conteúdo produzido ali.

Manuel Castells (2001) acredita que a internet, enquanto meio de comunicação, não promoveu uma mudança de paradigma na forma que se enxerga e se constrói o mundo, muito pelo contrário ela causou um desenvolvimento desigual entre países ricos e pobres já perpetuado.

Naturalmente, como a correlação não é causalidade, seria possível que todos esses problemas sociais e ambientais fossem independentes do processo de globalização e do desenvolvimento econômico conduzido pela Internet. Poderia ser, mas não é. Pode-se afirmar, ao contrário, que, sob as condições sociais e institucionais prevalentes em nosso mundo, o novo sistema tecnoeconômico parece causar desenvolvimento desigual, aumentando simultaneamente a riqueza e a pobreza, em várias partes do mundo e em vários grupos sociais. (CASTELLS, 2001, p. 217)

O que foi construído neste capítulo é uma reflexão acerca da prática do jornalismo internacional, tanto em termos históricos, organizacionais, condições de produção e meios de distribuição e como todos esses fatores influenciam na construção do noticiário internacional, tendo a interação dominante e subalterno como linha de pensamento.

Dessa maneira, o capítulo seguinte, e último, vai explorar o material de pesquisa por meio de uma análise de notícias produzidas por veículos jornalísticos de quatro países subalternos diferentes (Brasil, Argentina, África do Sul e Índia) com o objetivo de perceber como esses países noticiam uns aos outros e como é possível verificar ou não todas as características de subalternidade e do próprio jornalismo internacional apresentados até agora.

3. ANÁLISES

3.1 METODOLOGIA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para essa pesquisa foi utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo da psicóloga francesa Laurence Bardin (2011). De acordo com o seu livro “Análise de Conteúdo”, esse processo de investigação é extremamente relevante para os campos da Sociologia, Psicologia, História, Política e outras esferas do conhecimento que necessitam dessa técnica a fim de chegar a conclusões mais precisas em sua área de expertise.

Ela define a análise de conteúdo como a capacidade de “torna-se desconfiado relativamente aos pressupostos, lutar contra a evidência do saber subjetivo, destruir a intuição em proveito do construído” (BARDIN, 2011, pág. 34). Tendo em vista estas características, esse método de análise é essencial para que a pesquisa afaste-se de suposições teóricas já feitas por pesquisas anteriores do mesmo tema e crie questões que só são possíveis a partir de um ângulo novo de abordagem.

Outro ponto importante para uma análise de conteúdo eficiente e bem apurada, conforme Bardin (2011) é a separação entre abordagem quantitativa e abordagem qualitativa. Na primeira o que importa é a frequência dos acontecimentos de acordo com determinadas categorias pré-estabelecidas. Já na análise qualitativa, são as afirmações possíveis feitas sobre aquilo que está presente ou ausente na amostra final.

Essa separação de análises na análise de conteúdo é consoante às tendências desse tipo de método pós 1970, que se utiliza das técnicas de informática e computação aliado a uma linguística mais aberta e que estabelece um padrão de observação menos rígido e menos estritamente focado nos parâmetros quantitativos. Sobre isso, Bardin considera que:

A análise de conteúdo multiplica as aplicações, marca um pouco o passo, ao concentrar-se na transposição tecnológica, em matéria de inovação metodológica. Mas observa com interesse as tentativas que se fazem no campo alargado da análise de comunicações: lexicometria, enunciação linguística, análise da conversação, documentação e bases de dados, etc. (BARDIN, 2011, pág. 31)

Diante de todas essas variáveis comunicativas e que consideraram também o estudo teórico anterior que essa pesquisa aderiu ao método de análise de conteúdo atual, focada nos procedimentos de investigação propostos por Bardin. São eles: pré-análise, exploração do material, o tratamento dos resultados obtidos e interpretação⁷³.

⁷³ Divisão proposta por Bardin no livro “Análise de Conteúdo” (2011)

A pré-análise comporta um período de organização daquilo que será estudado, considerando todas as variáveis de investigação. Essa etapa tem por objetivo “tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise”. (BADIN, 2011, pág. 126)

Independente da ferramenta utilizada, esse procedimento visa estabelecer uma flexibilidade de observação, ou seja, algo que pondere a inserção de outras estratégias de análises ao longo da pesquisa. Segundo Bardin, esta primeira fase possui três missões: a escolha dos documentos à análise, a criação de hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores para a interpretação final.

A autora orienta que não se deve manter engessado a ordem desses fatores cronologicamente, mas eles precisam estar intrinsecamente conectados desde o início da pesquisa para que jamais se perca o foco metodológico e temático do projeto. Outro ponto importante é definir regras claras de categorias de análise e sobre o que será ou não a amostragem, assim como ter sempre a hipótese e os objetivos da pesquisa em mente.

A próxima etapa seguida foi a exploração do material, em que pode-se considerar a fase de análise propriamente dita, ou seja, a aplicação das categorias, critérios de exclusão ou qualquer outro acordo de investigação que tenha sido feito previamente.

Por fim, chega-se à última etapa da análise de conteúdo, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação. O objetivo dessa última etapa é fazer com que o que foi transposto da pré-análise para exploração do material ganhe significado e seja válido ao contexto geral da pesquisa. Assegurando isso, podem ser feitas inferências a respeito do que está sendo “visto” no *corpus* de análise e, talvez, encontrar respostas ou questões que antes estavam fora do radar da hipótese inicial. Laurence Bardin ressalta que:

O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos - ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas. (BARDIN, 2011, pág.131)

A partir deste momento o esforço que será feito é incluir todas essas etapas do percurso metodológico de análise de conteúdo (pré-análise, exploração do material, tratamento do material obtido e interpretação) proposto por Bardin (2011) com o contexto da pesquisa feita para sustentar a explanação teórica apresentada nesta monografia.

3.2 PRÉ-ANÁLISE: DEFINIÇÃO DOS CRITÉRIOS DE PESQUISA

O objetivo dessa pesquisa é perceber como os países subalternos são representados no noticiário internacional e que tipo de mensagem ou narrativa essas representações transmitem ao consumidor de notícia. Para que isso fosse concretizado, foi escolhida uma condicional de

análise diferente de estudos anteriores. Enquanto as análises anteriores estavam preocupadas em saber como era feita a cobertura internacional de um modo geral, a proposta desta monografia é de analisar como a imprensa de países subalternos cobre as notícias vindas de outros países subalternos para a sua população.

Essa mudança de ângulo foi escolhida, pois, como dito antes, a grande maioria das análises teóricas de outros pesquisadores como Nelson Traquina (2005), Raquel Salinas (1984), o relatório da Comissão McBride (1980) estruturam suas investigações em uma visão geral da imprensa ou do próprio jornalismo internacional. Quando esse não é o caso, a perspectiva de estudo toma como ponto de referência um único país, conforme feito nos trabalhos de Maria Baldessar (2014), que serviu de base para essa pesquisa, e João Batista Natali (2004). No trabalho dos dois o ponto de referência é o Brasil/imprensa brasileira.

Então, considerando que a discussão teórica desta monografia trata sobre a subalternidade e sua relação com o jornalismo, seria mais interessante para a pesquisa fazer uma análise nichada nesse grupo, mas que também conseguisse fazer conexões em consonância ou dissonância com a *big picture* dos trabalhos anteriores. Como seria impossível identificar a atuação da imprensa de todos os países subdesenvolvidos, foram escolhidos quatro países e quatro veículos de notícia, sendo um de cada país, a fim de fazer uma análise do noticiário internacional entre eles.

Os países escolhidos foram: Brasil, Argentina, África do Sul e Índia. A escolha desses países concorda com a classificação de subalternos, conceito apresentado e explorado ao longo da construção teórica. Essa designação pode ser inferida por meio de alguns aspectos estruturais dessas nações: todas passaram por algum processo de colonização europeia, mais ou menos duradouro, são classificadas como subdesenvolvidos ou “emergentes” de acordo com a divisão Norte-Sul proposta pelo chanceler alemão Willy Brandt (1980), ou estavam anteriormente incluídos na classificação de Terceiro Mundo criada por Alfred Sauvy (1952).

Além disso, todos eles possuem um IDH⁷⁴ no espectro de países subdesenvolvidos/emergentes e um PIB *per capita* que não ultrapasse 10 mil dólares ao ano (2022) segundo o FMI⁷⁵. Outra questão relevante é que o país protagonista da análise é o Brasil, pois a pesquisa foi executada a partir da perspectiva de um jornalista brasileiro e que tem como um dos objetivos entender a relevância do Brasil para o resto do mundo também.

Os outros países (África do Sul, Argentina e Índia) foram selecionados, pois se imagina que eles deveriam ter importância e relacionamento político, econômico e social para com o Brasil, justificando a presença de notícias sobre o Brasil na sua imprensa local.

⁷⁴ *Human Development Index (HDI)*, United Nations. Disponível em <<https://hdr.undp.org/data-center/human-development-index#/indicies/HDI>>

⁷⁵ *CountryEconomy*. Disponível em <<https://pt.countryeconomy.com/>> Acessado em: 4 de nov. 2022

Um último critério geral relevante para escolha desses países é que seria interessante ver como é a cobertura de um país que está no mesmo continente que o Brasil (Argentina, América do Sul), em um continente mais distante (África do Sul, África) e um continente ainda mais distante (Índia, Ásia).

Dessa forma, tomando o Brasil como base, a escolha da Argentina se deve ao fato de que os dois países estão situados em um mesmo grupo econômico (Mercosul), possuem uma interação social e cultural relevante com assuntos como futebol, por exemplo, e possui uma imprensa livre. Em seguida, a África do Sul foi escolhida por também participar de um mesmo grupo econômico do qual o Brasil participa, os BRICS, possui imprensa livre e, além disso, é um país relevante para a história do mundo, principalmente na questão racial, como o *apartheid*.

Por fim, a Índia também se enquadra na categoria de grupo econômico, também pertencente ao BRICS, possui uma imprensa livre e tem uma influência e poder cultural grande, por conta da sua superpopulação, tradição e outros temas comuns ao se falar do país asiático. Depois de definidos estes quatro países, foi necessário escolher que tipo de mídia seria escolhida para análise (rádio, TV, jornalismo digital, etc.) e posteriormente qual veículo noticioso de cada país seria escolhido para representar o cenário do jornalismo de cada país.

Para definir a mídia, foi tomado como base os dados do *Digital News Report* de 2022⁷⁶ produzido pela agência de notícias Reuters. No *overview* deste ano, escrito pelo jornalista Nic Newman, encontrou-se um resultado que já vem sendo demonstrado recentemente: o consumo crescente de jornalismo pelos meios digitais, redes sociais e plataformas.

Mais amplamente, os dados deste ano confirmam como os vários resultados dos últimos anos, incluindo a pandemia de Coronavírus, aceleraram ainda mais as mudanças estruturais no sentido de um ambiente midiático mais digital, móvel e dominado por plataformas, com outras implicações para os modelos de negócio e formatos de jornalismo. (NEWMAN, 2022. tradução nossa⁷⁷)

Considerando a influência da internet e das redes sociais na vida da população mundial, foi escolhido o jornalismo em mídia digital como principal escopo de análise, mesmo que no próprio formato possa haver matérias veiculadas primeiramente na TV, mas que depois foram repostadas no espaço digital.

Uma vantagem de escolher essa mídia é que ela é diversificada em termos de apresentação do conteúdo, podendo conter imagens, textos e vídeos em uma mesma notícia.

⁷⁶ Tenha acesso completo ao relatório por meio do link:
<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022>

⁷⁷ Original: More widely, this year's data confirm how the various shocks of the last few years, including the Coronavirus pandemic, have further accelerated structural shifts towards a more digital, mobile, and platform-dominated media environment, with further implications for the business models and formats of journalism.

Essa característica é um ganho muito grande quando se faz uma análise qualitativa, pois proporciona um leque maior de interpretação sobre os vários formatos de comunicação (escrita, visual ou ambas).

Outra questão é que lidando com assuntos globalizados e de diferentes países, é interessante analisar fenômenos de convergência ou de retransmissão de notícias entre as diferentes imprensas dos países. Então, a modalidade da internet tem um destaque na análise qualitativa das notícias e é por isso, inclusive, que há um subcapítulo teórico que tenta explorar esse fenômeno, hoje tido como o futuro da comunicação.

Tendo estabelecido os países e a mídia de análise, o caminho natural era escolher quais empresas jornalísticas e produtos seriam selecionados para representar uma noção geral de como é feita a cobertura noticiosa no país. Pelo mesmo critério do *Digital News Report* da Reuters, foram escolhidos os veículos jornalísticos.

Ao final da *overview* individual de cada país que recebeu a análise de mercado da Reuters, existe uma tabela com os grupos de mídia que tem mais usuários que leem semanalmente ou pelo menos 3 dias da semana as suas notícias. Isso pode ser visto na figura abaixo:

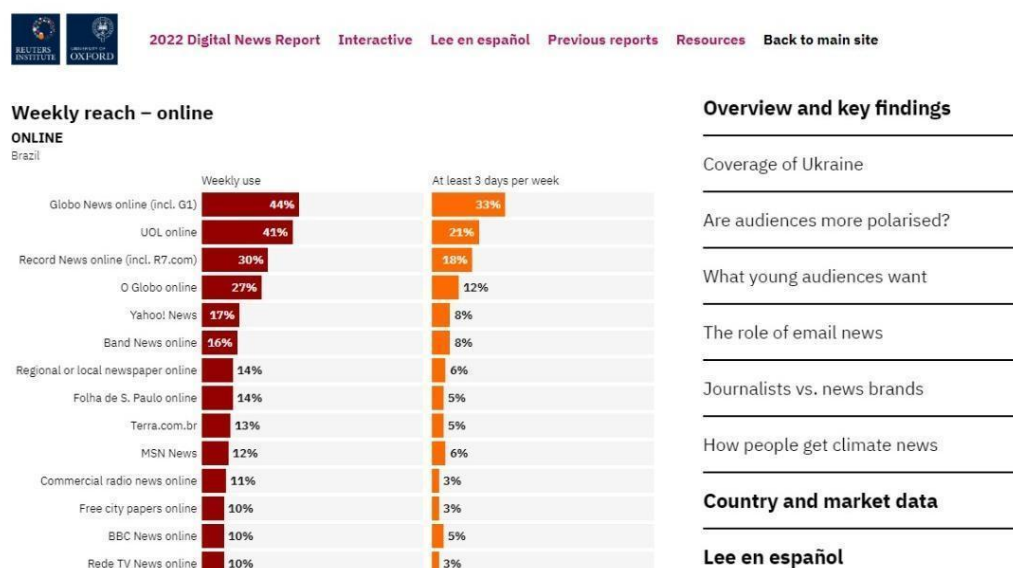


Figura 1 - *Overview* do *Digital News Report* da Reuters do Brasil, representando quais veículos são mais lidos pelo público brasileiro⁷⁸

Preferencialmente considerando o alcance semanal de 44%, o Globo News (G1) foi o veículo jornalístico brasileiro escolhido para a análise da cobertura sobre África do Sul, Argentina e Índia. Em seguida, a mesma análise foi feita com a África do Sul.

⁷⁸ Tenha acesso ao relatório pelo link: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022/brazil>

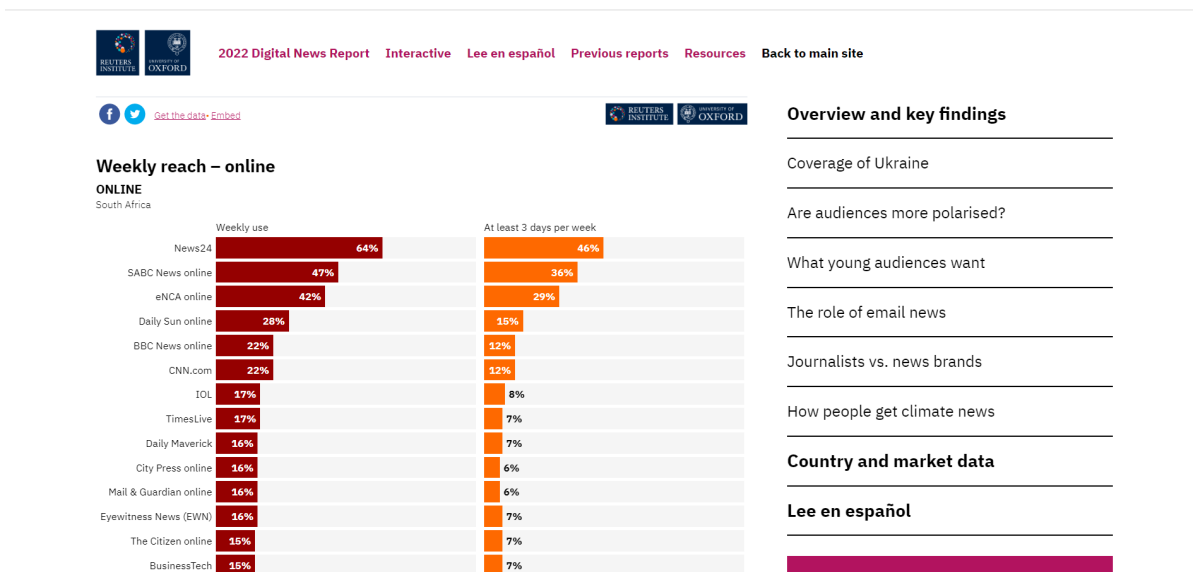
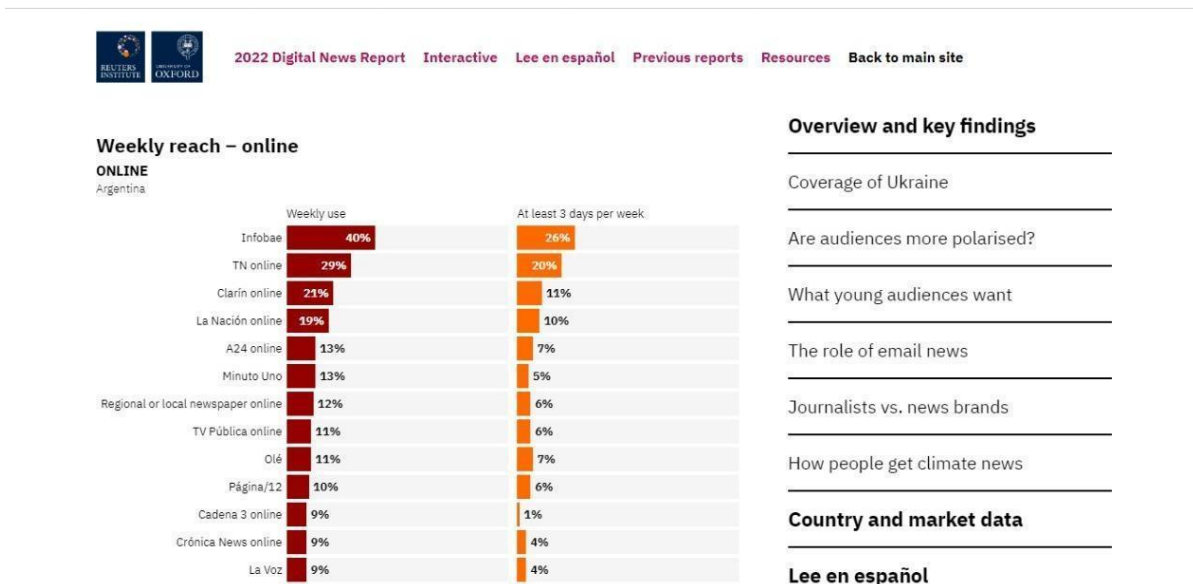


Figura 2 - Overview do Digital News Report da Reuters da África do Sul, representando quais veículos são mais lidos pelo público sul-africano⁷⁹

De acordo com o que está sendo mostrado na imagem, o veículo jornalístico News24 é o que possui maior impacto na opinião pública dos sul-africanos, sendo em 64% das vezes a principal fonte de notícias semanal.



⁷⁹ Tenha acesso ao relatório pelo link: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022/south-africa>

Figura 3 - *Overview* do *Digital News Report* da Reuters da Argentina, representando quais veículos são mais lidos pelo público argentino⁸⁰

A Argentina, infelizmente, é o único país que foge a essa regra anterior, pois foi feito um início de análise com o primeiro colocado, o veículo Infobae, mas durante a leitura das matérias foi possível notar que eles apresentam uma quantidade muito grande de notícias de agências internacionais e de outros veículos estrangeiros, dando a ele uma característica muito mais de um repositório de informações, do que uma empresa jornalística com apuração própria, algo que para os interesses da pesquisa faz bastante diferença.

Diante dessas circunstâncias, o segundo colocado, TN online, foi escolhido como veículo jornalístico a ser analisado na investigação. Ele apresenta uma quantidade de 29% de uso semanal pelos argentinos como fonte de notícias, sendo assim ainda possui uma relevância no cenário nacional considerável.

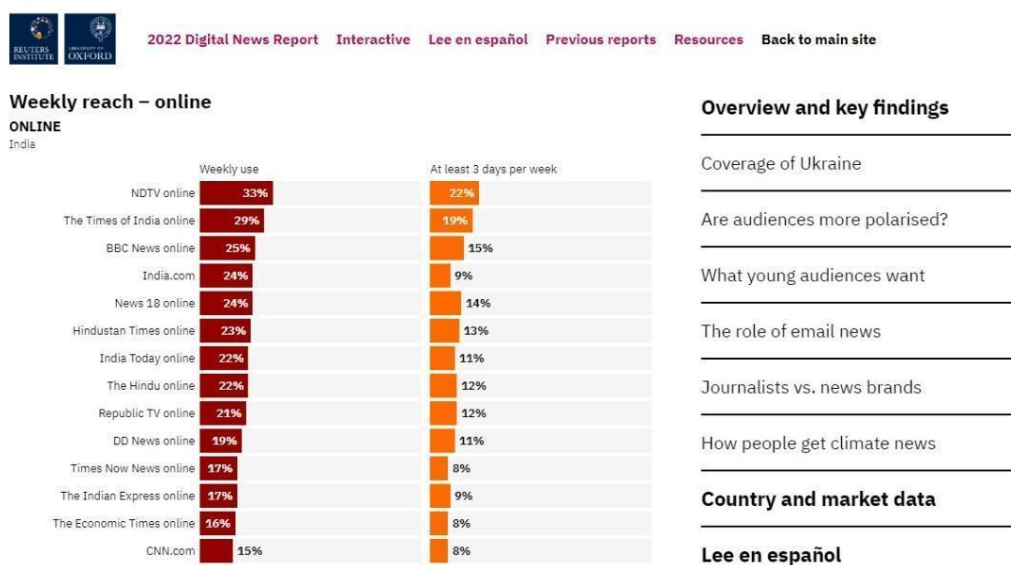


Figura 4 - *Overview* do *Digital News Report* da Reuters da Índia, representando quais veículos são mais lidos pelo público indiano.⁸¹

Para concluir, a Índia teve como veículo selecionado para amostragem a NDTV, como a principal fonte de notícias semanais dos indianos para 33% da população. Antes de partir para a parte de contexto e histórico dos meios de comunicação escolhidos, vale ressaltar que as porcentagens apresentadas não são absolutas.

⁸⁰ Tenha acesso ao relatório pelo link: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022/argentina>

⁸¹ Tenha acesso ao relatório pelo link: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022/india>

Isso acontece porque cada país tem um percentual diferente de penetração de internet na população de acordo com as condições sócio-econômicas que cada um se enquadra. Por exemplo, A Índia tem 54% de penetração de internet, ou seja, só metade da população do país tem acesso à internet. Então, como visto acima, a NDTV atinge 33% dos 54% dos indianos que usam a internet corriqueiramente.

O país que mais tem valor elevado de acesso à internet é a Argentina com 91%, Brasil vem em seguida com 75%, enquanto África do Sul e Índia são os piores com 58% e 54% respectivamente. Um adendo metodológico importante é que foi feita uma análise cruzada, ou seja, no veículo brasileiro foram pesquisadas notícias dos países Argentina, Índia e África do Sul, enquanto nos veículos argentino, sul-africano e indiano foram procuradas notícias sobre o Brasil.

3.3 EXPLORAÇÃO DO MATERIAL: PERÍODO E AMOSTRAGEM

Após a definição de países, mídia e meios de comunicação, era necessário escolher um período específico para ser feita a coleta do *corpus* que daria sustentação às hipóteses e objetivos da pesquisa. Para isso, foi considerado três pontos importantes:

1. O período deveria ser longo o suficiente para haver uma quantidade diversificada de temas e pautas.
2. O período escolhido não poderia estar poluído com um *hardnews* muito evidente, como foi a pandemia da COVID-19 e mais recentemente a Guerra entre Rússia e Ucrânia.
3. Nenhum dos quatro países analisados poderia estar em uma condição de protagonista de um acontecimento muito urgente ou de *hardnews*.

Em relação ao primeiro, a decisão tomada foi de limitar o período de análise para um mês (01/07/2022 – 31/07/2022). O mês de julho de 2022 foi escolhido, pois o cenário de cobertura internacional não estava tão focado em um único assunto, como a Guerra da Rússia e Ucrânia, citada anteriormente. Além disso, um mês foi um período suficiente para perceber variações de temas das notícias de cada país, mas obviamente houve situações de notícias repetidas ou suítes que favorecem mais uns temas do que outros.

Algo que também foi cogitado foi usar um período de um “mês imaginário”, no qual seria possível escolher uma segunda do mês de janeiro, uma terça do mês de fevereiro e assim por diante até completar um mês de 30 dias. Essa hipótese foi descartada, pois como o ambiente digital é muito fluido, havia a possibilidade de que notícias de períodos mais distantes do dia em que foi iniciada a coleta tivessem sido apagadas ou com link indisponível.

Dessa maneira, a coleta do material foi feita em um tempo de duas semanas (29/08/2022 até 05/09/2022) tendo como referência o mês anterior, julho. Isso fez com que

não houvesse o risco de coletar matérias que pudessem ter sido apagadas para uma análise mais profunda na etapa de tratamento e interpretação dos dados.

Em relação à definição da amostra, foi feita uma estratégia que se alinha ao objetivo de saber como esses países subalternos representam uns aos outros para o seu público interno. Como dito anteriormente, o Brasil foi o pivô da pesquisa, de modo que o estudo começasse por ele e depois fosse feito o reflexo disso nos outros países. Então, a pesquisa aconteceu em dois eixos de análise de conteúdo:

1. No veículo brasileiro (G1) foram selecionadas todas as notícias do mês de julho de 2022 que faziam menção às palavras-chave: África do Sul, Argentina e Índia.
2. Nos veículos da África do Sul (News24), Argentina (TN Online) e Índia (NDTV) foram selecionadas todas as notícias de julho de 2022 que faziam menção às palavras-chave: *Brazil* ou *Brasil* (em inglês para os sites News24/NDTV e em espanhol para o site TN Online).

Estruturando a pesquisa dessa forma foi possível fazer análises quantitativas e qualitativas cruzadas e perceber como o Brasil representa a Argentina, mas também como a Argentina representa o Brasil, por exemplo. Ao todo foram coletadas 386 notícias, contabilizando todos os meios de comunicação. Alguns países tiveram um maior número de matérias, enquanto outros tiveram menos. Essa divisão quantitativa foi feita por meio de seis categorias, como indicado a seguir:

1. Cobertura do G1 sobre a África do Sul - Quantidade de todas as notícias coletadas no G1 sobre a África do Sul
2. Cobertura do G1 sobre a Argentina - Quantidade de todas as notícias coletadas no G1 sobre a Argentina
3. Cobertura do G1 sobre a Índia - Quantidade de todas as notícias coletadas no G1 sobre a Índia
4. Cobertura sobre o TN Online sobre o Brasil - Quantidade de todas as notícias coletadas no TN Online sobre o Brasil
5. Cobertura do News24 sobre o Brasil - Quantidade de todas as notícias coletadas no News24 sobre o Brasil
6. Cobertura do NDTV sobre o Brasil - Quantidade de todas as notícias coletadas no NDTV sobre o Brasil

O diagrama e o gráfico a seguir apresentam como foi estruturada essas relações entre veículos e países, os respectivos cruzamentos, quantidade de notícias e porcentagens:

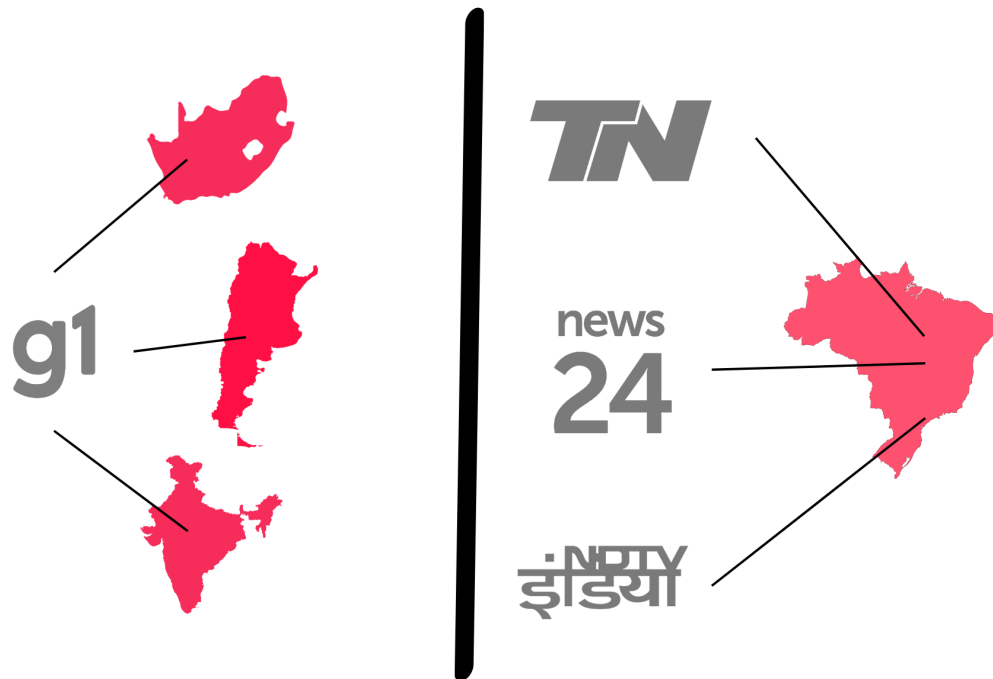


Diagrama 1 - Cruzamento entre veículos de comunicação e países

Total de notícias por veículo

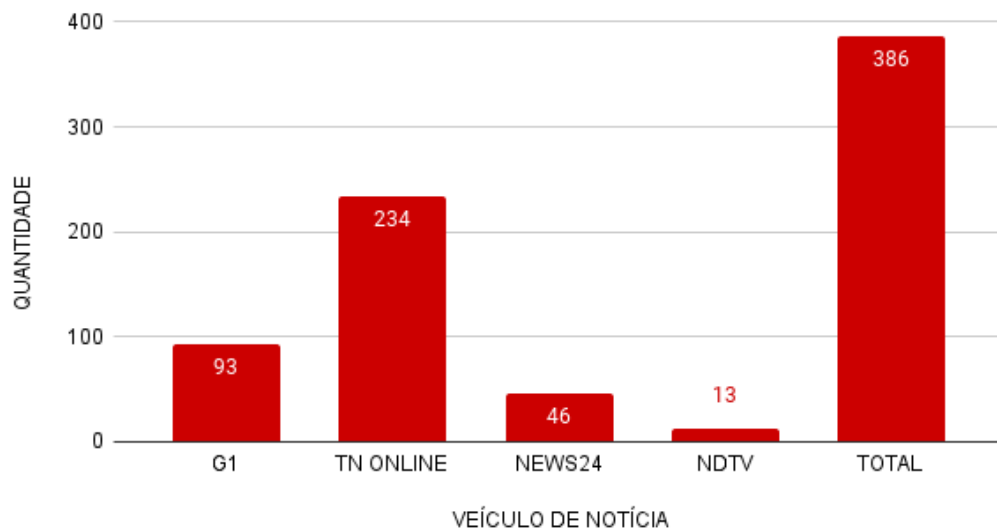


Gráfico 1 - Total de notícias por veículo

Primeiramente, as matérias coletadas em cada veículo está de acordo com os critérios de pesquisa estabelecidos, ou seja, cada um corresponde ao seu cruzamento. Por exemplo, o número 93 notícias selecionadas do G1 é referente a Argentina, África do Sul e Índia (as quantidades de cada país serão destrinchadas nas análises individuais), enquanto as 234 notícias da TN Online são sobre o Brasil ou tem o Brasil de alguma forma.

Outro ponto importante a ser considerado é a disparidade que existe entre a quantidade de notícias do TN Online comparado com os outros veículos. Isso aconteceu porque o Brasil é um país muito relevante para a Argentina e grande parte das notícias faziam citação ao vizinho sul-americano, mesmo que sem muita relevância. Ou então, foram casos de matérias suítes como “O novo superministro da economia argentina”, que havia sido diplomata no Brasil e por isso o país apareceu repetidamente.

É possível destacar também que, de fato, foram selecionadas todas as matérias que condizem com a pesquisa no período de amostra, não importando o formato (reprodução de TV ou jornalismo digital) ou se essas notícias se repetiam como suítes ou não. O importante desse estudo em primeira instância é identificar qual é a narrativa construída por essas notícias sobre o país em questão e como isso afeta a percepção de mundo de quem lê. Já em uma camada maior de profundidade, uma análise pode perceber nuances dessas narrativas como falsas, verdadeiras, estereotipadas ou não.

3.3.1 EXPLORAÇÃO DO MATERIAL: CATEGORIAS DE ANÁLISE

Após o filtro de todas as notícias possíveis e compatíveis com a pesquisa, elas foram submetidas a três procedimentos de observação diferentes:

1. Tema Principal: Uma subdivisão por temas, nas quais alguns temas foram definidas de acordo com o que a matéria noticiava
2. Nível de importância: Uma subdivisão por destaque que o país em questão possuía na notícia analisada, desde protagonista a rodapé
3. Responsável pela Reprodução: Uma subdivisão por quem reproduziu a notícia, podendo ela ser feita pelo próprio meio de comunicação analisado, ser fonte de uma opinião ou reproduzida diretamente de um veículo estrangeiro, ou agência de notícias

Esses três tipos de análise foram escolhidos, pois lidam com questões essenciais do jornalismo e de discussão da parte teórica, como a importância das agências de notícias na construção do fato com a abordagem de Raquel Salinas (1984).

Ou, o estudo dos valores-notícia proposto por Nelson Traquina (2005) demonstra a baixa relevância dos países subalternos em geral e até dentro de uma análise de jornalismo

internacional com João Batista Natali (2004) são influências para a escolha dessas subdivisões.

Entretanto, esses três eixos de observação estão suscetíveis a seguir as hipóteses e conclusões de trabalhos anteriores, como também discordar totalmente tendo em vista que essas categorias estão sendo aplicadas a um contexto diferente e de nicho, os países subalternos e os meios de comunicação subalternos.

Estabelecida essas subdivisões, cada uma delas ganharam categorias de acordo com o que foi percebido quantitativamente do material coletado. A primeira subdivisão é de temáticas, que leva em consideração o trabalho de pesquisa da professora Maria Baldessar (2014), que fez um estudo bem parecido, porém mais abrangente.

TEMA PRINCIPAL	DEFINIÇÕES
Economia	Câmbio monetário, alterações em preços de produtos, acordos comerciais entre países, análises econômicas, agronegócio, investimentos, startups
Política:	Questões que envolvem políticos nacionais, troca de cargos, políticos estrangeiros, política externa.
Curiosidade:	Assuntos de ordem histórica/cultural pouco conhecidos do grande público
Sociedade:	Manifestações, acidentes, causas identitárias, histórias de pessoas comuns
Turismo:	Viagens, roteiros de turismo, companhias aéreas, câmbios de moeda para fins turísticos
Meio Ambiente:	Fauna e flora, aquecimento global e questões climáticas
Desastres Naturais:	Nevascas, enchentes, terremotos, etc
Entretenimento:	Shows e eventos musicais
Arte:	Notícias relacionadas à pintura, esculturas, cinema e literatura
Celebridades:	Pessoas famosas, influencers, atores, etc

Cultura:	Celebrações culturais e religiosas
Crime:	Terrorismo, tráfico de drogas, abusos sexuais, roubo, etc
Tecnologia:	Redes sociais, inovações tecnológicas, automóveis, etc
Esporte:	Futebol, atletas profissionais, eventos esportivos
Inusitado	Acontecimentos inesperados e de ordem imprevisível às vezes

Tabela 1 - Categorias temáticas: nomenclaturas e definições

Algumas ponderações devem ser feitas em relação a essas categorias e as outras que virão. Apesar do esforço feito para encaixar cada matéria em uma “caixa” de definição, é muito difícil ter uma visão completamente imparcial e objetiva diante de determinadas notícias, pois obviamente os acontecimentos do mundo e do jornalismo podem ser diversos e às vezes múltiplos, então alguns assuntos tiveram que ser colocados em termos “guarda-chuvas”.

Esse é o caso do agronegócio, que poderia ser encaixado em uma categoria “campo” por exemplo, mas foi preferível juntá-lo à economia, mesmo que a flutuação do peso e do dólar não tenha necessariamente relação direta com exportação de soja da Argentina.

A situação inversa também ocorreu, quando foi preferível separar “meio ambiente” e “desastres naturais”, pois o primeiro está mais associado a situações de efeito a longo prazo como aquecimento global ou o processo de acasalamento dos pinguins na Patagônia, enquanto o segundo a situações imediatas de acidentes inesperados que precisam ser resolvidos com urgência. E, obviamente, às vezes a notícia pode ter mais de um tema, nesse caso prevaleceu o de maior destaque na matéria.

Agora, será apresentado as categorias de nível de importância. Essa divisão pretende verificar qual a relevância de um país analisado tem nas notícias de um determinado veículo. Por exemplo, qual o nível de importância da Argentina nas matérias do G1.

NÍVEIS DE IMPORTÂNCIA	DEFINIÇÕES
Protagonista:	O país em questão ou referência a ele aparece no título, subtítulo ou primeiro parágrafo e é o foco da notícia

Contexto:	O país em questão ou referência a ele aparece normalmente do segundo parágrafo em diante e não é o foco da notícia, coadjuvante ao acontecimento, só para dar contexto ao fato.
Citação:	O país em questão ou referência a ele só serve como citação ou exemplo e sua retirada não compromete o entendimento do texto.
Rodapé:	O país em questão ou referência a ele só aparece como um <i>link</i> externo, notícia sugerida ou uma <i>tag</i> ao fim da matéria

Tabela 2 - Categorias de importância: nomenclaturas e definições

Sobre essas categorias também é necessária uma explicação mais profunda sobre certos caminhos de definições. Primeiro, “o país em questão” se refere ao país que está sendo investigado na matéria, como, por exemplo, se está sendo feita a análise das notícias da Argentina no G1, a Argentina é o país em questão e assim sucessivamente.

Outro ponto é que ao dizer “referência a ele”, é levado em consideração notícias que tem brasileiros ou empresas e instituições brasileiras, mesmo que não haja explicitamente no título ou subtítulo da matéria. A mesma lógica é seguida para as notícias dos outros países.

Mais um ponto importante é que muitas vezes um país pode ter função de protagonista, contexto ou citação dentro de um mesmo artigo. Para definir qual classe colocar, foi selecionada a posição de maior hierarquia ao nível de importância. Se o nome do país como África do Sul aparece somente uma vez como citação, é assim que será classificada, mas se aparece duas vezes como contexto e citação, contexto será tida como a categoria correta.

Há situações também onde o país ou algo referente a ele não é de fato o personagem central da notícia, mas toda ação da notícia ocorre nesse país, envolvendo as suas instituições. Nesse caso, foi optado por protagonista ou contexto, dependendo de caso a caso (essas nuances ficarão mais evidentes na parte de interpretação).

Outro adendo que se deve fazer é que havia muitas vezes repetições, e suites do mesmo assunto, mas com níveis de importância diferente. Isso proporciona que em vários casos haja um acontecimento que recebeu classificações diferentes, como protagonista e contexto, pois a abordagem jornalística utilizada em cada notícia foi distinta.

Por fim, a categoria de rodapé foi definida com esse nome, pois são termos que ficam na parte de tags ou sugestões de assuntos parecidos. Essa categoria é em suma um agregador de situações que demonstram baixa ou nenhuma importância do país investigado dentro de uma determinada notícia. Por isso, mesmo que os *links* de outras notícias relacionadas não fiquem necessariamente no rodapé do site, elas foram designadas assim por falta de melhor nomenclatura “guarda-chuva”.

Em seguida, será apresentada a última categoria que diz respeito qual a origem daquele conteúdo, se a notícia foi reproduzida pelo próprio jornal, por uma agência de notícias ou de um colunista.

RESPONSÁVEL PELA PRODUÇÃO	DEFINIÇÕES
Agência de notícias	A notícia é produzida por outros veículos ou agências de notícias como BBC News, France Presse e Reuters.
Veículo jornalístico:	A notícia é apurada pelo veículo que está distribuindo a notícia (G1, TN Online, News24 e NDTV) ou é uma notícia de veículos afiliados, ou irmãos.
Opinião:	A matéria publicada por um colunista ou de claro caráter opinativo e não significa necessariamente a opinião do veículo publicante.
Não se aplica:	Não foi possível reconhecer qual a fonte direta de apuração da notícia, normalmente em matérias de TV que foram distribuídas no site.

Tabela 3 - Categorias de apuração: nomenclaturas e definições

Sobre essas categorias, não há muitas ambiguidades de conceito, mas cada site apresenta por quem a notícia foi escrita de uma forma diferente, então foi necessária bastante atenção para interpretar como cada veículo mostrava o autor da notícia.

Esses dados em questão são bem importantes em um contexto geral, porque o que se nota em pesquisas mais antigas é a grande dependência de agências de notícias na construção de uma esfera global de informações. Entretanto, atualmente com a internet/redes sociais, é necessário saber se agências de notícia ainda tem a mesma importância de antes.

A seguir, a discussão trará um pouco mais essa questão analítica sobre a disposição dos dados e dos meios de comunicação selecionados e obviamente como isso se relaciona com o arcabouço teórico construído até então.

3.4 TRATAMENTO E INTERPRETAÇÃO: HISTÓRICO E LINHA EDITORIAL DOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO

Antes de entrar na análise quantitativa e qualitativa do material coletado, é necessário primeiro fazer algumas ressalvas em relação à própria amostra que foi coleta para essa pesquisa, pois apesar de ter sido usado o critério de selecionar os meios de comunicação de maior penetração em cada país, isso não garante que toda a mídia nacional vê determinado assunto da mesma maneira. O G1 provavelmente cobre a Argentina, África do Sul ou a Índia de um jeito diferente do que a Folha de São Paulo, por exemplo.

Mesmo que seja bem similar, algumas notícias serão privilegiadas perante outras de acordo com a linha editorial de cada jornal. Inclusive, Nelson Traquina (2005) coloca essas questões mais próprias de cada meio de comunicação como valores-notícia de seleção por meio de critérios contextuais.

Isso quer dizer que dependendo da disponibilidade de apuração, equilíbrio das notícias, visibilidade do acontecimento, o trabalho dos concorrentes e se o dia é propício para grandes notícias ou não podem interferir no resultado final do que foi publicado por um jornal. Então, considerando, essas questões que envolvem valores-notícias associados à atividade do próprio veículo e das características e condições da profissão, foi feito um esforço para entender e ilustrar um pouco de cada um dos meios de comunicação da pesquisa.

Fazer esse movimento de buscar o histórico e posicionamento do G1, TN Online, News24 e NDTV é extremamente importante, pois retira algumas posições, conclusões que poderiam ser precipitadas por desconhecimento do que são esses veículos.

Então, por exemplo, se em determinado veículo foram encontradas uma grande quantidade de notícias esportivas, isso pode ser porque o país noticiado se relaciona muito com esse tema ou porque o jornal tem o esporte como linha editorial forte. Todas as circunstâncias externas e internas devem ser colocadas à prova para ter uma resposta mais próxima da realidade ou daquilo que se quer encontrar.

Por fim, vale destacar que o que está sendo colocado aqui como “histórico e linha editorial” é uma mescla daquilo que os próprios veículos definem como sua posição, assim como um resumo do que foi observado ao pesquisar todas as 386 notícias em cada um dos portais de informação citados.

3.4.1 TRATAMENTO E INTERPRETAÇÃO: HISTÓRICO E LINHA EDITORIAL DO G1

O G1⁸² é o portal de notícias do Grupo Globo, o grupo de comunicação de maior alcance da mídia brasileira, como já citado anteriormente. De acordo com o próprio G1, o site foi ao ar no dia 18 de setembro de 2006. Para concretizar o projeto, foi criada uma estrutura híbrida que contava com profissionais, conhecimento e infraestrutura tanto do jornalismo da TV Globo quanto da *globo.com*, empresa criada em 2000

O G1 foi a primeira iniciativa de conteúdo jornalístico da Globo criada e pensada para o digital. Embora os telejornais e programas da Globo possuíam, em sua maioria, endereços na internet, suas equipes não eram dedicadas à produção de informação exclusiva. A *Globo.com*, por outro lado, já tinha investido na criação de alguns sites jornalísticos, mas nenhum deles estruturado com uma redação própria inteiramente dedicada à cobertura noticiosa em tempo integral.

Com o G1, a Globo mergulha no jornalismo digital e logo em 2008, o portal assume o posto de maior audiência no Brasil. Atualmente, atinge em média mais de 55 milhões de usuários por mês. O G1 conta com redações em todos os estados do Brasil, está presente nas principais redes sociais e tem versões para aplicativos IOS e Android.

Além desse histórico e sistematização da plataforma, é importante dizer que ela se divide em editoriais, sendo eles: *agro, ciência, economia, educação, empreendimento, fato ou fake, guia de compras, inovação, loterias, meio ambiente, monitor da violência, mundo, olha que legal, política, pop & arte, saúde, tecnologia, trabalho e carreira e turismo e viagem*.

Por mais controverso que possa parecer, nem todas as notícias de Argentina, África do Sul ou Índia provém da editoria “mundo”, elas se dividiram entre essas categorias que são em certa medida compatíveis com as editorias sugeridas para essa pesquisa.

Outro ponto a se destacar e não vale só para o G1, é que algumas notícias do site são provenientes de outros afiliados ligados ao G1, mas que não são escritas necessariamente pelos profissionais do G1. Alguns exemplos são Fantástico, Jornal Nacional, Globo News, Globo Esporte, dentre outros.

Por fim, o site é muito dinâmico com uma *homepage* bastante mutante de acordo com que o dia noticioso pede (porém, sem sair das editorias do g1), mas também há um recurso interessante e que facilita a procura de notícias sobre determinado assunto ou país que é o sistema de *tags* ou busca. Após a digitação da palavra-chave, o site joga o usuário para uma página programada só com notícias que envolvem a Argentina, África do Sul ou Índia.

⁸² Tenha acesso pelo link: <https://g1.globo.com/>

3.4.2 TRATAMENTO E INTERPRETAÇÃO: HISTÓRICO E LINHA EDITORIAL DO TN ONLINE

TN Online⁸³, mais conhecido por sua sigla TN, é a versão online do jornalismo do canal de TV por assinatura, Todo Noticias, da Argentina. Esse canal também pertence a um famoso conglomerado de comunicação chamado Grupo Clarín.

A Todo Noticias é o canal de TV com a segunda maior audiência do país. Em setembro de 2013, a emissora alcançou 2,6 pontos de audiência, atrás somente do C5N com 3,86 pontos. Esse retrospecto pode ser notado na sua plataforma online, já que ela também figura em segundo com 29% dos internautas lendo suas notícias semanalmente, perdendo para a Infobae com 40%.

Além disso, como o G1, a TN Online apresenta no seu catálogo de notícias uma variedade de outros meios de comunicação parceiros que também contribuem com o conteúdo da plataforma, exemplos como Clarín, Olé e Artear (são 16 grupos de comunicação afiliados ao todo).

Em relação às editorias, que em espanhol é traduzido como “secciones” segue o mesmo padrão de assuntos do G1, mas com variedade de editoriais um pouco diferente e que tem interferência na quantidade e no tipo de notícia abordados pelo TN (isso vai ser explorado mais detalhadamente na análise de cada país posteriormente).

As editorias são: últimas notícias, deportivo, bienestar, tecno, “todes nosotros”, running, autos, estilo, campo, TN y la gente, videos, política, sociedad, economía, internacional, pocias, opinión, clima, horóscopo, turismo e general. Além disso, seguem um padrão muito local de assuntos como a cotação do *dólar blue* no topo da página.

Percebe-se no site um caráter muito plural de temas e uma massiva quantidade de notícias, e as notícias associadas ao Brasil vem de fontes diversas. Outra tendência forte é o *live* que retransmite o que está sendo passado na Todo Noticias TV, algo que não é feito no G1, por exemplo.

Em conclusão, outra peculiaridade do site é o constante uso de propagandas geradas por inteligência artificial e geolocalização, algo muito comum em qualquer site de notícias a fim de monetizar a plataforma. Porém, foi tomado o cuidado para que a palavra-chave pesquisada, Brasil, estivesse diretamente ou indiretamente associada a matéria e não vinculada a uma propaganda.

⁸³ Tenha acesso pelo link: <https://tn.com.ar/>

3.4.3 TRATAMENTO E INTERPRETAÇÃO: HISTÓRICO E LINHA EDITORIAL DO NEWS24

News24⁸⁴ é propriedade da Media24, a principal empresa de comunicação da África do Sul, com interesses nos meios e serviços digitais, jornais, revistas, comércio eletrônico, edição, impressão e distribuição de livros. Eles contam com uma equipe de mais de 100 jornalistas baseada na Cidade do Cabo, Joanesburgo, Pretória, Durban, e Port Elizabeth. Além disso, o grupo inclui outros produtos de escalabilidade: News24 Business, News24 Sport, e News24 Life (fora 24 outros veículos associados).

Assim como os outros, o News24 tem uma massiva quantidade de conteúdo, sendo alguns com inscrição paga e que se divide em: *investigations, politics, business, sport, life, opinion, climate, future e special projects*. Cada uma dessas se divide em outras subcategorias, que podem ser genéricas ou de uma relação cultural muito forte com a África do Sul, como, por exemplo, a subcategoria “*rugby*”.

Fora essas categorias maiores que aparecem no topo da página, há divisões ao longo da *homepage* como South Africa, *world ou wellness*. Assim, como nos sites anteriores, a palavra-chave *Brazil* ficou associada a diferenças editoriais e diferentes graus de importância por conta disso. Como os outros meios de comunicação, o site é extremamente mutável e as categorias podem mudar de acordo com aquilo que está ocorrendo no momento.

Por ter uma disposição para a venda de comércio eletrônico e livros, a parte de assuntos relacionados a negócios e até mesmo de literatura tiveram um destaque maior do que no site indiano ou argentino.

3.4.4 TRATAMENTO E INTERPRETAÇÃO: HISTÓRICO E LINHA EDITORIAL DO NDTV

Nova Delhi TV⁸⁵ ou simplesmente NDTV é o meio de comunicação pioneiro na televisão noticiosa e no jornalismo digital da Índia. Fundada em 1988, é hoje a rede noticiosa mais vista da Índia e líder na internet. A NDTV não possui tantos ramos ou associações com outros conglomerados de notícias, mas possui iniciativa explorando outros mercados como marketplaces de eletrônicos e produtos artesanais. Eles também financiam um site de automóveis chamado Fifth Gear Auto.

Outra questão interessante da plataforma é o NDTV Convergence, uma iniciativa que alinha TV, internet e *mobile*. Isso foi visto de certa forma na TN online também. Ainda dentro do assunto integração e pela Índia ser um país multifacetado, eles disponibilizam o site em inglês e hindi.

⁸⁴ Tenha acesso pelo link: <https://www.news24.com/>

⁸⁵ Tenha acesso pelo link: <https://www.ndtv.com/>

Em relação às editorias, o site é dividido em: *Live TV, Latest, India, Opinion, Video, Cities, World, South, People, Science, Weather, TV Schedules, Trends, Photos e Trains*. Por esse diagnóstico é possível perceber que há uma relação muito grande entre TV e jornalismo digital. Além disso, há algumas editorias mutáveis de acordo com o que está acontecendo no momento, como a editoria COVID.

3.4.5 TRATAMENTO E INTERPRETAÇÃO: ANÁLISES QUANTITATIVAS E QUALITATIVA

O que será explorado agora é a análise propriamente dita de todos os dados coletados, categorizados e devidamente ponderados de acordo com o contexto jornalístico em que se encontram. Ressaltando também que um estudo como esse não pode e não deve ser interpretado como a verdade absoluta dos fatos a serem analisados, mas meramente uma aproximação de um fenômeno do universo do jornalismo e da sociedade, que precisa ser considerado e elucidado.

Dessa maneira, a análise segue por duas etapas. A primeira é a apresentação dos dados de cada um dos respectivos cenários: G1 (África do Sul), G1 (Argentina), G1 (Índia), TN Online (Brasil), News24 (Brazil) e NDTV (Brazil). Obviamente que cada um desses tem um gráfico para análise de temas, níveis de importância e responsável por reprodução, como dito anteriormente.

Essas observações são feitas com o embasamento não só número dos gráficos, mas também com o apoio de figuras de trechos que realçam aquilo que está sendo discutido. Além de uma análise qualitativa e ponderada desses dados aliado ao conteúdo teórico apresentado nos capítulos anteriores.

3.5 COBERTURA DO G1 SOBRE A ÁFRICA DO SUL

O país do continente africano apresenta ao todo 19 notícias que mencionam o país ou fazem referência a ele de alguma forma dentro do G1. Esse é um número baixo de menos de uma notícia por dia, que evidencia a pouca importância da África do Sul para a geopolítica e para o Brasil, especificamente. Apesar de não ter um número de notícias menor dentro do G1 (Índia só tem 13) , o país é o que possui menor diversidade de temas em suas matérias, com somente 6 temas.

Cobertura do G1 sobre a África do Sul (Tema Principal)

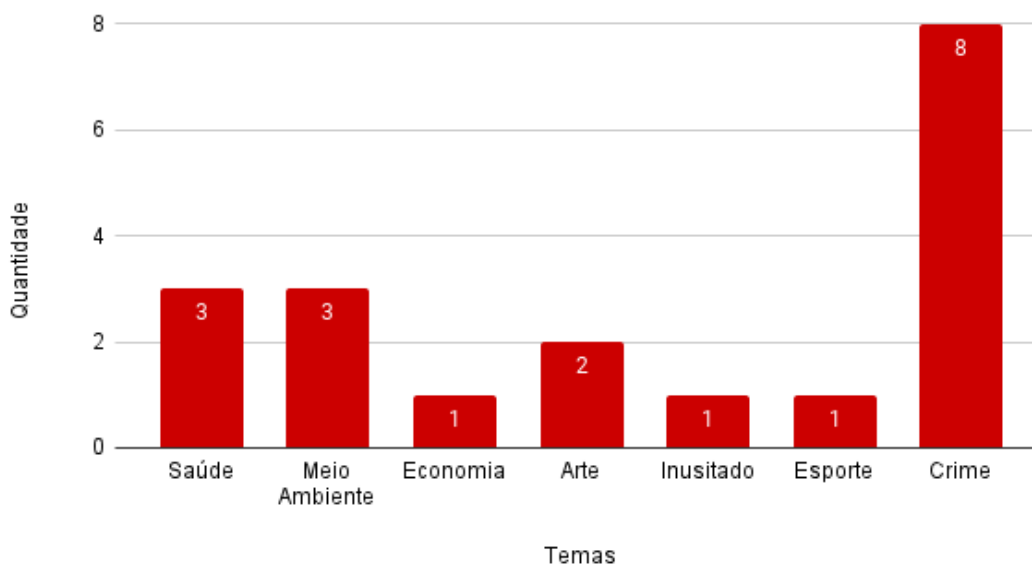


Gráfico 2 - Divisão por temas das notícias com menção à África do Sul no G1

O tema que aparece com um número alto em relação às outras, metade da amostragem, é a de crime, com oito matérias. Essa situação ocorreu, pois houveram dois casos de violência extrema no país, que deram espaços para suites. A primeira notícia foi de um atirador em Joanesburgo que matou ao menos 15 pessoas em um bar, após efetuar 137 disparos⁸⁶. Esse acontecimento foi noticiado 5 vezes pelo G1, inclusive uma das matérias foi uma reprodução da TV por meio de um *link* para o Globo Play.

A outra notícia foi de um caso em que 20 pessoas foram encontradas mortas em um bar⁸⁷, sugerindo que isso pode ter ocorrido por ingestão de drogas ou bebida com substância mortal. Esse acontecimento foi reproduzido três vezes.

Em seguida, empatados com três notícias, têm Saúde e Meio Ambiente. Os casos de saúde compreendem assuntos relacionados a epidemias de Covid e um novo vírus chamado Marburg⁸⁸. Já os de meio ambiente, são em referência a morte de um avestruz na estrada e o assassinato de caçador de leões e outros animais selvagens, que apesar de ser um crime é

⁸⁶ **Atiradores de Johannesburg dispararam pelo menos 137 vezes, diz polícia**, G1. Disponível em <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/07/11/atiradores-de-johanesburgo-dispararam-pelo-menos-137-vezes-diz-policia.ghtml>> Acesso em 29 de ago. de 2022.

⁸⁷ **Mortes em bar na África do Sul podem ter ocorrido por ingestão de bebida, comida ou droga, dizem investigadores**, G1. Disponível em <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/06/27/mortes-em-bar-na-africa-do-sul-podem-ter-ocorrido-por-ingestao-de-bebida-comida-ou-droga-dizem-investigadores.ghtml>> Acesso em 29 de ago. de 2022.

⁸⁸ **O que é o vírus Marburg, 'primo' do ebola que voltou a preocupar após mortes em Gana**, BBC Mundo. Disponível em <<https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/07/18/o-que-e-o-virus-marburg-primo-do-ebola-que-voltou-a-preocupar-apos-mortes-em-gana.ghtml>> Acesso em 29 de ago. de 2022.

muito específico de safári e temas ambientais ligados à África em geral. Os outros temas com uma quantidade irrelevante de um para Economia, Inusitado e Esporte e dois de Arte, que é a repetição de uma mesma matéria.

Diante dessa primeira análise numérica, fica evidente que a África do Sul é representada tipicamente por temas frequentemente associados ao continente africano, como violência, doenças e vida animal. Em relação ao tema doenças, há um adendo porque o tema COVID-19 dominou e ainda domina de certa forma o noticiário internacional e a África do Sul foi responsável por disseminar uma nova variante, então é compreensível que o país seja mencionado nesse tipo de notícia.

Fora isso, os outros temas são esporádicos e que devem aparecer circunstancialmente, mas sem muito destaque. Quando vamos para a parte de nível de importância, o que se percebe é o alinhamento com a tendência de baixa relevância geral.

Cobertura do G1 sobre a África do Sul (Nível de Importância)

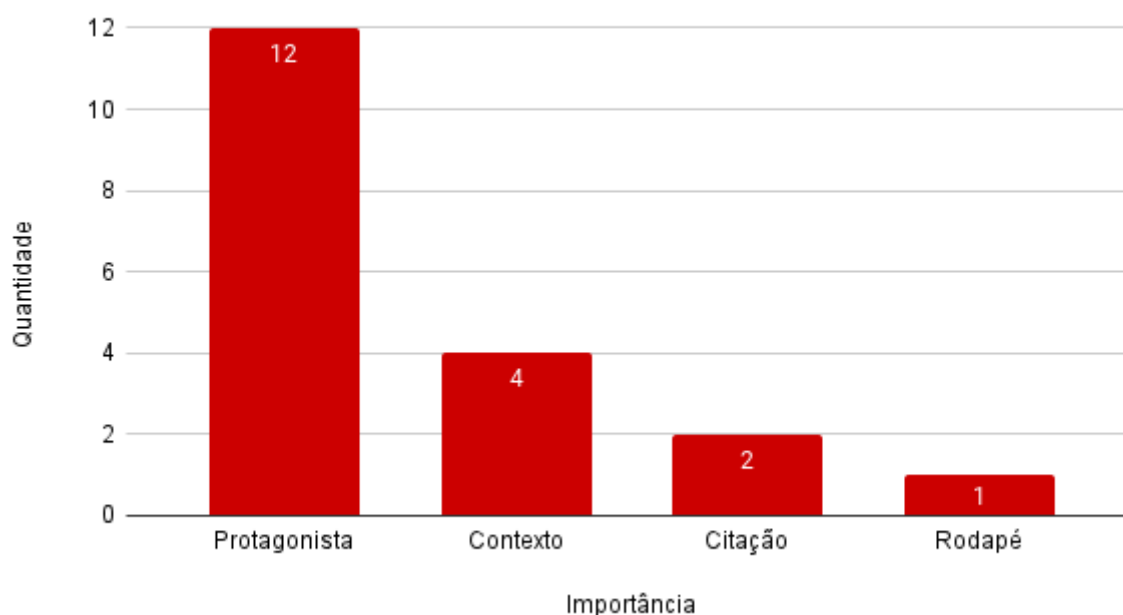


Gráfico 3 - Divisão por nível de importância das notícias com menção à África do Sul no G1

As categorias que mais aparecem (Crime, Saúde, Meio Ambiente) são também as que apresentam a África do Sul como protagonista da notícia e as que têm maior extensão em quantidade de palavras. As notícias classificadas com contexto se dividem nesses três grandes temas de antes, mas também em temas mais isolados como esporte, que é uma matéria de TV

falando da vitória de uma surfista brasileira em uma etapa do mundial de surf que ocorreu na África do Sul⁸⁹.

As notícias grifadas como citação são em sua maioria das categorias de menor expressão como Arte e Economia, enquanto a de rodapé foi uma situação inusitada, pois a notícia em questão é da categoria Saúde e sobre covid, mas que a África do Sul não aparece ao longo do artigo e só é referenciado na *tag* ao fim da notícia.



Figura 5 - Tags da notícia “Brasil tem primeira alta mensal de mortes por Covid desde fevereiro, mas com baixa letalidade, aponta Secretária de Saúde” do G1⁹⁰

Ao analisar as categorias de Contexto, Citação e Rodapé somadas, sendo 7 no total, elas expressam situações em que a África do Sul é coadjuvante da notícia ou está associada ao Brasil de alguma forma. Em termos de apuração, é possível ver um grande esforço do G1 em ir atrás das notícias, sendo 12 no total apuradas pela equipe do portal. Somente duas são provenientes de agências de notícias e 5 não foi possível identificar (republicação de matéria de TV).

⁸⁹ Tati Weston-Webb vence mais uma etapa no Circuito Mundial de Surfe, Globoplay. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/10760715/>> Acesso em 29 de ago. de 2022.

⁹⁰ PINHEIRO, Laura. Brasil registra mais de 7 mil mortes por Covid em julho, apontam secretarias de Saúde, G1. Disponível

em <<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/08/01/brasil-registra-mais-de-7-mil-mortes-por-covid-e-m-julho-apontam-secretarias-de-saude.ghtml>> Acesso em 29 de ago. de 2022.

Cobertura do G1 sobre a África do Sul (Responsável pela Reprodução)



Gráfico 4 - Divisão por responsável por representação das notícias com menção à África do Sul no G1

Essa tendência de grande apuração interna dos veículos é uma tendência que se nota basicamente em todas as análises, muito por conta da efetividade da internet em disseminar informações muito rápido. Além disso, há notícias que viram notícias por conta da internet em um movimento público-mídia. Um exemplo disso é a matéria da categoria Inusitado, que fala sobre um cara que morreu após beber de vez uma garrafa inteira de licor por uma aposta.

Um homem morreu na **África do Sul** depois de participar de uma competição de bebida alcoólica em Mashamba Village, na província de

Saúde Global em Harmonia
Yakult.

Figura 6 - Início da notícia “Homem morre após ingerir garrafa inteira de licor em dois minutos” do G1⁹¹

As notícias capturadas de outra agência, no caso a BBC, é normalmente voltado para assuntos de maior complexidade e de caráter de uma grande reportagem. Algo que é bastante compreensível perante ao contexto mais ágil que grandes conglomerados de mídia como a Globo precisam ter com o *hardnews*.

Em conclusão, o que se pode notar da cobertura do G1 na África do Sul e sendo mais amplo, uma percepção do Brasil sobre esse país e conseqüentemente outros países africanos, é a baixa importância deles no cenário internacional. Mesmo que o Brasil seja um país subalterno como a África do Sul, a cobertura segue um padrão de valores-notícia de países de elite: só é notícia quando o assunto é muito notícia. Os casos de maior frequência (crime, saúde e meio ambiente) seguem uma excepcionalidade grande, como um tiroteio em boate com 137 disparos, ou pessoas que subitamente morrem sem nenhum sinal de violência em um bar.

Além disso, esses temas também condizem com um padrão de estereótipo que se tem da África do Sul e África no geral. Algo que é de fato verdadeiro e coerente com aquilo que o país pode proporcionar em termos noticiosos, mas que ainda deixa o olhar de interpretação do leitor muito fechado a esses temas, especialmente de maneira negativa. Essa visão está muito ancorada nos valores-notícia propostos por Nelson Traquina (2004).

Outra situação que poderia ter ocorrido de maneira mais contundente são matérias que envolvem BRICS ou relação econômica dos dois países, mas a única notícia de economia só cita a África do Sul, mas não a envolve nem em uma situação de contexto. Isso poderia ter aparecido mais.

Um ponto positivo é que grande parte da notícia foi apurada pelo G1, por meio do que a internet disponibiliza de informação. Essa é uma tendência muito boa, pois posiciona o jornalismo em todos os “lugares”, algo que era impossível anteriormente. Então, o número de notícias poderia ter sido menor ou limitado somente aos três temas centrais.

Entretanto, a “divisão digital” dita por Castells (2001) também é um ponto a se destacar levando em consideração que a África do Sul tem uma baixa penetração de internet, então boa parte do que acontece no país e que poderia vir a ser notícia é “inacessível”. Por fim, o que se deve ponderar é que características culturais de um país subalterno e de proximidade geográfica certamente importam na hora de representar outro país subalterno, que não tem impacto mundial. Então, se o Brasil se localizasse na África e tivesse como

⁹¹ **Homem morre após ingerir uma garrafa inteira de licor em dois minutos**, G1. Disponível em <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/07/14/homem-morre-apos-ingerir-uma-garrafa-inteira-de-licor-em-dois-minutos.ghtml>> Acesso em 29 de ago. de 2022.

esporte principal o rugby, certamente haveriam mais notícias da África do Sul na mídia brasileira.

3.5.1 COBERTURA DO G1 SOBRE A ARGENTINA

A Argentina é o país que mais tem notícias no G1, com 58 ao todo, sendo maior que Índia e África do Sul somados. Esse é um número que pode ser considerado alto e que leva em consideração um aspecto citado anteriormente: a proximidade geográfica e cultural faz diferença.

Essa condição de noticiabilidade que a Argentina possui na mídia brasileira é fruto de ser um país vizinho, com costumes parecidos, com economias mais conectadas e até mesmo a própria rivalidade futebolística. Isso é comprovado não só em números brutos, mas também na diversidade de temas; sendo 15 ao todo. Da economia até desastres naturais, a Argentina é o país que possui uma cobertura mais ampla, porém mesmo assim é possível notar uma tendência de narrativa muito clara.

Cobertura do G1 sobre a Argentina (Tema Principal)

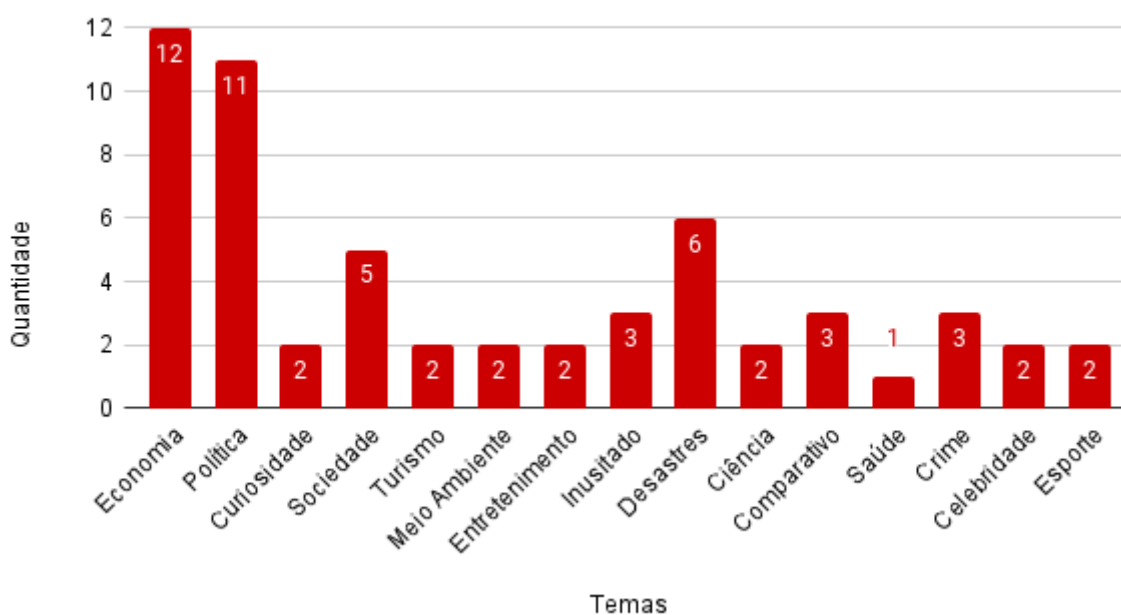


Gráfico 5 - Divisão por temas das notícias com menção à Argentina no G1

Algo que se pode notar bem destacado é a dominância das categorias Economia e Política no noticiário brasileiro. É até um pouco difícil separar os dois, pois considerando a instabilidade política e econômica desse país sul-americano, ambos são quase uma coisa só.

Um bom exemplo dessa característica, é uma notícia que destaca o novo Superministro da Economia, Sergio Massa, que inclusive trabalhou como embaixador argentino no Brasil antes de ser convocado pelo governo de Alberto Fernández⁹². Essa notícia foi bastante reprisada e teve várias suítes, assim como troca de outros cargos ligados à economia.

O terceiro maior tema é Desastres Naturais com 6 notícias. Por mais que ela esteja nessa posição, não é significativamente relevante por estar relacionada a um evento casual e pontual. O que motivou essa categoria ganhar muito destaque foi uma nevasca, que ocorreu entre Chile e Argentina e deixou um caminhoneiro brasileiro isolado⁹³.

O tema seguinte é Sociedade com 5, que também pode se dizer que se conecta com as anteriores em alguma medida, pois nela estão incluídas situações como manifestações políticas e até artimanhas da população para driblar a situação econômica, como trocar todas suas economias em pesos por dólares.

Outro caso de Sociedade foi de um homem que achou um “tesouro” de 75 mil dólares em um lixão da Argentina, ou seja, por mais que o próprio fato de achar uma quantia assim seja por si só notícia, existe o fator financeiro por trás.

Dois categorias que poderiam ter uma importância maior eram Esporte e Turismo, ambas com duas e muito semelhante à média restante. A expectativa por um número maior de notícias esportivas vinha da rivalidade entre os times e as seleções de Brasil e Argentina, que sempre gera muita pauta, e em Turismo pela onda de brasileiros que visitam Buenos Aires e Bariloche principalmente.

Em parte, essas tendências não justificam pelo perfil do próprio jornal, que é mais sério e de um tom mais político em si (no TN Online, o cenário muda um pouco). Os demais assuntos têm uma quantidade irrelevante de matérias e pontuais, como ciência e curiosidades.

O assunto crime tem uma perspectiva interessante e que pode ser feito um paralelo na análise do TN, pois todas as três notícias de crime tem a Argentina como somente o lugar de destino da venda de drogas e de pornografia infantil. Então, o tema crime ainda é muito associado ao Brasil. Passando para análise de nível de importância, a Argentina aparece como protagonista em 39 das matérias que é mencionada, um número bastante expressivo que revela mais uma vez uma conexão maior entre “*los hermanos*” e o Brasil.

⁹² **Presidente da Argentina cria 'superministério' da Economia**, Jornal Nacional. Disponível em <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/28/presidente-da-argentina-cria-superministerio-da-economia.ghtml>> Acesso em 1 de set. de 2022

⁹³ SILVA, Lara. **Caminhoneiro brasileiro fica retido em nevasca na Cordilheira dos Andes**, G1 Sul de Minas. Disponível em <<https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2022/07/12/caminhoneiro-brasileiro-fica-retido-em-nevasca-na-cordilheira-dos-andes.ghtml>> Acesso em 1 de set. de 2022

Cobertura do G1 sobre a Argentina (Nível de Importância)

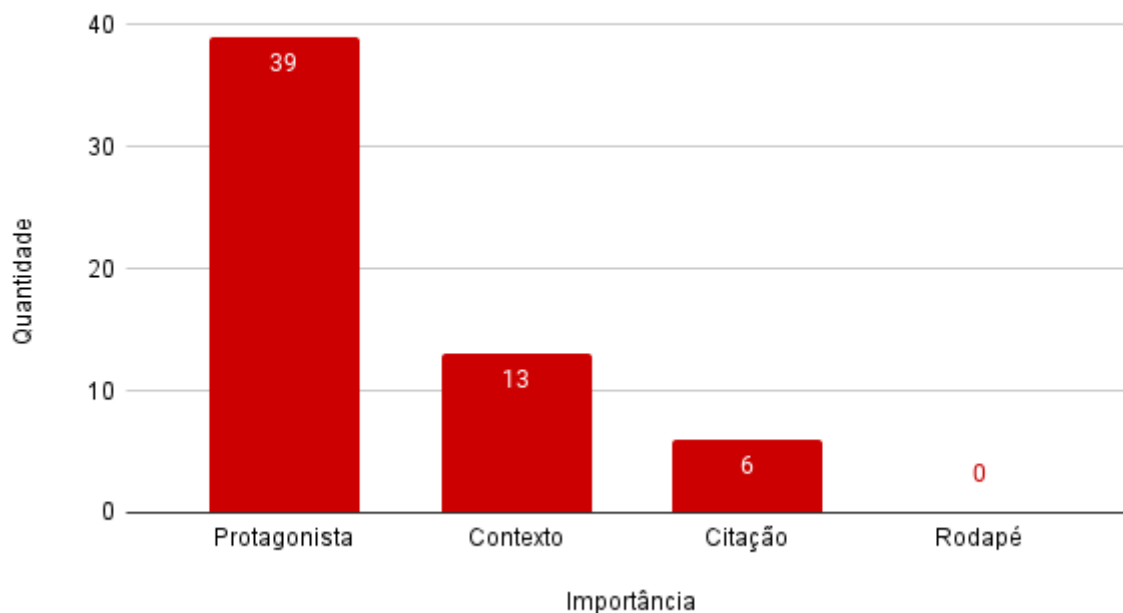


Gráfico 6 - Divisão por níveis de importância das notícias com menção à Argentina no G1

Como é de se esperar, boa parte das notícias em que a Argentina é protagonista vem dos temas de Economia, Política e Sociedade, os temas centrais do país sul-americano para a geopolítica mundial e o Brasil. Já para contexto e citação, há uma mescla dos dois que perpassa os demais temas, inclusive para um tipo de categoria que só foi encontrada no G1 (Argentina), o Comparativo. Ou seja, matérias que trazem algum tipo de paralelo social e/ou econômico da Argentina com o Brasil e a América Latina em si.

Captura de tela de uma notícia do G1. O título principal é "As diferenças entre avanço da esquerda na América Latina e 'onda rosa' de duas décadas". O subtítulo é "Eleição de presidentes de esquerda em vários países da região ocorre em cenário muito diferente daquele de líderes como Chávez ou Lula no passado." A notícia é atribuída a "Por BBC" e data de "04/07/2022 07h10 - Atualizado há 2 meses". Há ícones para compartilhar a notícia em redes sociais (Facebook, Twitter, WhatsApp, Telegram, LinkedIn, Print).

Figura 7 - Início da notícia “As diferenças entre avanço na América Latina e ‘onda rosa’ de duas décadas” do G1⁹⁴

Isso é muito interessante, pois, por mais que exista um distanciamento pela língua (espanhol e português) e um deslocamento econômico do Brasil com os outros países da América Latina, é possível ver um alinhamento e uma busca em se inserir ou se comparar. A Argentina é de alguma maneira um “espelho” para o Brasil, de bom e de ruim.

Então, temas como ditadura militar, desigualdades sociais, possível entrada da Argentina no BRICs unem os interesses dos dois países em querer saber o que passa no ambiente interno de cada um. Partindo para a última análise, temos o tipo de apuração efetuado. Ele também segue a tendência do anterior com mais notícias de responsabilidade de reprodução pelo G1, 36, porém com quase a metade proveniente de agências de notícias, 15.

Cobertura do G1 sobre a Argentina (Responsável por Representação)

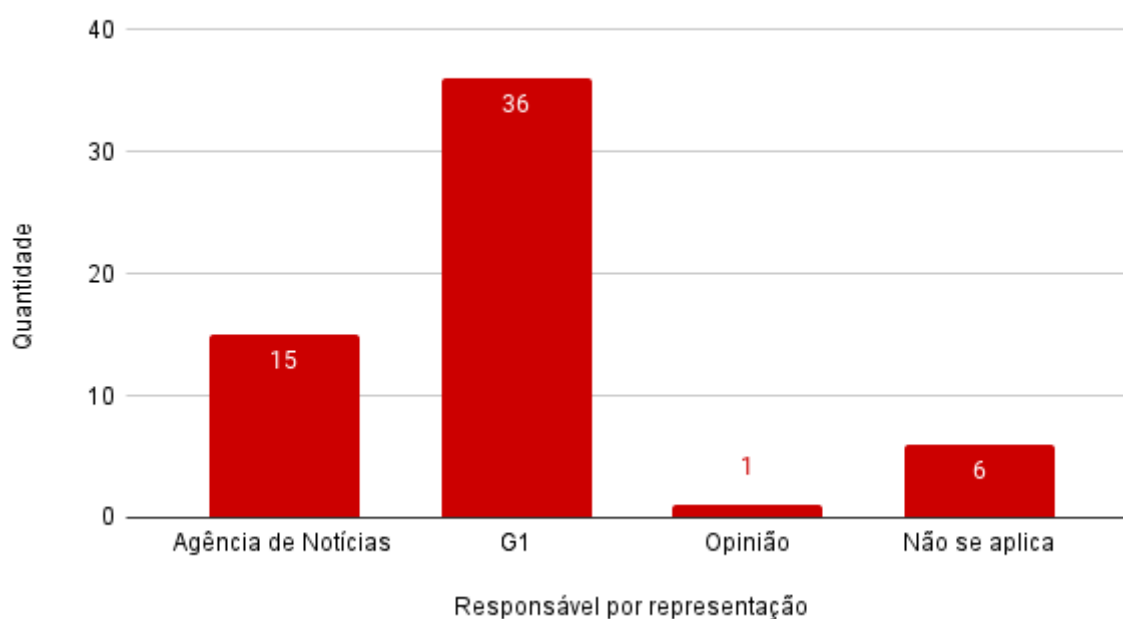


Gráfico 7 - Divisão por responsável por representação das notícias com menção à Argentina no G1

As notícias de agências são normalmente para fatos de maior complexidade, como nas matérias da África do Sul, mas agora envolvendo política e análises de macroeconomia. Outro fator relevante e que destaca a maior importância da Argentina para o Brasil, é que a Globo

⁹⁴As diferenças entre avanço da esquerda na América Latina e 'onda rosa' de duas décadas, BBC Mundo. Disponível em <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/07/04/as-diferencas-entre-avanco-da-esquerda-na-america-latina-e-onda-rosa-de-duas-decadas.ghtml>> Acesso em 1 de set. de 2022

possui correspondentes no vizinho sul-americano. Ariel Palácios e Rafael Sibilla representam o olhar brasileiro para o que acontece na Argentina e, ainda mais importante, atestam um valor-notícia de relevância e proximidade. Esse é um status que Índia e África do Sul não possuem.

Um exemplo disso é a entrada ao vivo de Ariel Palácios, que está na Argentina desde 1996, no Globo News para falar dos 70 anos da morte de Evita Péron, uma figura importantíssima para a política e a cultura argentina.



Figura 8 - Clipe da matéria do Estúdio 1 “Argentina: Homenagens nos 70 anos de morte de Evita Perón do Globo News⁹⁵

Em conclusão, é possível ver alguns ensinamentos da cobertura do G1 em matérias que fazem menção a Argentina. Primeiro, há uma intensa cobertura política e econômica, que se justifica pela relação dos dois países, tanto em matérias mais locais (fechamento de estrada, comércio local, gasolina mais barata no vizinho) quanto para pautas mais internacionais como o Mercosul, por exemplo.

Assim como na avaliação anterior, a centralização de temas limita o leitor a identificar só essa narrativa, que não é mentirosa, mas reduz o noticiário da Argentina a economia e política, de forma negativa. Nisso percebe muito o critério de distorção da “implicação” proposto por Somavía (1976), que se baseia em apresentar a realidade de maneira pessimista e que não há nada além daquilo.

Também existem outros temas com pouca relevância como Meio Ambiente, Saúde, mas que ao menos se fazem notar em um espaço digital mais amplo do que o jornalismo

⁹⁵ **Argentina: homenagens aos 70 anos da morte de Evita Perón**, Globo News. Disponível em <<https://g1.globo.com/globonews/estudio-i/video/argentina-homenagens-nos-70-anos-de-morte-de-evita-pero-n-10793493.ghtml>> Acesso em 1 de set. de 2022

tradicional. Os correspondentes também certamente contribuem para esse aumento de leque de visões para com a Argentina.

3.5.2 COBERTURA DO G1 SOBRE A ÍNDIA

A cobertura da Índia é que tem em números totais a menor quantidade de notícias, 16 contra 19 da África do Sul. Porém, existe uma variedade de temas maior que a África do Sul com 10 categorias. Essa diferenciação, principalmente qualitativa, faz com que as notícias da Índia tenham mais importância geopolítica em geral. Uma característica da cobertura desse país no G1 é a igualdade de notícias por tema, não havendo um assunto que se destaque absurdamente perante os outros.

Cobertura do G1 sobre a Índia (Tema Principal)

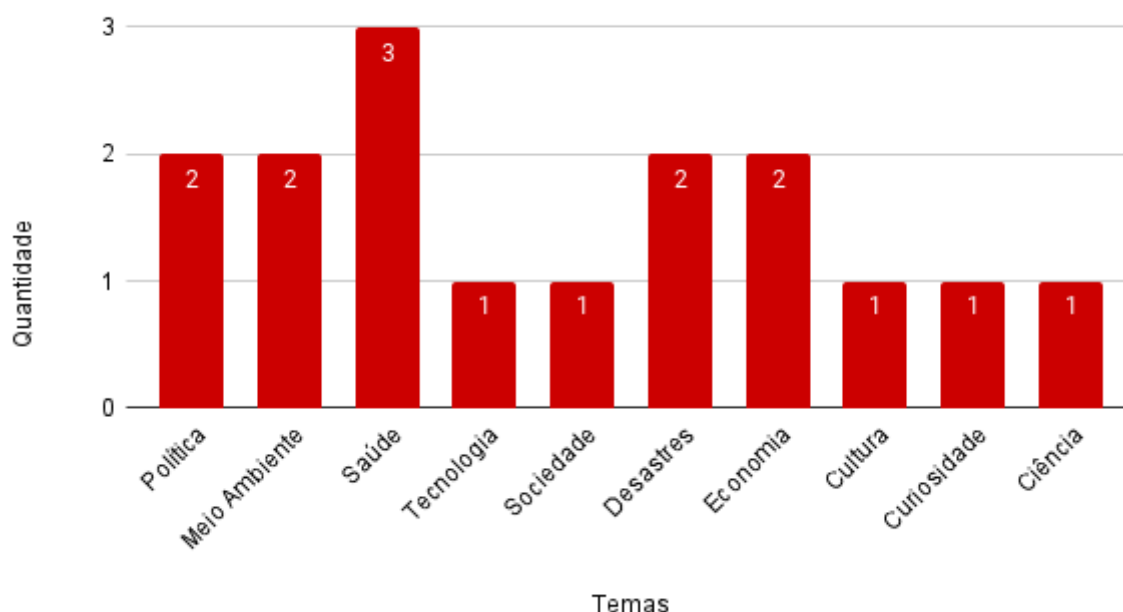


Gráfico 8 - Divisão por temas das notícias com menção à Índia no G1

A editoria com maior destaque é Saúde, com três notícias, todas focadas na questão do coronavírus que dominou as pautas de saúde nos últimos dois anos. Além disso, a Índia é responsável por produzir vacinas e também de variantes. Em seguida, Política, Meio Ambiente, Desastres e Economia se encontram com duas notícias cada. Pautas interessantes saíram dessas editorias, como superpopulação, enchentes, questões de política interna e aquecimento global.

Por mais baixo que possa parecer no total, essas poucas notícias representam muito bem características centrais que estão associadas à Índia, sendo ótimo para criação de

narrativas diversas. As últimas categorias possuem uma notícia cada, mas também contribuem para a visão geral do país ser mais equilibrada.

Quando olhamos a divisão por nível de importância, a Índia é protagonista em mais da metade das notícias e ao contrário dos países anteriores, aparece com protagonismo em situações de caráter geopolítico mais contundente. Um exemplo desses é uma matéria da RFI sobre o aumento da população mundial para 8 bilhões em novembro de 2022.



Figura 9 - Início de matéria da RFI "População mundial deve chegar a 8 bilhões em novembro de 2022" publicada no G1⁹⁶

No que diz respeito ao nível de importância, a Índia é protagonista em 10 das 16 notícias do país asiático. Essas notícias estão distribuídas quase que uniformemente entre as categorias e obviamente há excepcionalidade de alguns assuntos como enchentes na Caxemira são alçadas ao noticiário.

⁹⁶ **População mundial deve chegar a 8 bilhões em novembro de 2022**

G1. Disponível

em<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/07/11/populacao-mundial-deve-chegar-a-8-bilhoes-em-novembro-de-2022.ghtml>> Acesso em 2 de set. de 2022

Cobertura do G1 sobre a Índia (Responsável por representação)

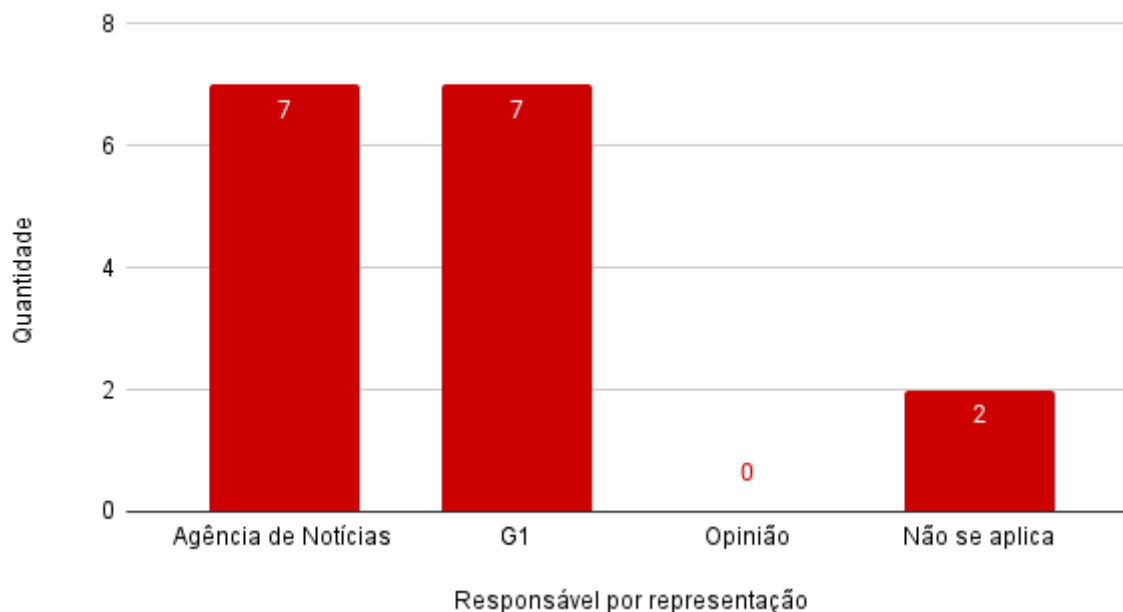


Gráfico 9 - Divisão por nível de importância das notícias com menção à Índia no G1

As notícias de contexto e citação se dividem em questões que envolvem o BRICs ou coronavírus em que a Índia tem uma importância na construção da narrativa. A notícia de rodapé segue o mesmo parâmetro da África do Sul. Indo finalmente para a parte de responsável pela reprodução, encontra-se uma situação incomum de mesma quantidade de notícias reprodução pelo G1 e de agências de notícias, com o valor de sete. Duas matérias de TV publicadas no G1 não foram identificadas na fonte.

Cobertura do G1 sobre a Índia (Nível de Importância)

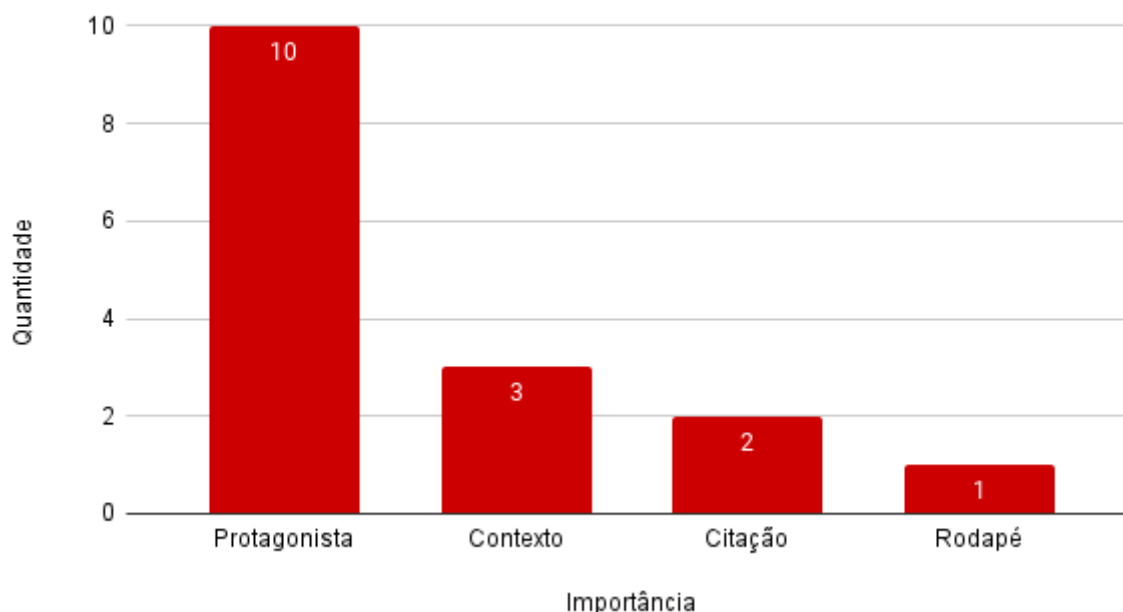


Gráfico 10 - Divisão por apuração de notícias com menção à Índia no G1

Uma hipótese para isso, e já levantada anteriormente, é que a distância física e cultural da Índia em relação ao Brasil faz com que tenha um grande número de notícias de agências internacionais como a RFI, BBC News e France Presse. O noticiário da Índia é pequeno em comparação aos outros, mas mais diversificado e extremamente condizente com a posição do país asiático no mundo. O distanciamento geográfico e cultural pode justificar a questão do baixo número de notícias, mas a diversidade de notícias pode estar ligada com uma condição de poder geopolítica maior do que África do Sul, Argentina e até mesmo Brasil.

Esta perspectiva é interessante também porque relativiza o valor-notícia de “nação de elite” (GALTUNG E RUGE, 1965), já que não é um critério absoluto e pode muito bem ser escalonado. Ou seja, existem graus de importância diferentes dentre os países subalternos e isso depende muito da relevância que aquele país tem para a ordem política mundial, atualmente guiada pelos Estados Unidos.

3.5.3 COBERTURA DO TN ONLINE (ARGENTINA) SOBRE O BRASIL

A próxima etapa é um “divisor de águas”, não só especificamente com o TN Online, mas com outros meios de comunicação estrangeiros. Pois, se antes era uma análise do Brasil sobre esses países (com características e resultados bem diferentes), a interpretação do TN e dos outros jornais está centrada no Brasil. Dessa maneira, o que se espera conseguir com cada um é mais ou menos um retrato do Brasil, considerando as peculiaridades de cada veículo de comunicação. Outro movimento de interpretação interessante que pode ser feito é comparar o

tratamento brasileiro com os argentinos e vice-versa, por exemplo. Esse tipo de observação deve ser feita com África do Sul e Índia também.

A TN Online é disparado o portal que mais tem notícias do Brasil, com 234. Isso se deve a muitos fatores como a quantidade de veículos jornalísticos parceiros, ser uma plataforma que explora muito mais a associação TV e jornalismo digital, mas também a proximidade geográfica e cultural.

De qualquer forma, a cobertura da Argentina dos assuntos de menção ao Brasil é indubitavelmente a maior e mais diversificada se comparada à África do Sul e Índia, respectivamente. Além das 234 notícias, são 15 editorias diferentes (a mesma quantidade do G1).

Cobertura do TN Online sobre o Brasil (Tema Principal)

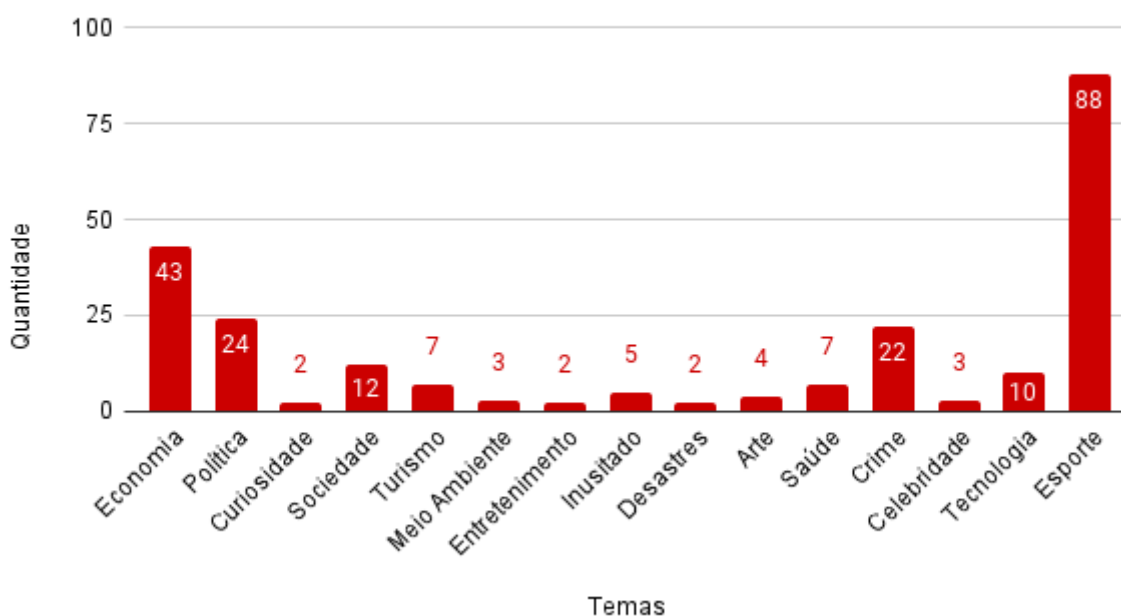


Gráfico 11 - Divisão por temas de notícias com menção ao Brasil no TN Online

O primeiro dado que choca um pouco é a quantidade massiva de notícias de esporte, com 88. Esse é o maior valor disparado de qualquer editoria dentre todos os meios de comunicação, porém com justificativas muito plausíveis para tal resultado.

Como já dito anteriormente, não é novidade que existe uma rivalidade fortíssima entre os dois países, principalmente no futebol, o que faz esse assunto já ter uma relevância natural. Outra justificativa possível é que atualmente os times brasileiros de futebol estão um pouco descolados dos concorrentes do continente.

Então, em competições como Libertadores e o próprio Campeonato Brasileiro, os clubes do Brasil ganham certo destaque na imprensa argentina, seja por contratações dessas equipes ou confrontos com clubes argentinos. Essa tendência está muito associada ao valor-notícia de notoriedade (TRAQUINA, 2004), em que futebolisticamente o Brasil se encontra na elite do continente.

Outro fator que aumentou muito esse número foi que durante o mês de julho ocorreu a Copa América Feminina com sede na Colômbia e vencida pelo Brasil⁹⁷. Houve muitas notícias de apoio à seleção de futebol feminina da Argentina, tanto de jogos como de treinamento e resultados.

O mesmo não pôde ser verificado no G1, pois o portal enquanto linha editorial não tem um foco no esporte, sendo algo esporádico. Provavelmente, se a pesquisa fosse concentrada somente nessa editoria e usasse o Globo Esporte como referência, os números seriam bem parecidos, mas ainda com uma quantidade maior de atenção ao futebol brasileiro nos dois lados da mídia.

Em seguida, os dois assuntos que mais repercutiram e que já era esperado de certa forma foram Economia e Política. Muitas vezes também associados, esses assuntos citam questões como a política interna brasileira com decisões do presidente Jair Bolsonaro, Mercosul e possibilidade da Argentina ser aceita no BRICS.

Entretanto, uma diferença é que a maioria dessas notícias tem como protagonista a Argentina e a dependência ou parceria com a economia/política do Brasil, em questões como preço da soja e competição na venda de *commodities* no geral.

Uma notícia que causou uma interferência nos dados finais foi a escolha de Sérgio Messa como Ministro da Economia, embaixador da Argentina no Brasil, por isso a repetição e menções ao país tantas vezes⁹⁸.

O assunto que vale uma explicação mais detalhada é a editoria Crime. Foram 22 notícias sobre crimes e violência no geral, muito proveniente de notícias internas de repercussão da própria mídia brasileira, como o caso da menina estuprada com 11 anos e teve o direito a aborto negado ou chacina em uma favela do Rio de Janeiro⁹⁹.

⁹⁷ *La Selección argentina aplastó 5-0 a Uruguay en la Copa América femenina y sueña con las semifinales*

TN. Disponível

em <<https://tn.com.ar/deportes/futbol/2022/07/15/la-seleccion-argentina-aplasto-5-0-a-uruguay-en-la-copa-america-femenina-y-suenan-con-las-semifinales/>> Acesso em 3 de set. de 2022

⁹⁸ Esse assunto já tinha repercutido no G1, mas no TN repercutiu ainda mais.

⁹⁹ Esse caso da chacina na favela do Rio também foi notícia no veículo da África do Sul



Figura 10 - Início de matéria da TN "Sangriento operativo policial en una favela de Río de Janeiro: hay 18 muertos" publicada na TN¹⁰⁰

Os assuntos de tecnologia e sociedade que tiveram também um bom número, em torno de 10, é por conta de uma agenda do TN focada em automóveis e muitos dos carros para o mercado argentino chegam primeiro no Brasil. Na parte de sociedade, há muitas matérias associadas às questões ligadas a estética e beleza, comuns no estereótipo de Brasil enquanto país.

O tema de Turismo apareceu com uma quantidade de 7 notícias, por conta da importância dos turistas brasileiros para o mercado argentino. Outro tema que poderia ter tido mais relevância é Meio Ambiente, mas isso não ocorreu com o TN especificamente.

Seguindo para a parte de nível de importância, há uma diferença grande para análises anteriores do G1. Nas notícias que o Brasil é mencionado, em sua enorme maioria, ele é simplesmente citado e a retirada da palavra-chave não alteraria a narrativa da matéria.

¹⁰⁰ Sangriento operativo policial en una favela de Río de Janeiro: hay 18 muertos

TN. Disponível

em<<https://tn.com.ar/deportes/futbol/2022/07/15/la-seleccion-argentina-aplasto-5-0-a-uruguay-en-la-copa-america-femenina-y-suena-con-las-semifinales/>> Acesso em 3 de set. de 2022

Cobertura do TN Online sobre o Brasil (Nível de importância)

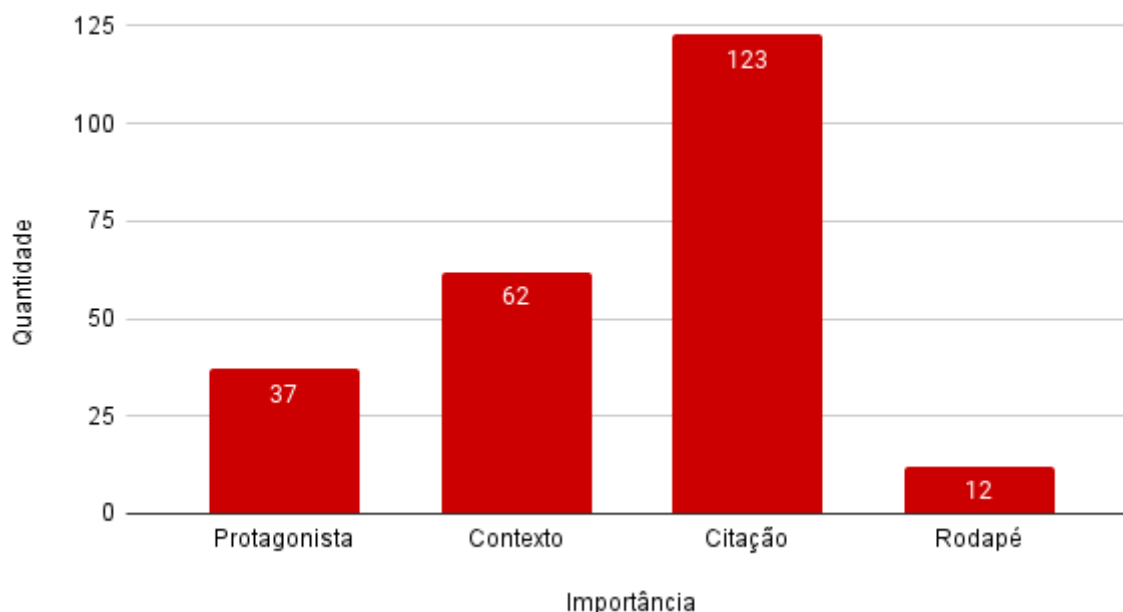


Gráfico 12 - Divisão por nível de importância de notícias com menção ao Brasil no TN Online

As notícias de citação são tão numerosas por conta de outros fatores já apresentados, repetições de matérias com o nome do Brasil e notícias que tem como protagonista a Argentina e o Brasil é um mero coadjuvante. Nas matérias em que o país é protagonista normalmente provém de assuntos como política e esportes. Passando para o último critério de avaliação, a apuração, também há uma tendência de mais notícias de apuração do próprio veículo do que de agências de notícias. A questão é que a diferença dos dois é muito maior no TN Online do que em qualquer outro caso do G1.

Cobertura do TN Online sobre o Brasil (Responsável por Representação)

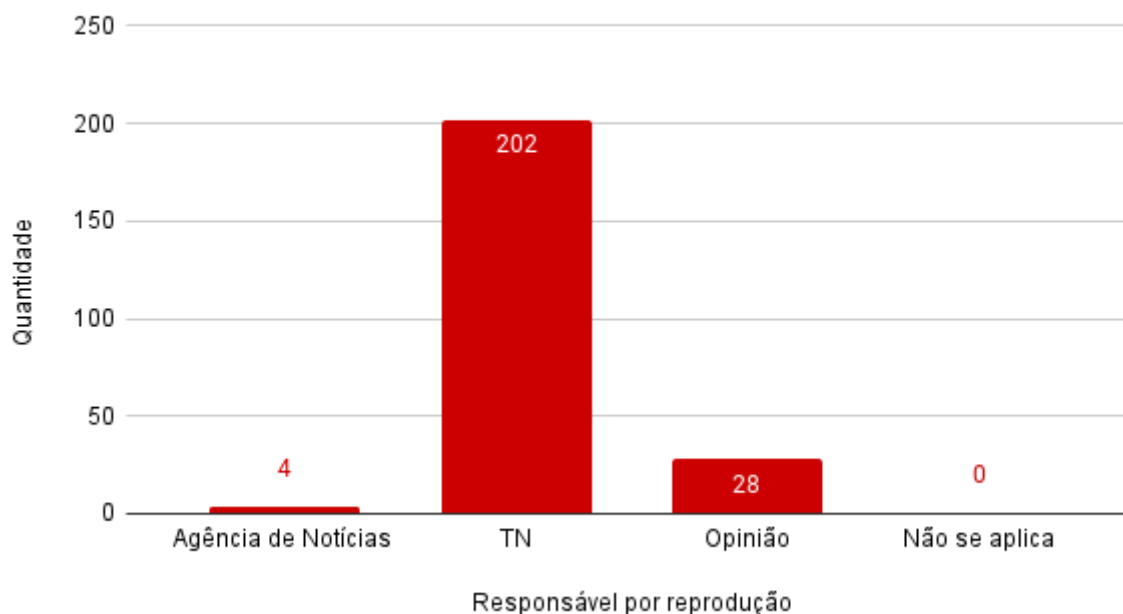


Gráfico 13 - Divisão de responsável pela representação de notícias com menção ao Brasil no TN Online

O que pode ser extraído desse gráfico é que a TN não se utiliza quase nunca de pautas de agências de notícias quando o assunto envolve o Brasil. Isso pode ser associado com a grande quantidade de veículos jornalísticos parceiros do Grupo Clarín, mas também pelo Brasil ser coadjuvante na maior parte das notícias coletadas. Opiniões também aparecem com um número mais expressivo do que nas amostras anteriores, mas em assuntos que dizem respeito direto à Argentina.

Diante do que foi apresentado pelos dados e análises, o que se pode concluir é que o tratamento da Argentina com os assuntos do Brasil é o mesmo que o Brasil faz com a Argentina. No G1, em 39 notícias, a Argentina era protagonista, enquanto no TN, em 37 o Brasil é protagonista.

Esporte e Crime são temas focais do vizinho sul-americano, tendo também uma grande participação na política e economia interna argentina. Esses dois temas em que o Brasil é protagonista são esperados e condizem com a realidade brasileira, mas caem na mesma situação de baixa diversidade de narrativa. É uma visão galgada ainda em um nível de importância menor dos dois países no cenário internacional, mesmo que estejam tão próximos e tenham muitos pontos de realidade em comum.

Outra reflexão importante é que muitas vezes o que passa para o noticiário internacional de outros países é resultado de uma cobertura interna. Então se o Brasil retrata

em maior quantidade pautas negativas como violência no noticiário interno, isso será reproduzido em maior ou menor grau nos outros países, seja dominante ou subalterno.

3.5.4 COBERTURA DO NEWS24 (ÁFRICA DO SUL) SOBRE O BRASIL

O News24 é o segundo veículo com mais notícias do Brasil, 45 no total. Além disso, há uma diversidade de 10 editoriais, em comparação às 15 editorias do TN Online. Dois assuntos se destacam: Esporte e Economia.

Cobertura do News24 sobre o Brasil (Tema Principal)

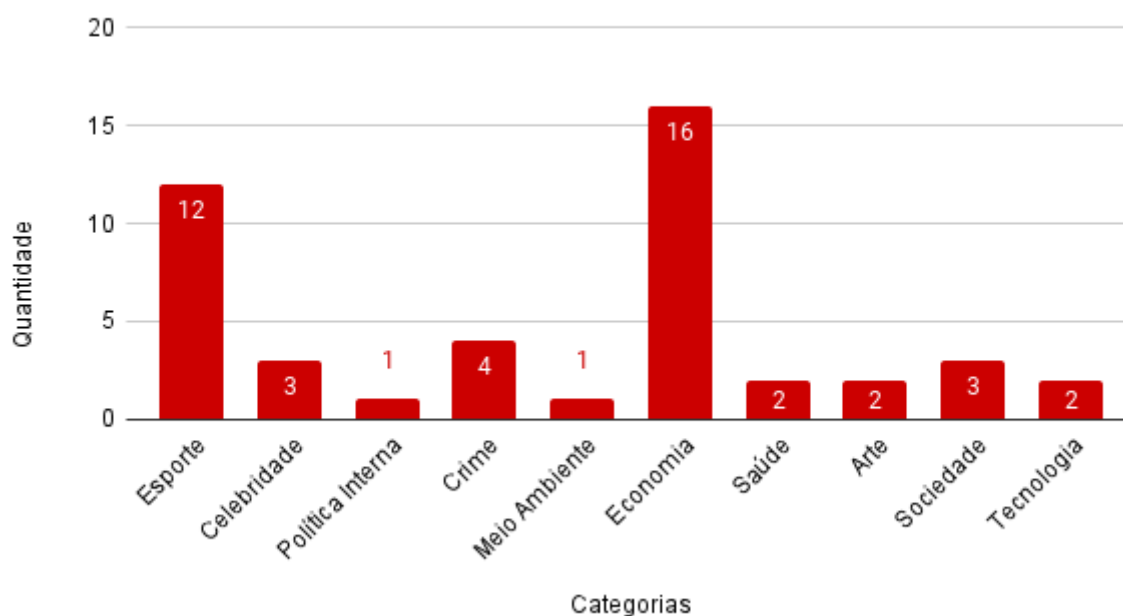


Gráfico 14 - Divisão de temas de notícias com menção ao Brasil no News24

A categoria de Economia vem na dianteira com 16 notícias, muito associadas à situação do BRICS e demanda energética ou outras questões econômicas em que o Brasil aparece somente como mero coadjuvante.

O segundo tema de maior repercussão é Esporte, em que se destacam assuntos como vendas de jogadores brasileiros e o ano de Copa do Mundo. O futebol é de longe a maior referência que se tem nos jornais em relação ao Brasil e é definitivamente um grande exportador do que é a cultura brasileira para o mundo¹⁰¹.

¹⁰¹ Houveram 3 notícias no News24 especificamente sobre jogadores brasileiros de futebol

Outros assuntos com menor relevância são Crime e Sociedade, mas que não seguem o padrão anterior de algo que saiu na mídia interna. Em relação ao assunto crime, a repercussão provém de um caso que não envolvia diretamente o Brasil, mas somente um fugitivo sul-africano que acabou indo para o país sul-americano.

Em sociedade, o que se percebe são matérias providas de redes sociais, algo em que os brasileiros são assíduos usuários. Um exemplo é de uma influencer brasileira que fez diversas cirurgias para se parecer com Kim Kardashian¹⁰². Vale destacar que os temas de estética e beleza são comuns em pautas com menção ao Brasil. As outras categorias se mostram irrelevantes em quantidade e qualidade.

Partindo para o gráfico de nível de importância, o Brasil não tem muita relevância no cenário interno sul-africano. São 10 matérias como protagonista, principalmente no quesito esporte e 35 entre contexto, citação e rodapé.

Cobertura do News24 sobre o Brasil (Nível de Importância)

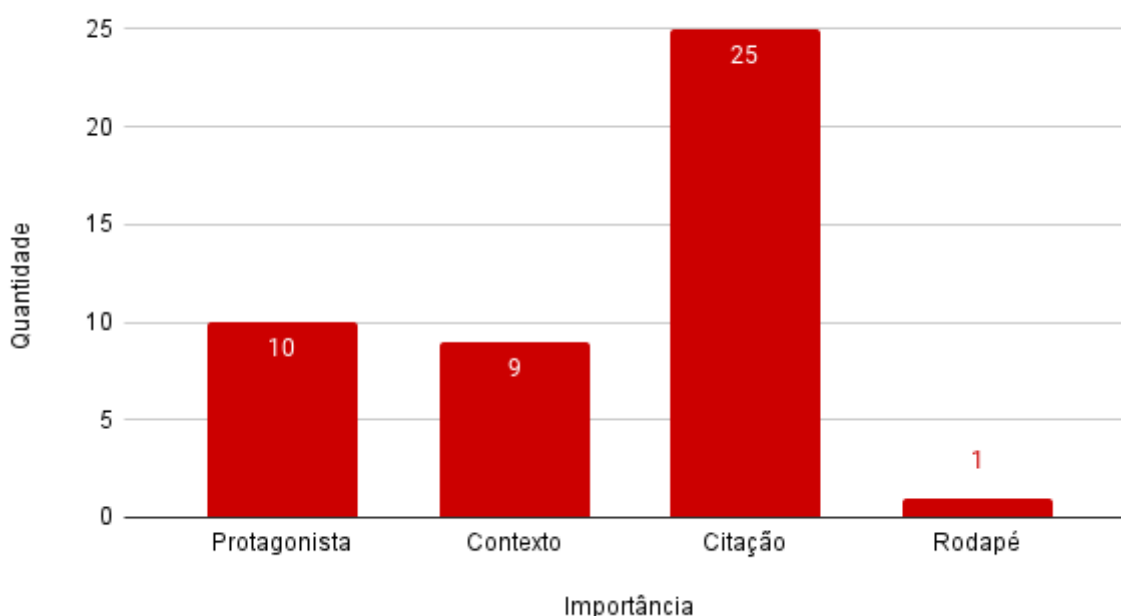


Gráfico 14 - Divisão de nível de importância de notícias com menção ao Brasil no News24

Como dito anteriormente, o Brasil é um mero coadjuvante tanto para os interesses da África do Sul, enquanto nação, quanto para a economia e geopolítica mundial. No que diz respeito ao

¹⁰² **Woman spends R10m to look like Kim Kardashian then another R2m to 'detransi-shian' to herself again**

News24. Disponível em <<https://www.news24.com/life/wellness/body/woman-spends-r10m-to-look-like-kim-kardashian-then-another-r2m-to-detransi-shian-to-herself-again-20220728>> Acesso em 4 de set. de 2022

tipo de apuração feito, há a mesma semelhança com o TN. São apenas sete notícias de agência de notícias, principalmente da France Presse, 36 apuradas pela News24.

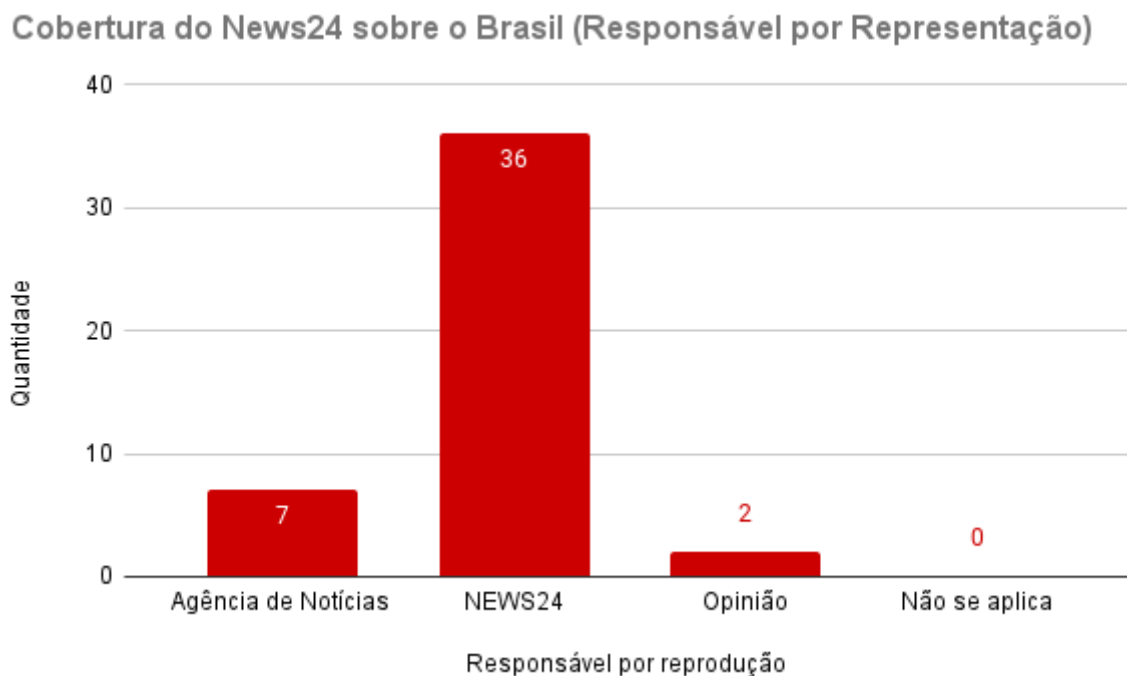


Gráfico 15 - Divisão por responsável por apuração de notícias com menção ao Brasil no News24

Um fator apresentado somente no News24 são notícias pagas e com *paywall* destinadas para um público assinante. Nas 13 notícias pagas, em nenhuma o Brasil foi protagonista. Além disso, assim como nos outros, a facilidade de acesso à informação também justificam a grande quantidade de notícias apuradas pelo próprio veículo jornalístico em questão.

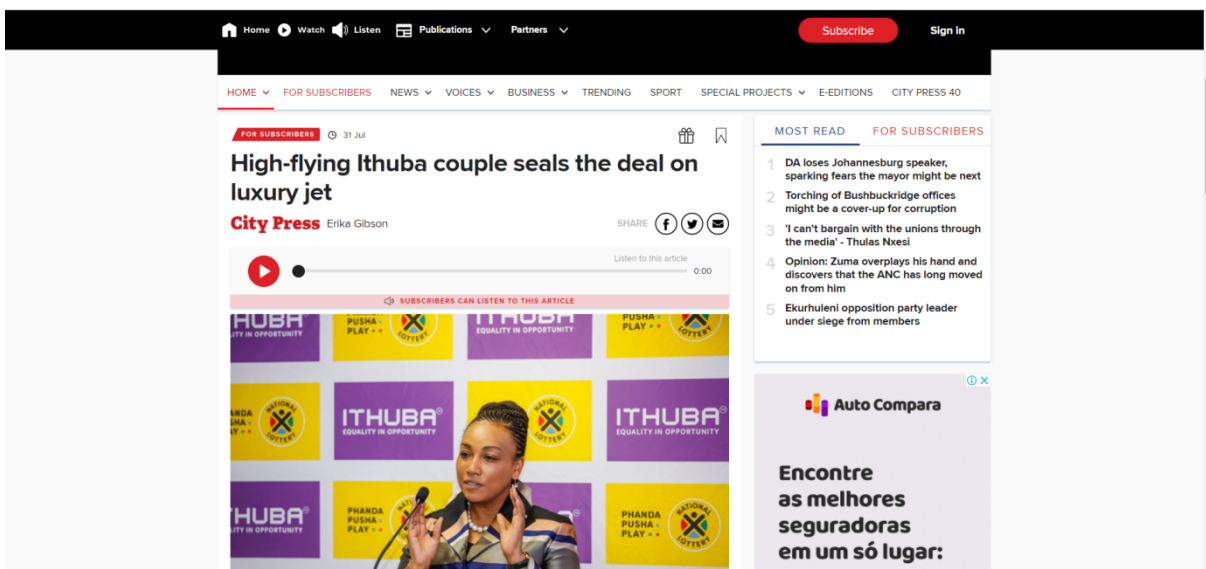


Figura 11 - Matéria paga “High-flying ithuba couple seals the deal on luxury jet” publicada no News24¹⁰³

Muitas dessas notícias vêm também de veículos parceiros e outras iniciativas associadas ao News24, como City Press, Business News e People, todos focados em nichos específicos de informação (Sociedade, Negócios e Celebidades, respectivamente).

Por fim, o que se conclui das matérias da África do Sul sobre o Brasil é que os dois se colocam basicamente no mesmo grau de importância, em que existem poucas notícias em que um é protagonista na mídia do outro. Mas, o Brasil é reconhecido de alguma forma como mais relevante para economia mundial, algo que não acontece com o país africano.

Os temas giram em torno de esportes e economia, como na análise da TN, mas outros assuntos como meio ambiente e crime (algo que se espera do Brasil) são deixados para “escanteio”. Uma hipótese de interpretação que surge para esse fenômeno é que a África do Sul sofre com esses mesmos problemas internos e prefere focar suas atenções em casos assim no contexto local.

3.5.5 COBERTURA DO NDTV (ÍNDIA) SOBRE O BRASIL

A NDTV é o veículo de comunicação que menos cobriu notícias com menção ao Brasil, 13 no total. O número é muito menor do que a TN Online e News24 (234 e 45, respectivamente). A cobertura da NDTV do Brasil é bem parecida com a cobertura G1 da Índia: prevalece a baixa quantidade de notícias e o equilíbrio.

¹⁰³ **High-flying Ithuba couple seals the deal on luxury jet**

News24. Disponível

em <<https://www.news24.com/citypress/trending/high-flying-ithuba-couple-seals-the-deal-on-luxury-jet-20220729>> Acesso em 4 de set. de 2022

Cobertura do NDTV sobre o Brasil (Tema Principal)

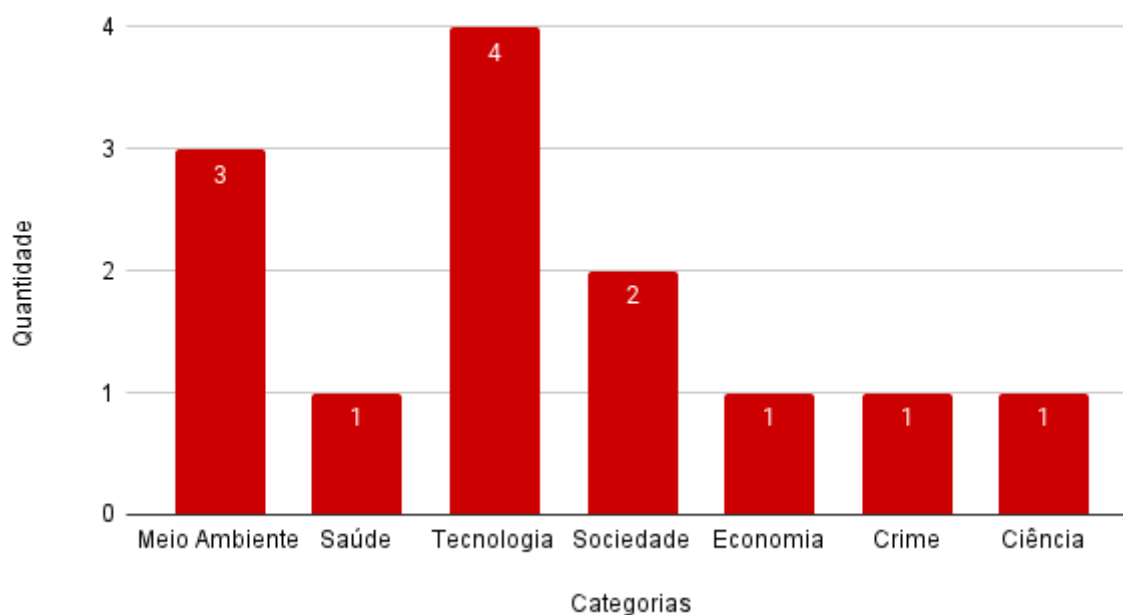


Gráfico 16 - Divisão por apuração de notícias com menção ao Brasil na NDTV

Diferentemente dos outros casos, a categoria de maior destaque não é Economia ou Esporte, mas sim Tecnologia. Isso acontece, pois esse conglomerado de mídia tem interesses e investimentos na área de tecnologia, por meio de outro investimento em um e-commerce de eletrônicos, chamado Gadgets 360°.

Essa mudança de viés é extremamente interessante pelo fato de trazer assuntos que normalmente não estão relacionados à imagem do Brasil no exterior. Um exemplo de matéria fora do padrão é sobre o banco Itaú, que começou a oferecer *crypto* moedas para os seus clientes.

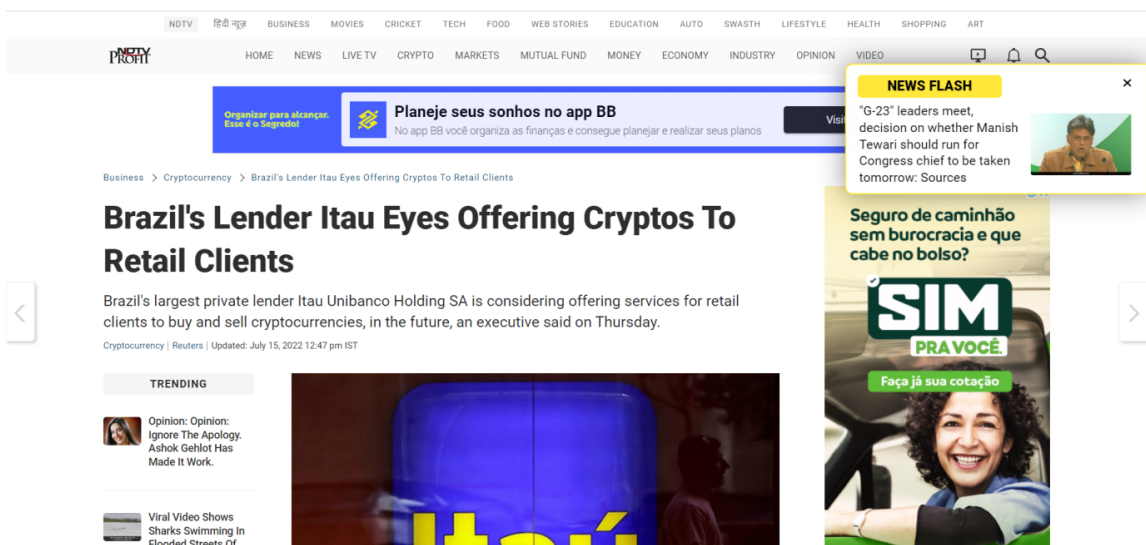


Figura 12 - Matéria de tecnologia “Brazil’s Lender Itau Eyes Offering Cryptos To Retail Clients” publicada na NDTV¹⁰⁴

Em segundo lugar vêm as notícias de Meio Ambiente, que tocam em temas como preservação da Amazônia e vida animal, algo mais condizente com o noticiário brasileiro na mídia internacional. As outras categorias têm basicamente uma notícia, exceto por sociedade que tem duas notícias repetidas e são de assuntos diversos como o primeiro caso de varíola de macaco fora da África (ou seja, no Brasil) e questões envolvendo economia dos BRICS.

¹⁰⁴ **Brazil’s Lender Itau Eyes Offering Cryptos To Retail Clients**

Reuters. Disponível

em <<https://www.ndtv.com/business/brazils-lender-itau-eyes-offering-cryptos-to-retail-clients-3160183>> Acesso em 5 de set. de 2022

Cobertura do NDTV sobre o Brasil (Nível de Importância)

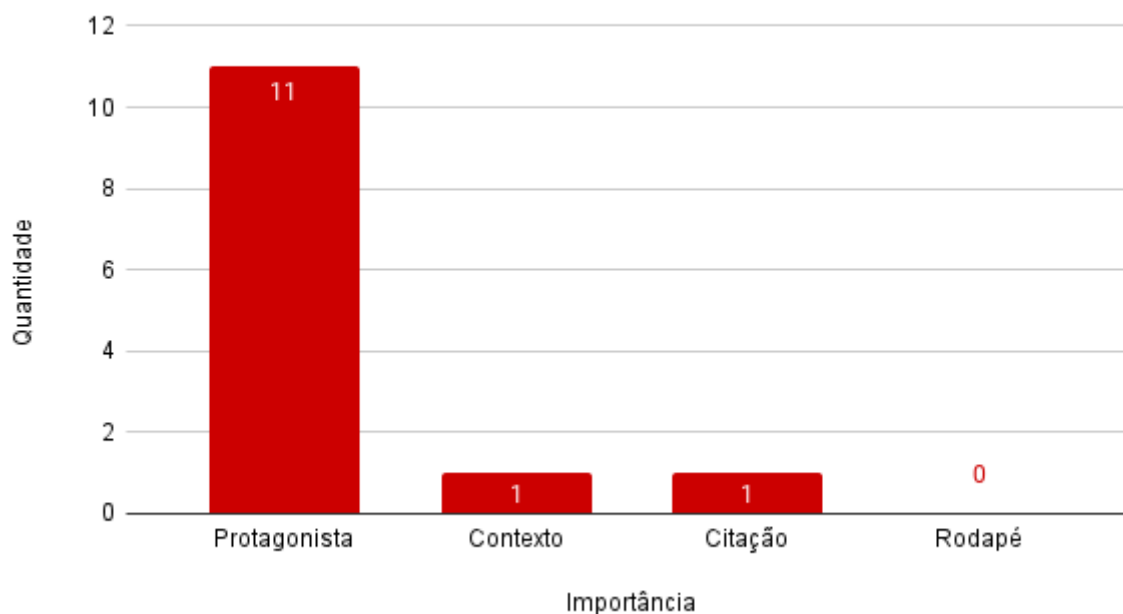


Gráfico 17 - Divisão por nível de importância de notícias com menção ao Brasil na NDTV

Em relação ao nível de importância, em quase todas o Brasil é protagonista da matéria. A explicação para essa condição deve ser porque o país tem baixa relevância no noticiário indiano e dessa maneira não se relaciona com situações que não específicas do cenário brasileiro. As notícias de contexto e citação são irrelevantes quantitativamente e qualitativamente.

Cobertura do NDTV sobre o Brasil (Responsável por Reprodução)

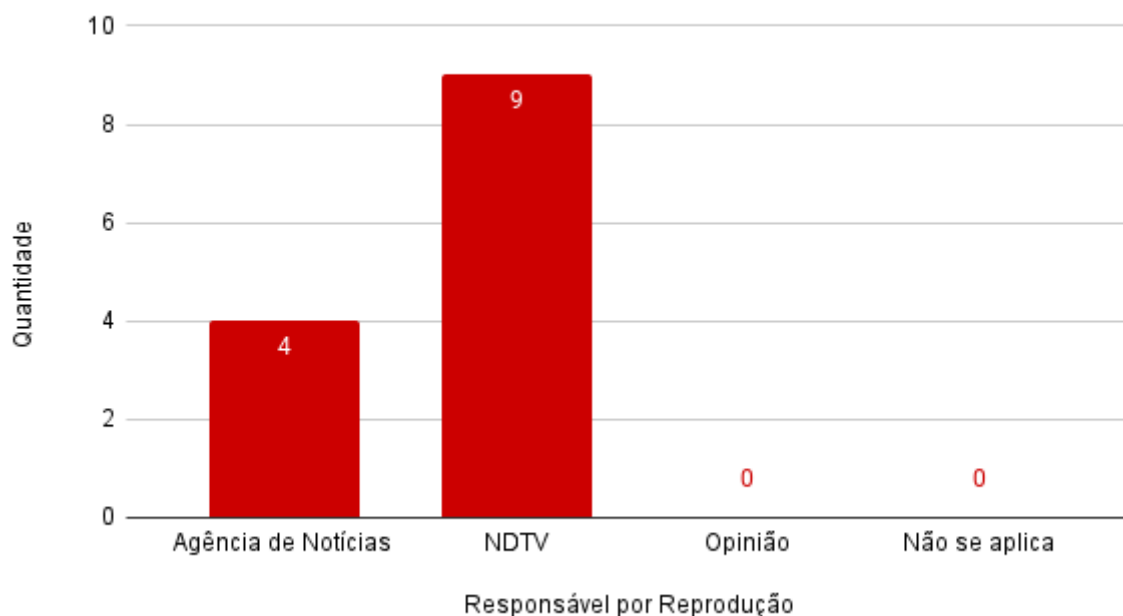


Gráfico 18 - Divisão por responsável de reprodução de notícias com menção ao Brasil na NDTV

Por fim, as quatro notícias de agência de comunicação vem da Reuters, mas a maioria foi de apuração da NDTV ou sites parceiros. O que se pode concluir dessa análise da NDTV e da cobertura da mídia indiana é que existe uma propensão de cobrir assuntos típicos relacionados ao Brasil, como crime e meio ambiente. Porém, há também uma exploração de um tema de nicho, que é a tecnologia voltado para um país subalterno como o Brasil, algo que não é comum. Isso quebra a construção das mesmas narrativas e adiciona uma nova camada de complexidade ao Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jornalismo, enquanto forma de representação social, tende a estar adaptado e automatizado às formas de apresentação do mundo estabelecidas pelos países dominantes. Isso é refletido não só pela influência destes no meios de comunicação, como as agências de notícias, mas também no *core* do ofício.

O estudo dos valores-notícias, que definem aquilo que é noticiado ou não, corroboram para um papel de coadjuvante dos países subalternos, até que eles consigam de alguma forma ultrapassar essa barreira. Alguns critérios, por exemplo, como “significância” (TRAQUINA, 2004) e “nações de elite” (GALTUNG E RUGE, 1965) dificultam arduamente a entrada de países subalternos no noticiário internacional, a não ser que seja algo de extrema excepcionalidade.

Por conta disso, algumas distorções do conteúdo noticioso de países subalternos são feitas, como afirma José Somavía (1976). Frequentemente países subalternos deixam de ser notícia se a relevância deles para um dominante acaba ou são então são vistos com uma condição de caos permanente. Ao mudar o escopo de análise da mídia geral para uma mídia subalterna e sobre países subalternos, é perceptível que algumas dessas características de representação se mantêm e outras são relativizadas.

Por exemplo, existem níveis de importância socioeconômica e cultural entre os próprios países subalternos. Então, por meio do estudo feito, é possível afirmar que a África do Sul tem uma posição de relevância inferior para o Brasil, se comparado à Argentina e à Índia. Vários fatores levam a esse resultado, como proximidade cultural, poder econômico e político.

A Índia é um bom exemplo de um país que se encontra com baixa quantidade de notícias no geral, porém detém discursos variados sobre si. Uma hipótese para essa situação é que o país asiático hoje tem uma posição geopolítica que interessa a vários atores distintos, algo que não acontece tanto com Brasil, Argentina e África do Sul.

Além disso, algumas práticas comum entre o *establishment* do jornalismo internacional também são notadas, como o fato de que os valores-notícia de “negatividade” ou “dramatização” (GALTUNG E RUGE, 1965) são ainda frequentemente usados para classificar se um país subalterno será notícia ou não. Grande parte das notícias coletadas, seja de Brasil, Argentina, África do Sul e Índia, caem nessa categoria. Isso é interessante também do ponto de vista que a repercussão interna e o tipo de cobertura feita pela mídia local reverbera com o mesmo enquadramento lá fora.

Em relação a valores de seleção e contexto, como “dia noticioso” e “disponibilidade” propostos por Nelson Traquina (2004), a internet de fato contribui para encurtar essas distâncias e retira um pouco do domínio jornalístico das agências internacionais. Porém, esses

tipos de valores ainda existem, usados como critérios de seleção na hora de dar uma notícia sobre um país rico ao invés de um país pobre. A própria visão de Manuel Castells (2001) de “divisão-digital” se mostra concretizada décadas depois, em que os países com menos acesso à internet, como Índia e África do Sul, são os que tem menos notícias sobre a suas respectivas realidades.

Dessa maneira, essa forma de fazer jornalismo internacional é justificável diante de todos os fatores externos e internos que existem no fazer da profissão, porém é possível defender que ela causa distorções e favorecimentos de certos atores perante outros. Algo que resulta, em uma última instância, o “perigo de uma única história” (ADICHIE, 2009).

A cobertura massiva de um único aspecto da realidade, como Economia para a Argentina, Esporte para o Brasil, por exemplo, condicionam esses países, mesmo tão próximos, a uma visão parcial da realidade um do outro e contamina ambos a se verem como isso, em primeiro plano.

Por fim, esta monografia teve como objetivo perceber como é feita a cobertura de notícias de países subalternos por veículos jornalísticos de países subalternos. Ao todo, foram selecionadas e estudadas 386 notícias de quatro países diferentes (Brasil, Argentina, África do Sul e Índia), tendo cada um das nações, um representante. (G1, TN Online, News24 e NDTV)

As notícias de cada veículo foram divididas em três tipos de análise (tema principal, nível de importância, responsável por representação), em que cada um desses foi subdividido em categorias. O método de pesquisa utilizado foi a análise de conteúdo proposto por Bardin (2011).

REFERÊNCIAS

ACEMOGLU, Daron; ROBINSON, James A. **Por que as nações fracassam**. Editora Intrinseca, 2022.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **The danger of a single story**. 2009.

Agence France Presse. Instagram: @afpphoto. Disponível em <<https://www.instagram.com/afpphoto/>>. Acesso em: 31 de out. 2022

Associated Press. LinkedIn: The Associated Press. Disponível em <<https://www.linkedin.com/company/associated-press/>>. Acesso em: 31 de out. 2022

As diferenças entre avanço da esquerda na América Latina e 'onda rosa' de duas décadas, BBC Mundo. Disponível em <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/07/04/as-diferencas-entre-avanco-da-esquerda-na-america-latina-e-onda-rosa-de-duas-decadas.ghtm>> Acesso em 1 de set. de 2022

Atiradores de Johannesburgo dispararam pelo menos 137 vezes, diz polícia, G1. Disponível em <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/07/11/atiradores-de-johanesburgo-dispararam-pelo-menos-137-vezes-diz-policia.ghtml>> Acesso em 31 de ago de 2022.

AUGÉ, Marc. **Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã. Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, p. 99-117, 2006.

BALDESSAR, Maria José. "Noticiário internacional: um mapa de contradições e influências ideológicas e econômicas". Geografias da Comunicação: espaço de observação, pág.129-142. 2014

BARBOSA, Suzana. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. **Notícias e Mobilidade. O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis**, Covilhã, PT, Livros LabCOM, p. 33-54, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edição70, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade**. Zahar, 2003.

CHAKRABARTY, Dipesh. A small history of subaltern studies. **A companion to postcolonial studies**, p. 467-485, 2000.

COLEMAN, Renita et al. Agenda setting. In: **The handbook of journalism studies**. Routledge, 2009. p. 167-180.

CountryEconomy. Disponível em <<https://pt.countryeconomy.com/>> Acessado em: 4 de nov. 2022

COSOY, Natalio. **Como a guerra entre o governo da Colômbia e as Farc começou e por que ela durou mais de 50 anos**, BBC Mundo. Disponível em<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37181620>> Acesso em 31 de out de 2022.

DRUETTA, Delia. "**Informe MacBride: 40 años de utopias postergadas**" Um mundo e muitas vozes: da utopia à distopia? pág.19-32. 2021.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Editora Civilização Brasileira,1968, 2022.

FRAZÃO, Dilva, **Pablo Escobar, Narcotraficante colombiano**, E-Biografia. Disponível em<https://www.ebiografia.com/pablo_escobar/#:~:text=Pablo%20Escobar%20foi%20um%20narcotraficante,criminoso%20mais%20procurado%20do%20mundo.> Acesso em 31 de out de 2022.

G1. Disponível em<<https://g1.globo.com/>> Acessado em: 20 de set de 2022

GANS, Herbert J. **Deciding what's news: A study of CBS evening news, NBC nightly news, Newsweek, and Time**. Northwestern University Press, 2004.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. **The structure of foreign news: The presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers**. Journal of peace research, v. 2, n. 1, p. 64-90, 1965.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC, 2016.

HIGA, Carlos César. **Destino Manifesto**, Brasil Escola. Disponível em<<https://brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/destino-manifesto.htm>>. Acesso em: 02 de nov. de 2022.

High-flying Ithuba couple seals the deal on luxury jet

News24. Disponível em<<https://www.news24.com/citypress/trending/high-flying-ithuba-couple-seals-the-deal-on-luxury-jet-20220729>> Acesso em 4 de set. de 2022

Homem morre após ingerir uma garrafa inteira de licor em dois minutos, G1. Disponível em<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/07/14/homem-morre-apos-ingerir-uma-garrafa-inteira-de-licor-em-dois-minutos.ghtml>> Acesso em 29 de ago. de 2022.

Argentina: homenagens aos 70 anos da morte de Evita Perón, Globo News. Disponível em<<https://g1.globo.com/globonews/estudio-i/video/argentina-homenagens-nos-70-anos-de-morte-de-evita-peron-10793493.ghtml>> Acesso em 1 de set. de 2022

Human Developman Index (HDI), United Nations. Disponível em <<https://hdr.undp.org/data-center/human-development-index#/indicies/HDI>> Acesso em: 02 de nov. de 2022.

La Selección argentina aplastó 5-0 a Uruguay en la Copa América femenina y sueña con las semifinales

TN. Disponível em <<https://tn.com.ar/deportes/futbol/2022/07/15/la-seleccion-argentina-aplasto-5-0-a-urugua-y-en-la-copa-america-femenina-y-suena-con-las-semifinales/>> Acesso em 3 de set. de 2022

LASSWELL, Harold D. **Propaganda technique in world war I**. MIT press, 1971. Disponível em <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015000379902>> Acesso em: 02 de ago. de 2022.

Lila2727. **Representation and Media Stuart Hall 1997 (Definition of Representation)**. YouTube, 28 de jul. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HXdqV6cjHqs&t=1s>>. Acesso em: 25 de jul. 2022.

LIPPMANN, Walter. **Public opinion**. 1922. URL: http://infomotions.com/etexts/gutenberg/dirs/etext04/pbp_nn10.htm, 1965.

MACBRIDE, Sean. **Many voices, one world: Towards a new, more just, and more efficient world information and communication order**. UNESDOC Digital Library. Disponível em <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000040066>>. Acesso em: 02 de nov. de 2022

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, 2(32). 122-151, 2017

MONDRAGÓN, Carlos. (2017). **Otros fines del mundo**. Revista de la Universidad de México, Extinción, nov. 2017. 61-68.

Mortes em bar na África do Sul podem ter ocorrido por ingestão de bebida, comida ou droga, dizem investigadores, G1. Disponível em <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/06/27/mortes-em-bar-na-africa-do-sul-podem-ter-ocorrido-por-ingestao-de-bebida-comida-ou-droga-dizem-investigadores.ghtml>> Acesso em 29 de ago. de 2022.

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional**. Editora Contexto, 2004.

NDTV. Disponível em <<https://www.ndtv.com/>> Acessado em: 20 de set de 2022

News24. Disponível em <<https://www.news24.com/>> Acessado em: 20 de set de 2022

O que é o vírus Marburg, 'primo' do ebola que voltou a preocupar após mortes em Gana, BBC Mundo. Disponível em <<https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/07/18/o-que-e-o-virus-marburg-primo-do-ebola-que-voltou-a-preocupar-apos-mortes-em-gana.ghtml>> Acesso em 29 de ago. de 2022.

O que são big techs e qual seu papel na sociedade atual?, Sottelli. Disponível em <<https://sottelli.com/big-techs-e-seu-papel-na-sociedade/>> Acesso em 02 de nov. de 2022.

PINHEIRO, Laura. **Brasil registra mais de 7 mil mortes por Covid em julho, apontam secretarias de Saúde**, G1. Disponível em <<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/08/01/brasil-registra-mais-de-7-mil-mortes-por-covid-em-julho-apontam-secretarias-de-saude.ghtml>> Acesso em 29 de set. de 2022.

Presidente da Argentina cria 'superministério' da Economia, Jornal Nacional. Disponível em <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/28/presidente-da-argentina-cria-superministerio-da-economia.ghtml>> Acesso em 1 de set. de 2022

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. Espacio Abierto, v. 28, n. 1, p. 255-301, 2019.

Reuters. Instagram: @reuters. Disponível em <<https://www.instagram.com/reuters/>>. Acesso em: 31 de out. 2022

RÊGO, Isabela Naira Barbosa; DOURADO, Jacqueline Lima. Economia Política da Comunicação e uma Reflexão Teórica sobre a Mídia nas Sociedades Capitalistas. In: **Anais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste–Mossoró–RN–Intercom**. 2013.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

Sangriento operativo policial en una favela de Río de Janeiro: hay 18 muertos
TN. Disponível em <<https://tn.com.ar/deportes/futbol/2022/07/15/la-seleccion-argentina-aplasto-5-0-a-urugua-y-en-la-copa-america-femenina-y-suena-con-las-semifinales/>> Acesso em 3 de set. de 2022

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Companhia de Bolso, 2011

SALINAS, Raquel. *Agencias transnacionales de informacion y el tercer mundo*. Quito: UNESCO. 1984

SANTANA, Esther. **Confederação dos Tamoios**, Educa+Brasil. Disponível em <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/confederacao-dos-tamoios>> Acesso em 02 de nov. de 2022.

SAUVY, Alfred. *Document: Trois mondes, une planète. Vingtième siècle. Revue d'histoire*, p. 81-83, 1986.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Lara. **Caminhoneiro brasileiro fica retido em nevasca na Cordilheira dos Andes**, G1 Sul de Minas. Disponível em <<https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2022/07/12/caminhoneiro-brasileiro-fica-retido-em-nevasca-na-cordilheira-dos-andes.ghtml>> Acesso em 1 de set. de 2022

SIMIONATTO, Ivete. Classes subalternas, lutas de classe e hegemonia: uma abordagem gramsciana. **Revista Katálisis**, v. 12, p. 41-49, 2009.

SOMAVÍA, Juan. *La Estructura Transnacional de Poder y la Información Internacional. Elementos para la definición de políticas frente a las agencias, transnacionales de noticias*. Nueva Sociedad Nro 25 Julio-Agosto, p. 47-58, 1976.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010

STEWART, Frances. The Brandt Report. **The IDS Bulletin**, v. 12, n. 2, p. 36-38, 1981

Tati Weston-Webb vence mais uma etapa no Circuito Mundial de Surfe, Globoplay. Disponível em<<https://globoplay.globo.com/v/10760715/>> Acesso em 29 de set. de 2022.

TED. **Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história**. YouTube, 28 de jul. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg&t=801s>>. Acesso em: 25 de jul. 2022.

TN Online. Disponível em<<https://tn.com.ar/>> Acessado em: 20 de set. 2022

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística: Uma comunidade interpretativa transnacional** Insular Livros, 2020

TURCI, Erica. **Reino de Espanha - O primeiro império global da era moderna**, Educação UOL. Disponível em<<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/reino-de-espanha-o-primeiro-imperio-global-da-era-moderna.htm>> Acesso em 30 de out. de 2022.

United Press International. Instagram: @upi. Disponível em <<https://www.instagram.com/upi/>>. Acesso em: 31 de out. 2022

UWTO Tourism Recovery Tracker, *World Tourism Organization*. Disponível em<<https://www.unwto.org/tourism-data/unwto-tourism-recovery-tracker>>. Acesso em: 02 de nov. de 2022.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The platform society: Public values in a connective world**. Oxford University Press, 2018.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico e Civilização capitalista**; tradução Renato Aguiar, revisão de tradução César Benjamin e Immanuel Wallerstein.- Rio de Janeiro:Contraponto, 2001

World Economic Outlook Report October 2022, *International Monetary Fund*. Disponível em<<https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2022/10/11/world-economic-outlook-october-2022>> . Acessado em: 01 de nov. de 2022

ANEXOS

Todas as 386 notícias analisadas do G1, TN Online, News24 e NDTV que compõem o corpus deste trabalho, assim como os gráficos estão disponíveis no link abaixo:

https://drive.google.com/drive/folders/1VzrR_hIv_4mSJIqRG2X7ImGsXIRDT0sY?usp=share_link